



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E**  
**GESTÃO SOCIAL**

**ANA PAULA SANTOS CARNEIRO**

**DO FUNDAMENTO AO CAMINHO: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS  
E O ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO**

**Salvador**

**2024**

**ANA PAULA SANTOS CARNEIRO**

**DO FUNDAMENTO AO CAMINHO: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS  
E O ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Gestão Social, na Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social.

Orientadora: Profa. Dra. Claudiani Waiandt

**Salvador**

**2024**

Escola de Administração - UFBA

C195 Carneiro, Ana Paula Santos.

Do fundamento ao caminho: bibliotecas comunitárias e o  
enraizamento comunitário / Ana Paula Santos Carneiro. – 2025.  
128 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Claudiani Waiandt.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola  
Administração, Salvador, 2025.

1. Biblioteca e comunidade – Estudo de casos.
2. Territorialidade. 3. Administração cultural. 4. Rede Nacional de  
Bibliotecas Comunitárias. 5. Comunidades - Desenvolvimento.
6. Bibliotecas – Redes de informação. 7. Tecnologia apropriada.
- I. Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração.
- II. Título.

CDD – 303.4833



*Universidade Federal da Bahia*  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO  
SOCIAL (PPGDGS)**

ATA N° 62

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL (PPGDGS), realizada em 17/12/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO PROFISSIONAL EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL no. 62, área de concentração Desenvolvimento e Gestão Social, do(a) candidato(a) ANA PAULA SANTOS CARNEIRO, de matrícula 2022119732, intitulada DO FUNDAMENTO AO CAMINHO: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E O ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO. Às 14:30 do citado dia, UFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Profª. Dra. CLAUDIANI WAIANDT que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. EDUARDO PAES BARRETO DAVEL, Profª. Dra. LUCIANA SACRAMENTO MORENO GONÇALVES e Profª. Esp. LUCIANA CONCEIÇÃO DE JESUS PAIXÃO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

**Esp. LUCIANA CONCEIÇÃO DE JESUS PAIXÃO**

Examinadora Externa à Instituição



Documento assinado digitalmente  
LUCIANA CONCEICAO DE JESUS  
Data: 22/03/2025 10:54:42-0300  
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

**Dra. LUCIANA SACRAMENTO MORENO GONÇALVES, UNEB**

Examinadora Externa à Instituição

**Dr. EDUARDO PAES BARRETO DAVEL, UFBA**

Examinador Interno



Documento assinado digitalmente  
EDUARDO PAES BARRETO DAVEL  
Data: 24/03/2025 16:02:22-0300  
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

**Dra. CLAUDIANI WAIANDT, UFBA**

Presidente

Documento assinado digitalmente  
CLAUDIANI WAIANDT  
Data: 24/03/2025 14:19:32-0300  
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

**ANA PAULA SANTOS CARNEIRO**

Mestrando(a)

Documento assinado digitalmente  
ANA PAULA SANTOS CARNEIRO  
Data: 24/03/2025 12:12:30-0300  
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Às que vieram antes de mim e que hoje chegam aqui através de mim, minhas ancestrais:  
Maria Barros, Justina Barros de Santana, Edna Maria Marques Bacelar, Joana Evangelina dos  
Santos, Maria José Santos Carneiro.

Às que vieram depois de mim e que poderão ir onde quiserem, minhas netas: Luna Rosas  
Santos Carneiro, Dandara Fernanda Magalhães Carneiro Costa, Yara Helena Guimarães  
Carneiro e Jade Guimarães Carneiro.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço às Mães Divinas – minhas mães Oxum, Iansã e Iemanjá –, ao povo cigano, ao meu divino Mestre Swami Sathya Sai Baba e a toda a egrégora espiritual de amor que me guiou até aqui.

Agradeço à primeira sonhadora da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, Gicélia Barros, pois toda essa pesquisa só foi possível porque, um dia, ela sonhou e chamou as outras sonhadoras para erguer esse sonho, e entre essas sonhadoras, eu também me incluo.

À todas as meninas e mulheres que, todos os dias, dedicam trabalho, amor e dedicação para que essa biblioteca se mantenha viva, não dá pra escrever o nome de todas, porque de fato, são muitas mulheres sonhadoras.

Às companheiras da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador, da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e da Oxe Bahia: Rede de Bibliotecas Comunitária da Bahia. Agradeço pelas palavras de encorajamento proferidas com tanto amor por tia Zélia e Tio Carmerival, do Sorriso de Criança, meu lar em Feira de Santana, vocês estão presentes em cada passo de mudança.

Aos meus colegas e professores do PDGS, em especial, a minha orientadora Claudiani Waiandt.

Agradeço ao meu amigo Aélio Filho, que iniciou essa jornada no PDGS e me deu caminho pra chegar aqui também.

A Samuel Lopes, que não esteve no início, mas que, ao chegar pertinho do final desse ciclo, foi imprescindível para essa conquista.

Agradeço a minha família da Casa do Sol Padre Luís Lintner, por ter me acolhido nos momentos mais intensos dessa jornada.

Aos meus filhos, Davidson e Gabriel, por torcerem e compreenderem o que tudo isso significa pra mim. Na dedicatória, não falei de duas pessoas que foram fundamentais, pois queria trazê-las aqui: o meu neto Ragnar, que não entrou lá em cima na dedicatória porque ali eu quis deixar as ancestrais e as netas, mas agradeço de maneira especial a ele, pois no dia em que nasceu, eu o carreguei nos braços e, entre um mantra e outro, eu segredei a ele que um dia seria uma Mestra. E aqui estou eu!

A Angela Maria Santos Oliveira, a quem reservo todos os agradecimentos que couberem neste mundo, à minha irmã e Dinda. Foi com ela que fui a primeira vez ao médico, aprendi a ler e fiz minha primeira apresentação teatral. Ela quem cuidou dos meus filhos para que eu pudesse voltar a estudar e dos meus netos para que eu pudesse me firmar no chão das

bibliotecas. Ela que me acompanhou durante o nascimento de meus filhos, seguiu comigo compartilhando água, chá, café e muita escuta e paciência, até que eu desse à luz a essa dissertação: “Do Fundamento ao Caminho: Bibliotecas Comunitárias e o Enraizamento Comunitário”. Agradeço a você, minha Dinda, porque muito do realizado deve-se à sua generosidade, cuidado e amorosidade.

À FAPESB, pela concessão da bolsa científica, que me conduziu a uma pesquisa mais profícua e cuidadosa.

*Na vida é preciso ter fundamento e caminho.*

Joel Rufino

CARNEIRO, Ana Paula Santos. **DO FUNDAMENTO AO CAMINHO: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E O ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO.** Orientadora: Profa. Dra. Claudiani Waiandt. 2024. 132 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social). Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, 2024.

## RESUMO

As bibliotecas comunitárias são espaços criados e geridos por pessoas que acreditam no poder transformador da literatura oral e escrita, que resistem nas periferias como locais de educação e cultura, onde predominam a troca de saberes e fazeres, a construção de cidadania e o empoderamento. Esta pesquisa tem como objetivo compreender a contribuição da gestão compartilhada na Biblioteca Comunitária 7 de Abril para sua consolidação, para desenvolver atividades formativas que promovam a escuta e o enraizamento territorial para o desenvolvimento de Bibliotecas Comunitárias. A pesquisa foi qualitativa com realização de estudo de caso, realizado a partir da experiência da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, tendo como instrumentos de pesquisa a análise de documentos da instituição, observação participante e entrevistas semiestruturadas. O método aplicado foi o de análise de conteúdo. A Tecnologia de Gestão Social para Desenvolvimento Territorial (TGS.DT) apresentada consiste numa capacitação para criação de bibliotecas comunitárias, com base no enraizamento comunitário, fundamentada na experiência da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, que integra a Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador e a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. As atividades propostas na capacitação priorizam a escuta ativas das pessoas da comunidade, considerando reflexões sobre o pertencimento dos indivíduos ao território (Caminho para iniciação), as suas relações com instituições e lugares do território (Ori conectado), o alinhamento conceitual sobre os elementos fundantes de uma biblioteca comunitária (*Xirê de ideias*) e a elaboração de um projeto colaborativo (O fundamento) construído com base na mandala contida no *Dragon Dreaming*.

**Palavras-chave:** Bibliotecas comunitárias; enraizamento comunitário, gestão compartilhada; tecnologia social; Biblioteca Comunitária Sete de Abril.

CARNEIRO, Ana Paula Santos. **FROM THE FOUNDATION TO THE WAY: COMMUNITY LIBRARIES AND COMMUNITY ROOTING.** Advisor: Profa. Dr. Claudiani Waiandt. 2024. 121 f. Dissertation (Master's in Development and Social Management). School of Administration, Federal University of Bahia, 2024.

## ABSTRACT

Community libraries are spaces created and managed by people who believe in the transformative power of oral and written literature, which endure in the peripheries as places of education and culture, where the exchange of knowledge and work, the construction of citizenship and empowerment predominate. This research aims to understand the contribution of shared management in the 7 de Abril Community Library to its consolidation, in order to develop training activities that promote listening and territorial rooting for the development of Community Libraries. The research was qualitative and involved a case study based on the experience of the Sete de Abril Community Library. The research tools used were an analysis of the institution's documents, participant observation and semi-structured interviews. The method used was content analysis. The Social Management Technology for Territorial Development (TGS.DT) presented consists of training for the creation of community libraries, based on community rooting, based on the experience of the Sete de Abril Community Library, which is part of the Salvador Community Library Network and the National Community Library Network. The activities proposed in the training prioritize active listening to people in the community, considering reflections on individuals' belonging to the territory (Path to initiation), their relationships with institutions and places in the territory (Ori connected), conceptual alignment on the founding elements of a community library (Xirê of ideas) and the elaboration of a collaborative project (The foundation) built on the mandala contained in Dragon Dreaming.

**Keywords:** Community libraries; community rooting, shared management; social technology; Sete de Abril Community Library.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01 – Título Eixos do Programa Prazer em Ler .....</b>	33
<b>Figura 02 – Coletivo na fundação da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitária.....</b>	43
<b>Figura 03 – Encontro e formação da RNBC com a escritora Conceição Evaristo.....</b>	50
<b>Figura 04 – Linha do Tempo Política Nacional de Leitura e Escrita .....</b>	52
<b>Figura 05 – Bairros que compõem a Prefeitura Bairro IX – Pau da Lima, Salvador, Bahia .....</b>	56
<b>Figura 06 – Quadro socioeconômico do bairro Sete de Abril, Salvador, Bahia .....</b>	56
<b>Figura 07 – Foto da biblioteca no subsolo da Igreja Nossa Senhora do Carmo (acervo da biblioteca) .....</b>	58
<b>Figura 08 – Linha do tempo da Biblioteca Comunitária Sete de Abril .....</b>	60
<b>Figura 09 – Foto do mural da biblioteca grafitado pela artista Carol Garcia.....</b>	63
<b>Figura 10 – Reunião de voluntárias da BC7A .....</b>	64
<b>Figura 11 – Foto do público na varanda durante apresentação na II FLIB7 .....</b>	65
<b>Figura 12 – Título Foto da mediação de Leitura com teatro de bonecos .....</b>	65
<b>Figura 13 – Foto da mediação do espaço da Biblioteca pela mediadora de leitura Ana Paula Carneiro.....</b>	66
<b>Figura 14 – Foto da bancada de trabalho onde são realizados cadastramentos e empréstimos .....</b>	67
<b>Figura 15 – Ciclo processual da BC7A .....</b>	69
<b>Figura 16 – Logo da Biblioteca comunitária Sete de Abril e da Associação Beneficente Cultural Ugo Meregalli .....</b>	74
<b>Figura 17 – Etapas do Curso de Formação .....</b>	86
<b>Figura 18 – Esquema da corpografia.....</b>	88
<b>Figura 19 – Quadro demonstrativo formativo .....</b>	91
<b>Figura 20 – Quadro Demonstrativo formativo .....</b>	91
<b>Figura 21 – Quadro demonstrativo formativo .....</b>	92
<b>Figura 22 – Quadro demonstrativo formativo .....</b>	92
<b>Figura 23 –Quadro demonstrativo formativo .....</b>	93
<b>Figura 24 – Quadro demonstrativo formativo .....</b>	93
<b>Figura 25 – Imagem da mandala do <i>Dragon dreaming</i> .....</b>	95
<b>Figura 26 – Fotos da visitação às bibliotecas comunitárias de Medellin e apresentação do espetáculo “Nosso tempo é agora” .....</b>	110

<b>Figura 27 – Fotos da roda de conversa na Biblioteca Pública San Javier e Bate Papo após a apresentação do espetáculo “Nosso tempo é agora”.....</b>	111
<b>Figura 28 – Fotos da Explanação de Natália Espejo sobre os processos de Gestão do Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín.....</b>	111
<b>Figura 29 – Fotos da entrevista, apresentação e observação de mediação de leitura na Biblioteca La Floresta .....</b>	112
<b>Figura 30 – Fotos das entrevistas e visita guiada na Biblioteca 12 de Octubre .....</b>	112
<b>Figura 31 – Fotos da Biblioteca Comunitária SUCRE e apresentação BC SUCRE .....</b>	113
<b>Figura 32 – Imagens da aplicação de parte da capacitação Nascedouro de Bibliotecas Comunitárias.....</b>	113
<b>Figura 33 – Fotos do card da peça “Nosso tempo é agora” e da apresentação cênica ...</b>	114
<b>Figura 034 – Fotos da Biblioteca Santa Cruz e Sala de Lectura Eduardo Galeano.....</b>	114
<b>Figura 35 – Fotos da Bibliocielo e da apresentação de dança de jovens da comunidade .....</b>	115
<b>Figura 36 – Foto da visita guiada e entrevista Biblioteca La Ladera .....</b>	115
<b>Figura 37 – Apresentação de “O Nosso Tempo Agora Biblioteca San Antonio Prado ..</b>	116
<b>Figura 38 – Foto da vista externa da Biblioteca Santa Helena .....</b>	116
<b>Figura 39 –Foto da vista externa da Biblioteca Santa Helena .....</b>	117
<b>Figura 40 – Fotos do Elemental Teatro .....</b>	117

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 01 – Comparativo entre Bibliotecas Públcas e Bibliotecas Comunitárias .....</b>	<b>23</b>
<b>Quadro 02 –Marcos históricos da leitura no Brasil.....</b>	<b>26</b>
<b>Quadro 03 – Técnicas metodológicas e Produtos .....</b>	<b>38</b>
<b>Quadro 04 – Bibliotecas Públcas Municipais e Estaduais de Salvador.....</b>	<b>41</b>
<b>Quadro 05 – Bibliotecas Comunitárias RBCS .....</b>	<b>48</b>
<b>Quadro 06 – Gestão Social para o Desenvolvimento e Gestão Compartilhada - Biblioteca Comunitária Sete de Abril.....</b>	<b>79</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABEMSA- Associação Beneficente dos Moradores de Sete de Abril  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CMASS- Conselho Municipal de Assistência Social  
CMDCA- Conselho Municipal da Criança e do Adolescente  
CNPC- Conselho Nacional de Políticas Culturais  
CONDER- Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Regional  
CODETER- Colegiado de Desenvolvimento Territorial  
CRAS- Centro de Referência de Assistência Social  
CSLLL- Conselho Setorial do Livro, Leitura e Literatura  
DLLLB- Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca  
FAPESB- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia  
FGM - Fundação Gregório de Matos  
FPC - Fundação Pedro Calmon  
MIACC- Movimento Artístico Cultural pela Cidadania  
PELL- Plano Estadual do Livro Leitura  
PMLLB- Plano Municipal do Livro, leitura e Biblioteca  
PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura  
PPL - Programa Prazer em Ler  
PROLER- Programa Nacional de Incentivo à Leitura  
RBCS - Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador  
RNBC - Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias  
PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita  
UFBA- Universidade Federal da Bahia  
UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura  
URBIS-Habitação e Urbanização do Estado da Bahia S/A

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: PRINCÍPIOS E GESTÃO COMPARTILHADA</b>	
<b>22</b>	
2.1 REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE BIBLIOTECA COMUNITÁRIA .....	22
2.2 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS .....	25
<b>2.2.1 Literatura como Direito Humano.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2.2 Enraizamento Comunitário.....</b>	<b>29</b>
2.3 GESTÃO COMPARTILHADA EM BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: ESPAÇO, ACERVO, MEDIAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INCIDÊNCIA POLÍTICA .....	32
<b>3. PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO.....</b>	<b>37</b>
<b>4. TRAJETÓRIA DE CONSOLIDAÇÃO DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM SALVADOR, BAHIA.....</b>	<b>41</b>
<b>5. ESTUDO DE CASO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA SETE DE ABRIL: DA PRIMEIRA SONHADORA AO SONHO COLETIVO .....</b>	<b>55</b>
5.1 ESPAÇO, ACERVO E MEDIAÇÃO DE LEITURA: OS FUNDAMENTOS DESSA CASA .....	62
<b>5.1.1 O espaço onde brota a semente boa.....</b>	<b>62</b>
<b>5.1.2 O acervo: os frutos a serem oferecidos.....</b>	<b>68</b>
<b>5.1.3 Colhendo e repartindo os frutos da Mediação de Leitura.....</b>	<b>70</b>
5.2 COMUNICAÇÃO DAS AÇÕES PARA O MUNDO: MULHERES DA COMUNIDADE DE SETE DE ABRIL, PRESENTES! .....	72
5.3 A INCIDÊNCIA POLÍTICA QUE BROTA DA AÇÃO DAS MEDIADORAS E GESTORAS.....	75
5.4 ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO E OS CAMINHOS ABERTOS PARA CONEXÃO COM A COMUNIDADE.....	76
5.5 GESTÃO COMPARTILHADA DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: PRINCÍPIOS DA GESTÃO SOCIAL E AS REFERÊNCIAS PARA O NASCEDOURO DE BIBLIOTECAS .....	78

<b>6. RESIDÊNCIA SOCIAL EM MEDELLÍN .....</b>	<b>81</b>
<b>7. PROPOSTA DE CAPACITAÇÃO PARA CRIAÇÃO DE BC - NASCEDOUROS DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS .....</b>	<b>85</b>
7.1 ETAPA I: CAMINHO PARA INICIAÇÃO .....	87
7.2 ETAPA II: ORÍ CONECTADO .....	89
7.3 ETAPA III: XIRÊ DE IDEIAS.....	89
7.4 ETAPA IV: O FUNDAMENTO .....	94
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO A - DIÁRIO DE BORDO DA RS MEDELLÍN, COLÔMBIA, 2024 .....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXO B - POSTAGENS NA REDE SOCIAL DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA SETE DE ABRIL.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO C – CAPA DO LIVRO “SOTEROPROLEITURAS: ENTRELAÇOS E VIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS”.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO D – TEXTO DA APRESENTAÇÃO “O NOSSO TEMPO É AGORA”, DE ANA PAULA CARNEIRO.....</b>	<b>124</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Para as *epistemes* afro-brasileiras, especificamente no candomblé, fundamento é a base, o assentamento, o chão, que se deve saudar; as rezas e os cantos que se devem proferir; as danças, comidas, mitos e ritos de cada Orixá que compõem a sabedoria ancestral passada através de gerações. Quando Joel Rufino nos diz que “na vida é preciso ter fundamento e caminho”, o fundamento é o conjunto de tudo que nos faz ser quem somos, fazer o que fazemos, com quem e para quem. O caminho, por sua vez, é a estrada aberta que, para ser atravessada, precisamos pedir licença: *Agô!* Ao dono dos caminhos, que é Exu: *Laroyê, Exu!* Exu é quem versa sobre os princípios da mobilidade, da transformação, das imprevisibilidades, trocas, linguagens, comunicações e toda forma de ato criativo (RUFINO, 2018).

Peço licença para acessar o fundamento dos saberes e fazeres das bibliotecas comunitárias. Para tanto, preciso falar quem eu sou, o que me fundamentou e me deu caminho para chegar até aqui. Sendo eu mesma pesquisadora encarnada, junto-me a outras mulheres que integram as bibliotecas comunitárias para produzir conhecimento e, posteriormente, revelar essa tecnologia social através de uma linguagem científica, repleta de saberes populares, compartilhamentos, trocas e solidariedade.

Firmar-se como sujeito [encarnado] neste contexto é assumir uma conduta epistemológica em que as marcas corpóreas, os sentimentos e pertenças do sujeito pesquisador constituem-se em potência criadora, insurgindo-se contra os cânones científicos pautados em uma razão pura e absoluta. Reconhecer-se como pesquisador encarnado é produzir a inversão no jogo da ciência hegemônica que, no seu fazer, subalternizou e apagou os saberes e lógicas dos grupos e culturas compreendidas como menores (Paz, 2020, p. 181).

Antes de apresentar os motivos e contextos para esta dissertação, gostaria de tomar emprestado um argumento de Paulo Freire, que afirma: “a paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com que denuncio ou anúncio” (Freire, 2015, p. 23). Por isso, essa dissertação é um estudo de caso, mas é também um relato

apaixonado de uma ativista da leitura, como a companheira Bel Mayer me ensinou a me autonomear. É, ainda, o relato de um compromisso com uma causa que assumi há dez anos. Foi para essa causa que entreguei o meu fundamento, e foi ela que me trouxe no caminho até aqui.

Sou Ana Paula Carneiro, nascida em 18 de maio de 1971, filha de uma mulher que nunca aprendeu a ler ou escrever. Ainda assim, a minha mãe foi a maior mediadora de leitura que já tive. Desde pequena, dava-me livros e pedia que eu os lesse para ela. As primeiras leituras – entre sílabas mal soletradas – até o dia da minha formatura, esta mulher foi a minha grande incentivadora. E, mesmo depois da sua partida, sei que é essa a memória que se construiu, acadêmica e profissionalmente, sobre mim. Isso se deve a uma intencionalidade muito clara da parte dela, o desejo de garantir para mim um direito que a ela foi negado: o Direito Humano à Leitura.

Em 2008, ingressei no curso de Direção Teatral na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), levando comigo oito anos de experiência profissional na área de teatro, onde já havia atuado, dirigido, escrito e co-fundado um grupo de teatro (Grupusina de Teatro). A minha produção acadêmica sempre esteve conectada com a minha vida profissional. Nesse mesmo ano, participei do espetáculo “Gozo Frio”, que surgiu a partir de exercícios cênicos realizados na universidade e foi apresentado numa das salas da Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Em 2009, o espetáculo recebeu o prêmio Braskem pelo júri popular.

Durante meu percurso na faculdade, participei de uma disciplina extracurricular chamada “Tópicos Avançados em Artes Cênicas: Processos Criativos em Dramaturgia”. O resultado da disciplina foi a elaboração de textos dramatúrgicos produzidos pelos alunos a partir do livro de Antonio Araújo, “1591 – A Santa Inquisição na Bahia e Outras Estórias”. Essa coletânea de textos gerou a publicação de “Outras Confissões da Bahia”, na qual está o meu texto, “Chocotô Malê”, publicado e dramatizado no âmbito do Mini-festival de Dramaturgia “Quatro Cravos para Exu”, organizado pelo grupo Dramatis CNPq-UFBA. Entre 2009 e 2010, participei da Pesquisa PIBIC “Trânsitos entre encenação e cultura”, que estudou o processo colaborativo como meio para encenação de um espetáculo, a partir da observação do bumba-meu-boi de Camaçari e Santo Amaro.

No ano de 2014, fui trabalhar como voluntária na Biblioteca Comunitária Sete de Abril, onde tive a oportunidade de conhecer mais sobre o universo das bibliotecas comunitárias em Salvador. Desde o primeiro dia em que cheguei, entendi o diferencial dessas bibliotecas. Costumo dizer que foram três grandes letras “A” que me fizeram entender esse diferencial. O primeiro A é de **Acessibilidade**. Fiquei impressionada com o fato de a biblioteca ter uma rampa

de acesso para cadeirantes, uma das premissas daquele aparelho cultural era o da inclusão social e integração de todas as pessoas daquela região. O segundo grande A foi o **Acolhimento**. A maneira como fui recebida pela coordenadora da biblioteca, Gicélia Barros, foi marcante; ela me apresentou às pessoas que ali estavam, ao espaço, ao acervo e aos princípios de funcionamento da biblioteca. O terceiro grande A, foi a **Articulação**. A coordenadora explicou que aquela biblioteca estava ligada a mais seis outras bibliotecas em um “polo de leitura” chamado *Enredando Leituras*, que se articulava com outro “polo de leitura” chamado *Tok Literário*.

Em muito pouco tempo, fui me colocando a par do funcionamento dos polos e participando das reuniões. No decorrer desse primeiro ano, já havia o desejo de criar uma rede de bibliotecas. Esse projeto foi alimentado pelas assessorias do Instituto C&A, através do Programa Prazer em Ler (PPL). Com as oportunidades que tivemos, a partir das formações e reflexões, fundamos, em janeiro de 2015, a Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS).

Como integrante da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, tornei-me cofundadora e integrante da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador, e, em maio de 2015, da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Ao longo desses anos, recebi diversas formações assessoradas pelo Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A, que financiou, por 12 anos, a implementação de bibliotecas, polos de leitura e das redes de bibliotecas comunitárias, tanto locais quanto nacionais.

A luta das bibliotecas comunitárias, em prol das políticas públicas, na área do livro, leitura, literatura, escrita e biblioteca é um movimento sociopolítico que já existia antes da minha participação. No entanto, devo admitir o pressuposto de que qualquer indivíduo, ao integrar coletivos, o altera de algum modo. Pensar criticamente exige certa capacidade analítica para apreender o sentido social, histórico e humano de nossas práticas. Jogar com essa capacidade exclui a submissão a receitas prontas (Campos, 2000), e o sujeito consciente jamais está separado do corpo ou do mundo, que constituem o pano de fundo e a condição de todo ato cognitivo (Tarnas, 1999).

Com a RBCS tive a oportunidade de experimentar diferentes funções na gestão da rede. A cada ano, quando um novo projeto era proposto, podíamos circular entre os grupos de trabalho (GT), desbravar outros conhecimentos e trazer novas contribuições. Dessa forma, ao longo dos seis anos em que participei da Rede, integrei o GT de comunicação, o GT de mobilização de recursos, o GT de produção cultural e o GT de enraizamento comunitário,

promovendo o encontro de mediadoras de leitura, que deu origem à publicação do livro das mediadoras. Também integrei as comissões especiais de alinhamento conceitual, por dois anos consecutivos, além da comissão do planejamento, monitoramento e avaliação (PMA).

A RNBC se consolidou como um movimento pela democratização do acesso ao livro, à leitura, à literatura e às bibliotecas, sob a perspectiva da leitura como direito humano. Parceira do programa *Prazer em Ler*, a RNBC conta atualmente com 11 redes locais e 115 bibliotecas comunitárias nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Tornei-me uma referência na área de bibliotecas comunitárias, tendo sido convidada por redes de bibliotecas comunitárias de outros estados, como a “Conexão Leitura”-RJ, “Baixada Literária”- RJ, “Sou de Minas Uai!”- MG, “Jangada Literária”- CE, para participar como palestrante em diversos seminários.

Com a aprovação de alguns projetos pela Lei Aldir Blanc, em 2020, coordenei o projeto de criação do Memorial “18 anos de História para Contar”, da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, que se encontra no site [www.bcsetedeabril.com.br](http://www.bcsetedeabril.com.br). Também desenvolvi o projeto “Leitura nos Olhos D’água do Paiaiá”, da Biblioteca Maria Dolores Prado, no Paiaiá (Nova Soure- Bahia). Ministrei a oficina para jovens do Açude Itarandi, em Conceição do Coité; uma oficina de formação de mediadoras de mediadoras de leitura para educadoras, da Escola Comunitária da Casa do Sol Padre Luís Lintner, no bairro de Cajazeiras, em Salvador; e a formação de mediadores de leitura e jovens lideranças com a Biblioteca Comunitária São José de Calazans, no Vale dos Lagos.

Nos anos de 2021 e 2022, participei da gestão administrativa de três importantes projetos culturais propostos pela RBCS, que tiveram a Biblioteca Comunitária Sete de Abril como proponente legal: o *Projeto Ler Direito de Todos*, financiado pelo Itaú Social, do XII Seminário *Ler Direito de Todos*, financiado pela Embasa, e do Projeto *RBCS-Fortalecendo Raízes-Ganhando Asas*, financiado pelo Goethe Institut.

Em meados de 2022, afastei-me um pouco da atuação direta nas redes para aprofundar os conhecimentos que adquiri nesses anos de experiência nas atividades da biblioteca, como a criação e gestão das redes de bibliotecas, da importância dos seus princípios e da possibilidade de ingresso no mestrado. Inscrevi-me em duas disciplinas como aluna especial na UNEB: “Sociologia da Leitura e Educação” e “História e Memória Social”. Ao final do semestre, ingressei no Mestrado no Programa de Desenvolvimento em Gestão Social (PDGS) da Escola de Administração da UFBA. No mesmo período, veio a convocação do Edital do Iberbibliotecas

para participar da *Fiesta del Libro y la cultura*, que aconteceu em Medellín, Colômbia, de 10 a 15 de setembro de 2023.

Dessa forma, em um mês, eu estava iniciando no mestrado e, no mês seguinte, realizando a minha primeira viagem internacional, representando a Biblioteca Comunitária Sete de Abril em Medellín. Essa viagem abriu o caminho para que, mais tarde, eu pudesse fazer a Residência Social no mesmo local. A vivência de seis anos como cogestora da RNBC e da RBCS contribuíram para a reflexão e escolha do recorte da presente pesquisa.

A Biblioteca Comunitária Sete de Abril (BC7A) foi escolhida para ser o lócus principal do estudo de caso não apenas pela minha atuação, mas principalmente pela sua contribuição na criação de Bibliotecas Comunitárias no estado da Bahia e no Brasil. A organização possui 22 anos e foi celeiro para a formação de diversos mediadores, gestores e atuantes na democratização do livro, leitura, leitura, literatura e biblioteca.

Diante desta experiência exitosa surge a seguinte questão de pesquisa: **Como a Biblioteca Comunitária 7 de Abril consolidou a sua trajetória promovendo o direito humano à literatura e o enraizamento comunitário?**

A Biblioteca Comunitária 7 de Abril consolidou a sua trajetória por meio de uma gestão compartilhada que promoveu o direito humano à literatura e o enraizamento comunitário, devido às atuações da biblioteca tanto dentro quanto fora de seus territórios, contribuíram para uma forma compartilhada de gestão, com a intencionalidade de valorizar a escuta, a colaboração, os saberes e fazeres dos indivíduos que habitam no mesmo território onde estão assentados os seus fundamentos (espaço, acervo e atividades de formação de leitores) e de onde se tem o caminho (enraizamento comunitário). Sendo assim, o **Fundamento**, refere-se a todas as atividades realizadas pela biblioteca comunitária que promovem o Direito Humano à literatura, enquanto o **Caminho** é o enraizamento comunitário. Juntos, esses elementos geram uma proposição de Gestão Compartilhada. Por consequência dessa licença poética parafraseada do escritor Joel Rufino, surgiu o título dessa dissertação: “Do fundamento ao caminho: Bibliotecas Comunitárias e o Enraizamento comunitário”

Desta forma, o objetivo geral é compreender a contribuição da gestão compartilhada na Biblioteca Comunitária 7 de Abril para sua consolidação, para desenvolver atividades formativas que promovam a escuta e enraizamento territorial para o desenvolvimento de Bibliotecas Comunitárias.

Os objetivos específicos são:

- a) Discutir teoricamente o campo da gestão de Bibliotecas Comunitárias e seus princípios norteadores: literatura como direito humano e enraizamento comunitário;
- b) Mapear a RBCS e apresentar o seu histórico na consolidação das organizações;
- c) Analisar a trajetória da BC7A, a sua gestão compartilhada e o princípio de enraizamento comunitário;
- d) Apresentar as linhas de atuação do Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín para compreender a sua gestão;
- b) Propor ações formativas de gestão compartilhada para criação de BC.

A pesquisa é relevante pois evidencia o histórico de criação e gestão da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, em torno de processos de participação e articulação comunitária. Outro aspecto de relevância da pesquisa é que pode servir de apoio para comunidades que tenham interesse em montar suas bibliotecas comunitárias, bem como para aquelas bibliotecas comunitárias que queiram refletir sobre o modelo da gestão dos seus espaços e sobre as inúmeras possibilidades de ações de escuta.

A sistematização de saberes e fazeres da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, por meio das técnicas de “Caminhos para iniciação”, “Ori conectado”, “Xirê de ideias” e “O fundamento”, resultou na proposição de capacitação para criação de bibliotecas comunitárias, intitulado: “Nascedouros de Bibliotecas Comunitárias”. Essa tecnologia também pode ser adaptada para outras instituições de caráter comunitário interessadas na gestão compartilhada. Espera-se que esta tecnologia seja replicável em outras bibliotecas comunitárias, públicas ou escolares, ampliando o acesso e o compartilhamento desse conhecimento.

Após esta introdução, o capítulo 2 apresenta os princípios das bibliotecas comunitárias e da gestão compartilhada com os principais campos teóricos que fundamentam essa pesquisa, incluindo: enraizamento comunitário, literatura como Direito Humano e Gestão compartilhada do espaço, acervo, mediação de leitura comunicação e incidência política. No capítulo 3 é apresentado o percurso teórico metodológico de pesquisa. O capítulo 4 apresenta a trajetória de consolidação das Bibliotecas Comunitárias em Salvador, Bahia, o capítulo 5 Apresenta o estudo de caso da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, analisando as características da sua criação, a sua atuação no território e a sustentabilidade da instituição enquanto projeto coletivo baseado na gestão compartilhada., no capítulo 6 a Residência Social em Medellín, no capítulo 7 é apresentada uma proposta de capacitação para criação de bibliotecas comunitárias desde o seu

nascedouro até a criação de um projeto coletivo. Por fim, o capítulo 8 reúne uma síntese dos resultados obtidos, e, em seguida, as considerações finais da pesquisa.

## **2. BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: PRINCÍPIOS E GESTÃO COMPARTILHADA**

Este capítulo discute os principais conceitos relacionados ao tema gestão de bibliotecas comunitárias, refletindo sobre a construção do seu conceito, os princípios fundamentais para a construção destes espaços e sua gestão compartilhada.

### **2.1 REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE BIBLIOTECA COMUNITÁRIA**

A palavra "biblioteca" tem origem no grego *biblioθēkē*, formada pelo radical *biblion*, que significa livro, e *thēkē*, que significa depósito. Conceitualmente, sua origem remete a um depósito de livros (Cunha, 1997). Na história, o ser humano tem se preocupado em registrar e preservar todo o conhecimento produzido ao longo dos tempos (Santos 2012). As bibliotecas da Antiguidade eram diferenciadas principalmente pelo tipo de suporte que compunha suas coleções. As bibliotecas minerais possuíam acervos constituídos por tabletas de argila, enquanto as bibliotecas vegetais e minerais eram compostas, principalmente, por rolos de papiro e pergaminhos (Martins, 2002).

Na Antiguidade, as bibliotecas não eram públicas. Em vez de servirem como um ambiente de acesso ao conhecimento e sua difusão, funcionavam principalmente como locais para esconder e conservar os livros, isto é, utilizados como depósito de livros (CUNHA, 1997). As bibliotecas mais importantes da Antiguidade foram: a de Nínive, a de Pérgamo, as gregas, as romanas e, sobretudo, a Biblioteca de Alexandria, que permanece até hoje como a mais notável do mundo antigo (Battles, 2003).

O conceito de Biblioteca Comunitária teria sido introduzido no Brasil em 1978 por Carminda Nogueira de Castro Ferreira (Almeida *apud* Machado, 2009). O primeiro relato de experiências com bibliotecas comunitárias no Brasil ocorre em 1984, por meio da obra de Tôdeska Badke, na qual ela descreve o caso da Biblioteca do Parque Residencial das

Laranjeiras. A autora utiliza tanto o termo “biblioteca comunitária” quanto a designação “biblioteca popular” para se referir a essa experiência (MACHADO, 2009).

A partir de então, o conceito de biblioteca comunitária tem sido discutido por diversos autores (Machado, 2009; Blanck; Sarmento, 2010; Almeida Junior, 2013; Pereira; Coutinho; Ribeiro, 2016).

Para Blanck e Sarmento (2010), a biblioteca comunitária surge pelo empenho de cidadãos no contexto das periferias das grandes cidades, sem o apoio governamental. Já Almeida Júnior (2013) relaciona os conceitos de biblioteca pública e o de biblioteca comunitária, destacando que ambas desempenham as funções de educação, cultura, lazer e informação. Contudo, o que distingue a biblioteca comunitária é exatamente a participação popular em sua gestão.

O quadro 1 mostra o comparativo entre BP e PC:

**Quadro 01 – Comparativo entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias**

Características	Bibliotecas Públicas	Bibliotecas Comunitárias
Fundamentação	Projeto técnico	Projeto político social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgãos públicos e privados.
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima – Flexível
Equipe Interna – Constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independentemente do seu vínculo local.	Membros da comunidade.
Equipe interna – Postura	Dependência	Autonomia

Fonte: Elaboração de Elisa Machado

Segundo Machado, a biblioteca comunitária é considerada um projeto social que tem como objetivo:

[...] estabelecer-se como uma entidade autônoma sem vínculo direto com instituições governamentais, articulada com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas à sua emancipação social (Machado, 2009, p. 91).

No âmbito das bibliotecas comunitárias como rede de conhecimento, pode-se compreender esses espaços como um lugar de difusão, promoção e de disseminação da informação e da cultura, contribuindo para a formação da identidade cultural e a responsabilidade ética coletiva (Alberto 2008), a atuação dessas bibliotecas está também voltada a conjugar os valores da memória e identidade de sua comunidade (Silva; Lima, 2018).

Também desempenha um papel fundamental como espaço ideal de leitura, educação, organização social, cidadania, desenvolvimento sustentável, transferência da informação, linguística/ dialogismo (Prado, 2010) e ainda se relacionam com as políticas públicas e a articulação social entre os agentes, usuários e as comunidades (Machado 20

Adentramos ainda à dimensão ética e social para que compreendamos as bibliotecas atreladas à importância dos Direitos Humanos, como um lugar de emancipação de seus usuários/leitores, no acesso aos livros e à leitura, e nas condições de práticas e mediação de leitura. Para tanto, é essencial analisar o conceito de literatura e de Direitos Humanos, singularizando-os e dialogando-os no contexto das bibliotecas comunitárias, (Oliveira; Freitas, 2017) como espaço estimulador do desenvolvimento do leitor (Santos, 2015), de interação social e desenvolvimento pessoal (Mandella, 2012), e ainda como espaços de incidência de ação alternativa em face da política pública de leitura. (Thomazi; Gonçalves, 2016).

Mais recentemente Marina de Souza Alves (2020) elaborou uma nova análise sobre o conceito, ressaltando a relevância cultural desses espaços mas também destacando o quanto é imprescindível o engajamento na busca e concretização das políticas públicas com a criação dos Planos Municipais e Estaduais do Livro e Leitura e Bibliotecas e suas devidas destinações orçamentárias.

As mediações de leitura que acontecem nas bibliotecas comunitárias desempenham um papel fundamental nos processos de tomadas de decisões e contribuem na democratização do conhecimento e na busca de autonomia e empoderamento contra os preconceitos da sociedade, (Mascarenhas; Neto, 2022). Pode ainda favorecer a compreensão do sujeito sobre o seu lugar no mundo, (re)conhecendo a missão de sua existência como ser social, (Jesus; Santos. 2023) podendo também colaborar com a luta feminista para o combate ao machismo e à misoginia (Colono; Cavalcante, 2020). E ainda a mediação de leitura nesses espaços possibilitam que ele cumpra um importante papel com relação ao desenvolvimento do pensamento crítico e da evidência de esforços coletivos para ampliar os espaços de direito e de articulação locais. (Cavalcante; Feitosa, 2010).

Mayer (2022), traz a definição de biblioteca comunitária construída a partir de muitos diálogos durante os encontros da RNBC:

Espaços de incentivo à leitura, que entrelaçam saberes da educação, cultura e sociedade, que surgem por iniciativa das comunidades e são gerenciados por elas; ou ainda, espaços que, embora não tenham sido iniciativas das próprias comunidades, se voltam para elas e as incluem nos processos de planejamento, gestão, monitoramento e avaliação. O que caracteriza as bibliotecas comunitárias é seu uso público e comunitário tendo como princípio fundamental a participação de seu público

nos processos de gestão compartilhada, As bibliotecas comunitárias podem ser mantidas com fontes de recursos municipais, estaduais, federal e iniciativa privada, organização não governamental, organismos internacionais e comunidade (Mayer, 2022, p. 118).

Por tudo isso as bibliotecas comunitárias, enquanto movimento social, se consolidam por promover os Direitos Humanos através da literatura, enraizamento comunitário, difusão de conhecimento, engajamento político e se consolidam como espaços de cultura, educação e reparação nas comunidades periféricas onde nasceram e se desenvolvem.

## 2.2 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

### 2.2.1 Literatura como Direito Humano

A literatura como um Direito Humano é um debate nas cenas acadêmicas desde a redemocratização do país, no final dos anos 1980. Esse tema é abordado a partir de diferentes perspectivas em áreas como os estudos literários, os estudos do direito e da cidadania e do acesso à leitura e sua democratização. Vale ressaltar que por mais que esse tema esteja em difusão, ainda há um grande caminho a ser assentado nas análises acerca da relação entre literatura e políticas públicas, que, de certa forma, podem ser encontradas diretamente e indiretamente nos lugares de pesquisas das bibliotecas comunitárias, sociais e universitárias.

Toda operação no mundo envolve uma certa compreensão dele, um certo saber do processo de operar, uma verificação dos achados que a intervenção produziu e, antes de tudo, os fins que ela se propõe (Freire, 2015). Antes de discorrer sobre as atividades de mediação de leitura na Biblioteca Comunitária Sete de Abril, faz-se necessário percorrer, ainda que de forma panorâmica, a história da leitura no Brasil. É fundamental entender a quem a leitura serviu inicialmente, chegando aos movimentos de revolta de povos negros letrados na Bahia, para contextualizar o porquê, em bibliotecas comunitárias, fala-se tanto em “intencionalidade”.

A história da leitura no Brasil inicia-se com processos de exclusão. Durante o Brasil Colonial, a leitura era restrita aos portugueses, senhores de engenho e seus filhos, representantes religiosos e administradores públicos. As obras disponíveis resumiam-se à Bíblia e às cartas de parentes distantes e viajantes. A educação era de responsabilidade dos padres, mestre-escola e capitães, sendo ministradas nos engenhos. Para as mulheres, a educação era restrita ao aprendizado de atividades domésticas.

Com a chegada da família real ao Brasil, essa situação começou a mudar. A Biblioteca Real possuía um acervo de 60 mil peças que só foram disponibilizadas para consulta pública a partir de 1814, tornando-se, mais tarde, a base do que conhecemos hoje como a Biblioteca Nacional do Brasil (Lajolo; Zilberman, 2019).

**Quadro 02 –Marcos históricos da leitura no Brasil**

Ano	Acontecimento
1808	Criação da Imprensa Régia no Brasil, que permitiu a produção sistemática de jornais, livros, periódicos etc.
1810	Fundação da Biblioteca Nacional, por iniciativa de D. João VI, e franqueada ao público quatro anos depois. Marco na difusão das práticas de leitura e surgimento de pequenas bibliotecas de profissionais, como advogados e médicos, cujo acervo, além de abrigar obras de cunho técnico-científico, incluía textos de literatura portuguesa e francesa.
1837	Fundação do Gabinete Português de Leitura, iniciativa de imigrantes portugueses, na maioria comerciantes, com o intuito de “ilustrar o espírito dos seus sócios”. Começa a se formar o único acervo capaz de rivalizar em importância com o da Biblioteca Nacional e com sistema de empréstimo gratuito.
1840	Francisco João Muniz, secretário do Gabinete Português de Leitura, funda a Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro. Uma série de atividades é realizada para dar oportunidade educacional aos novos habitantes – entre elas alfabetização de adultos, saraus literários etc. A instituição alcançou outras cidades como Belém, Manaus, Recife, Salvador, Santos, Pelotas e Porto Alegre.
1889	Primeiro acordo para proteção de obras literárias e artísticas entre Brasil e Portugal. Porém uma lei de proteção dos direitos autorais só seria promulgada em 1912.
1937	É criado, sob a ditadura de Getúlio Vargas, o primeiro órgão brasileiro para definição de uma política de leitura e difusão do livro: o Instituto Nacional do Livro. Entre as atribuições: implantar bibliotecas públicas, facilitar a difusão do livro, organizar a <i>Enciclopédia Brasileira</i> e o <i>Dicionário da Língua Nacional</i> , editar obras de interesse para a cultura nacional e estimular o mercado editorial. Acaba centralizando suas ações na área de produção de livros.
1968	Criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – fnlij – seção brasileira do International Board on Books for Young People – ibby –, pioneira em diversas áreas do livro infantil e juvenil e da leitura no Brasil.
1973	O Instituto Nacional do Livro é reestruturado durante a ditadura militar. Seu raio de ação é ampliado para atender interesses educacionais, científicos e culturais, o que favoreceu o controle e a censura prévia da produção cultural. O livro deixa de ter um organismo próprio, porém ações de incentivo às bibliotecas públicas e de difusão do livro didático
1986	Lei Sarney – Lei nº 7.505. O livro continua a ser tratado dentro do campo da cultura. Os incentivos ampliam a publicação de livros de arte e os de maior custo editorial.
1991	Lei Rouanet – Lei nº 8.313 – Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), incentivando a captação de recursos por meio de incentivos fiscais. O maior beneficiado será o mercado editorial do sul e sudeste do país, mas não para a publicação de obras literárias.
1992	É criado o Proler, primeiro programa de incentivo à leitura do governo federal. Vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da cultura, envolve estados e municípios, iniciativa privada e ongs. Com sede na Casa de Leitura do Rio de Janeiro, o programa possui núcleos em todos os estados.
1997	É criado o Programa Nacional Biblioteca na Escola (pnbe) para distribuição de livros na escola pública. Aos poucos foi ampliado para todos os níveis escolares.
2003	Lei Nacional do Livro – Lei nº 10.753, que institui a Política Nacional do Livro.
2004	PNLEM – Programa de distribuição de livros didáticos para alunos do ensino médio de escolas públicas.
2005	Criação do Programa Fome de Livros, com o objetivo de implantar bibliotecas públicas nos municípios que não dispõem dessas instalações, dinamizar as já existentes e possibilitar o acesso da população à informação e ao enriquecimento intelectual.
2006	Lançamento do 1º Plano Nacional do Livro e da Leitura (pnll) pelo governo federal. Prevê um conjunto de programas, projetos, ações e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas, em quatro eixos estratégicos: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação de leitores; valorização da leitura e da comunicação, e apoio

	à economia do livro.
2008	O programa Mais Cultura do MinC promove o 1º Concurso Pontos de Leitura para iniciativas envolvidas com a prática da leitura em todo o país.
2008	Realização do II Fórum do PNLL visando a uma reflexão e um balanço das práticas de leitura.

Fonte: Adaptado de Instituto C&A (2015)

Se a história da leitura no Brasil é marcada pela exclusão, é preciso lembrar que importantes movimentos históricos na Bahia foram protagonizados por homens e mulheres negros, indígenas e pardos, como a Revolta de Búzios, também conhecida como Revolta dos Alfaiates e Revolta dos Argolinhas. Esse levante político, liderado por essas pessoas, reverberou não apenas nas esferas política e econômica da monarquia brasileira, mas destacou também a presença do letramento entre mulheres e homens negros, indígenas, pardos, evidenciando sua participação na disputa pela mudança da história e da escrita dessa narrativa (Araújo, 2004).

A leitura promove a inserção social por dois caminhos diferentes, mas complementares. Por meio de sua função prática, adquirimos conhecimento, algo fundamental para desenvolver as habilidades exigidas em um mundo cruelmente competitivo. Mediante sua função, digamos assim, nobre, que para mim é a que mais importa, desperta em nós o interesse pelo próximo, aquele que, por espelhamento, confere a nós o estatuto de ser humano. Com isso, nos sentimos pertencendo a essa abstração concreta denominada Humanidade, e nos tornamos mais tolerantes, mais humildes, mais belos, mais inteligentes (Ruffato in: Guerra; Leite e Verçosa 2018, p. 33).

Apesar do termo “leitura como Direito Humano” ser amplamente encontrado nos textos sobre bibliotecas comunitárias, para os fins desta pesquisa, optou-se por trabalhar com o termo “Literatura como Direito Humano”. Essa escolha se justifica pela sua abrangência, uma vez que a literatura engloba a escrita, a oralidade e a capacidade de promover a humanização e o sonho (Candido, 2004). Esse conceito parte da perspectiva de Antonio Cândido (1988; 2004). Ao debater esse tema, o escritor Marcos Natali suplementa as ideias do ensaio de Cândido, ao destacar que a literatura não deve ser vista apenas como um privilégio ou um bem disponível para um grupo limitado.

Antonio Cândido enaltece a literatura como um meio de expressão cultural que enriquece a sociedade e auxilia na construção da identidade psíquica e social, e Natali enfatiza que o acesso à literatura deve ser visto como um direito básico, crucial para a inclusão e a cidadania (Natali, 2006). Natali argumenta que a literatura deve ser democratizada, garantindo acesso a todas as camadas da sociedade, e acredita que isso não apenas enriquece a experiência individual, mas também fortalece o tecido social, e destaca a responsabilidade das instituições e do Estado em promover políticas que assegurem esse acesso. Portanto, para os autores a

literatura é um patrimônio cultural a ser preservado, no qual o direito à literatura é considerado um elemento fundamental da dignidade humana e da justiça social.

O debate sobre literatura e Direito Humano ganha “intencionalidade” para as bibliotecas comunitárias no conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo. A escritora mineira afirma que a suas primeiras impressões de leitura, letramento e escrita surgiram ao observar e conviver com a sua mãe e outras mulheres negras lavadeiras de roupas das casas de pessoas brancas. Seja nas histórias contadas oralmente, nas listas de roupas lavadas transcritas ou nos desenhos que sua matriarca traçava no chão de barro – conectando-se aos seus ancestrais e fabulando a realidade –, Evaristo nos revela como o aprendizado da oralidade, da escrita e da leitura pode emergir de diversos caminhos; e somados a outros, não devem se tornar um instrumento de dominação e de poder contra outras pessoas

Essa escrita e essa leitura, que carregam os ecos das suas antepassadas e reúnem coletivamente as vozes femininas negras, transformando-as em literatura e arte, apresentam-se nas disputas de narrativas e se presentificam como “escrevivência”, isto é, a “nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, mas para acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 35).).

A leitura, entendida como um direito de todos, é essencial para o pleno exercício da democracia (Castrillón, 2011). Ela integra a tríade composta por leitura, escrita e oralidade, permeada pelo sonhar e fabular – uma fabulação que entrelaça histórias no ser humano desde o ventre materno até o final da vida.

Nesse caminho, do início ao fim, encontram-se as parlendas, as cantigas de roda, os jogos de linguagem, as brincadeiras na rua, o colo da avó que conta histórias, as histórias de terror contadas no escuro, os primeiros gibis, as palavras das benzedeiras, o canto dos pregueiros que criam versos enquanto vendem nas ruas, os relatos de memórias comunitárias, as cantigas de trabalho e todos os livros lidos durante uma vida inteira. Esses elementos integram o que aqui se chama de literatura, pois abrem espaço para a interioridade e para os territórios inexplorados da afetividade, onde as emoções ganham nome e sentido (Petit, 2013).

Trazendo assim o conceito de literatura como todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura (Candido, 2004). Dessa forma abrangendo tanto a oralidade quanto a escrita incluindo chistes, parlendas trava-línguas e toda a diversidade de produção escrita. O autor ainda se coloca sobre o acesso à leitura, aos livros, aos estudos literários sejam fundamentais na formação social e cultural do Brasil, no qual o professor e teórico literário estabelece algumas compreensões do

que seja literatura, a sua importância para a formação psíquica e política das pessoas, e que tal direito deve estar presente no cotidiano da sociedade brasileira.

Guimarães; Barbosa, 2024 reforçam a conexão entre o direito à educação básica e a leitura, como elementos indissociáveis, como ação dinâmica e reflexiva em que (re)pensar a realidade, suas problemáticas e exclusões implica em um movimento dialógico de olhar para si sem desconsiderar o olhar para o outro, esse olhar de humanização também dialoga com a capacidade formadora e de efetivação dos direitos humanos permitindo a experiência da liberdade, da autenticidade e do reconhecimento na vida de cada um (Mascaro, 2010).

## 2.2.2 Enraizamento Comunitário

O segundo princípio fundamental para a criação de bibliotecas comunitárias é o enraizamento comunitário que pode ser compreendido como “uma trama relações que se retroalimentam, fortalecem e se expandem a partir de elementos em comum”, que abarca os afetos de pertencimento, reconhecimento e identificação que “envolvem a mobilização para participar de ações que contribuam para afirmar a existência e para manter ou fortalecer certa coletividade” (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p.103).

Por isso, cada biblioteca comunitária possui características diferentes umas das outras, pois carrega consigo a identidade do seu território.

Não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas sobrepostas, o território pode ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (Santos, 2002, p. 15).

O termo enraizamento comunitário tem sido amplamente trabalhado pelas bibliotecas comunitárias que atuam com o *Programa Prazer em Ler*. É importante compreender que, embora as bibliotecas comunitárias articuladas na Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) já não recebam apoio do Instituto C&A e do Itaú Social, o *Programa Prazer em Ler* permanece como um legado significativo do Instituto C&A para a RNBC. Esse aprendizado é fortalecido pelo fato de que as bibliotecas comunitárias que integram a rede participaram de sua elaboração e restruturação.

O conceito enraizamento foi popularizado por Simone Weil na década de 1980. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade (Weil, 2001). É dentro dessa coletividade que se torna possível promover mudanças sociais que garantam o direito de todas as pessoas, ou seja, “a cidade somos nós. E nós, somos a cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi, e que nos chega pela continuidade histórica, e pelas marcas culturais que herdamos. Disso não podemos escapar. E sobre isso, podemos trabalhar” (Freire, 2001, p. 13).

A reflexão de Paulo Freire também se apresenta aqui, ao destacar a capacidade de superar as heranças históricas que influenciam cada indivíduo e a possibilidade de transformar a própria realidade por meio da atuação coletiva. Pertencer a um lugar e ser pertencido por ele pode colaborar para o desenvolvimento humano e territorial. Entretanto, como alerta Ardans (2014), esse conceito pode gerar ambiguidades, dependendo da intencionalidade, pois, nas tradições judaicas e cristãs, as metáforas das árvores da vida e o do conhecimento aparecem entre os relatos míticos mais antigos.

Enraizamento é, portanto, nas tradições referidas, uma metáfora cujo significado é *conhecer através da ação de fincar raízes*, processo, portanto, entre duas instâncias, *uma* (os humanos) *que quer se fincar na outra* (um socioambiente favorável à preservação da vida, individual e coletiva, humana e não humana) ou, ao contrário, *uma* (um socioambiente hostil) exigindo que a outra (os humanos) procure outro lugar para se enraizar (Ardans, 2014, p. 236).

No caso do enraizamento comunitário, relatado pelas bibliotecas, essa “árvore de variadas raízes” é composta pela pluralidade de vidas que interagem e atuam junto com ela. Não se trata de territórios a serem invadidos e explorados, mas de espaços a serem ocupados e modificados conforme o desejo e a necessidade de seus moradores. A pesquisa *O Brasil que Lê* traz a informação de que: “as bibliotecas comunitárias surgem de maneira precária, mas à medida em que vão se enraizando na comunidade eles vão melhorando suas condições, inclusive se apropriando de técnicas e métodos de selecionar e disseminar informação e de fazer promoção da leitura na comunidade”.

Em analogia às raízes das plantas, o enraizamento comunitário revela uma trama de relações que se retroalimentam, fortalecem e se expandem a partir de elementos em comum. Enraizamento engloba, nessa compreensão, sentimentos de pertencimento ao mesmo tempo em que envolvem a mobilização para participar de ações que contribuam para afirmar a existência e para manter ou fortalecer certa coletividade (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p.103).

O enraizamento, é talvez, a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana, pois cada ser humano precisa ter múltiplas raízes (Weil, 2001).

O fortalecimento do enraizamento comunitário amplia o envolvimento da biblioteca com outras lutas locais, como educação moradia, saneamento básico e outros. Quanto maior o enraizamento da biblioteca, maior seu reconhecimento como agente de transformação junto aos outros atores comunitários. (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p.102)

As bibliotecas comunitárias, por meio do seu enraizamento, geram uma força política que, através de ações continuadas e da incidência em políticas públicas, possibilita a articulação, desenvolvimento humano e territorial. O enraizamento e suas variantes não são, de modo algum, uma questão apenas individual, mas o seio de processos comunitários e socioambientais (Ardans, 2014).

Essas raízes podem ser chamadas de exponenciais ou rizomáticas:

O rizoma é uma raiz que faz do deslimite o seu chão. As plantas rizomáticas crescem horizontalmente: suas raízes espalham-se em todas as direções possíveis, e só visam a verticalidade se for por intermédio de um muro que se quer ultrapassar, transpor. Impossível determinar o número de raízes que servem de apoio ao movimento de uma planta rizomática, visto que suas raízes são múltiplas, incontáveis: brotam e nascem conforme as exigências de expansão da planta. As formações rizomáticas não possuem centro. Os rizomas são plantas sem ‘existidura de limite’. O substantivo é a árvore da linguagem, ao passo que os verbos são seus rizomas (Souza, 2018, p. 74).

Assim, esse conceito é fundamental para que as bibliotecas comunitárias possam ser espaços de socialização e de pertencimento dos indivíduos em suas comunidades. O enraizamento é um tornar-se autônomo com relação ao lugar, é pertencer, e não apenas ser, mas estar no mundo (Koury, 2001). Assim, o enraizamento e suas variantes não são, de modo algum, uma questão apenas individual, mas coletiva, em sua mais ampla dimensão social e histórica. Por certo o enraizamento produz o sentido de pertença.

Quando uma comunidade junta para transformar o seu território por meio de uma biblioteca comunitária o trabalho é feito em mutirões. Juntam-se pessoas e pratas, braços e bolsos e pouco a pouco os espaços vão sendo transformados, com o investimento de cada um e cada uma (Fernandez; Finger, 2019), e é justamente por essa ação colaborativa, comunitária, territorial que se dá o sentido de pertencimento que a biblioteca comunitária desperta e que é o fator relevante para perpetuar sua vida útil. (Coelho; Bortolin, 2019)

Em síntese, esses estudos que relatam experiências em territórios nacionais distintos, identificam essas bibliotecas comunitárias como lugares de pertencimento, de socialização e de preservação da informação, leitura e conhecimento; além de ser um local de acolhimento e bem-estar para as demais demandas dos seus interagentes.

### 2.3 GESTÃO COMPARTILHADA EM BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: ESPAÇO, ACERVO, MEDIAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INCIDÊNCIA POLÍTICA

A gestão social das bibliotecas comunitárias possibilita uma forma compartilhada de planejamento, desenvolvimento, monitoramento e avaliação das ações.

A gestão social é caracterizada por ser comandada pela razão comunicativa, pelo agir comunicativo, enfatiza a ação gerencial dialógica e participativa (Cançado, 2012). No campo de estudos sobre as bibliotecas comunitárias, o planejamento das bibliotecas também é importante, pensado como um território, no sentido físico, sociocultural, artístico, político e estético. (Massoni; Kaefer; Borges, 2024). E esse planejamento se dá ao promover, preservar e garantir a participação da comunidade nessa gestão. Enquanto nas bibliotecas públicas, percebemos que existem várias barreiras para o estabelecimento do processo participativo, as comunitárias normalmente são criadas e administradas por membros da própria comunidade. (Machado; Vergueiro, 2010).

As bibliotecas comunitárias, são lideradas por gestores das próprias comunidades, que possuem uma ótica mais intimista com o seu coletivo, eles conseguem atender melhor o seu público e se tornam centros culturais (Freitas, 2021). Essa gestão participativa também é defendida por Spörrer (2015) no seu estudo que afirma que as bibliotecas comunitárias, são instituições formadas e mantidas a partir do desejo de sujeitos de determinadas comunidades, os quais contribuem para a construção e continuação desses espaços informacionais. Por isso um fator importante no funcionamento das BCs é o voluntariado, na maioria desses espaços o trabalho é desenvolvido por pessoas que se disponibilizam a trocar a sua força de trabalho em prol da causa da leitura. Mas ainda assim um dos maiores problemas enfrentados é a falta de continuidade, muitas vezes por não haver número de voluntários suficiente. (Carvalho, 2015). Daí a importância do enraizamento comunitário que promove o engajamento e ações de gestão compartilhada que tragam sustentabilidade para esses espaços.

Os aspectos de relevância das bibliotecas perpassam os eixos de cultura, reparação e educação, no sentido da educação por exemplo, se articulam à Agenda 2030, estabelecida em

2015, onde foram traçados 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (os ODS). Elas apoiam a implementação do Objetivo 4, que define a Educação de Qualidade (Horta, 2017).

O Instituto C&A (2015) por meio do PPL definiu ações para o desenvolvimento e fortalecimento de Bibliotecas Comunitárias com base em quatro eixos principais: Espaço, Acervo, Mediação e Gestão que, posteriormente, foi complementada com três eixos: Gestão compartilhada, Comunicação e Incidência Política, voltados a ampliar o alcance do programa e a incidir na construção de Planos Municipais do Livro e Leitura (PMLL).

Dessa forma a gestão das Bibliotecas comunitárias promovem a qualidade da oferta dos serviços ao seu público, por meio do espaço, acervo, mediação de leitura, comunicação e incidência política.

**Figura 01 – Título Eixos do Programa Prazer em Ler**



Fonte: Instituto C&A, 2016.

O espaço onde as bibliotecas comunitárias estão instaladas podem variar, mas há um pressuposto de garantir, boa ventilação, espaço iluminado, com estantes acessíveis para o público infantil e que reflete o acolhimento como relata a coordenadora da Biblioteca Comunitária Sorriso de Criança no Ceará Alilian Gradela

Se estamos dispostas a trabalhar com leitura e garantir esse direito, precisamos fazer com que a biblioteca seja realmente um espaço acolhedor. Não adianta fazer um espaço do jeito que eu gosto e do jeito que eu penso, precisamos ouvir a comunidade, deixar que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos estejam juntos para que possamos tomar as decisões. (Alilian Gradela in: Guerra; Leite; Verçosa, 2018)

Nas Bibliotecas Comunitárias os espaços vão virando pontos de referência importantes nas comunidades para o desenvolvimento de inúmeras ações culturais (Guerra; Leite; Verçosa, 2018) e estão abertos às propostas de intervenção e ocupação da mesma. Esses espaços muitas vezes são o único aparelho cultural em determinadas comunidades.

Constituir um acervo literário adequado às características dos públicos de uma biblioteca é um grande desafio (Instituto C&A, 2016). Mas as características desse acervo em bibliotecas comunitárias busca compreender a necessidade de representatividade étnica, de respeito mútuo e de garantia aos Direitos Humanos, selecionar bons livros está de fato ligado à subjetividade, no entanto algumas características são fundamentais para a construção desse acervo literário.

O texto é uma categoria central; deve despertar a imaginação e permitir ao leitor “criar” sua própria história. A ilustração cumpre função de igual importância: tem de ser observado um traço que também conte a história e contribua com novos elementos, para além do texto. O projeto gráfico, que inclui o tipo de papel utilizado, o tipo de letra e a diagramação, pode, a seu modo, instigar o leitor a descobrir novas camadas da história. (Instituto C&A, 2016).

Como muitas dessas obras chegam por meio de doações, é importante também dialogar com o doador sobre a qualidade do material a ser oferecido nas bibliotecas, e sobre o seu estado de conservação, essa é também uma ação formativa realizada nas bibliotecas ao realizar campanhas de doação de livros.

A mediação de leitura tem grande importância nas ações das bibliotecas comunitárias, realizar a aproximação entre o livro e o leitor, tem sido uma das principais razões pelas quais as bibliotecas são criadas, por isso mesmo a mediador de leitura é fundamental, pois é pensado como uma pessoa que identifica estratégias para mobilizar e convidar outras pessoas à leitura, a função de um elo que busca fazer uma composição amigável entre o sujeito e o livro (Instituto C&A, 2016). As ações de formação continuadas dos mediadores de leitura fortalece o atendimento ao público, que acontece, de maneira cada vez mais qualificada, devido ao conhecimento extenso do acervo, dos escritores, mas também dessa comunidade que vai em busca dessa literatura nas bibliotecas.

Ele estuda temas, ouve a comunidade, discute as demandas, está atento ao que precisa ser discutido, planeja atividades, traz visitantes para que a comunidade tenha

referências de especialistas, tem intencionalidade nas ações e quer construir um lugar em que as pessoas se sintam pertencentes. (Cida Fernandez in Instituto C&A,2016).

Os mediadores de leitura desempenham esse papel de acolhimento e de orientação para pessoas de todas as idades que frequentam as bibliotecas.

A Gestão Compartilhada é aquela que sob variadas formas, articula diferentes tipos de gestão, criando canais de interação entre as pessoas, grupos, movimentos, organizações (Monteiro, 2002) A gestão compartilhada das bibliotecas comunitárias se dá a partir da articulação e participação da comunidade nos processos de gestão dos espaços pois, é exatamente a partir de suas demandas, que definimos os horários de funcionamento e as demais atividades. (Gradela in: Leite; Guerra; Verçosa, 2018). O ambiente da biblioteca comunitária é caracterizado por permitir e estimular uma identidade cultural realizada com as mobilizações pelo interesse comum dos envolvidos. (Soares; Martins; Alves; Pegoraro, 2019), esse entendimento mais uma vez dialoga com a gestão social, pois o processo decisório é exercido por meio dos diferentes sujeitos sociais; baseada no entendimento mútuo entre os atores/sujeitos a harmonização interna dos planos de ação pelos atores (Cançado,2012).

Para a RNBC, a Comunicação está diretamente ligada ao enraizamento comunitário e a gestão compartilhada a Comunicação é tanto um direito humano como também uma estratégia para o fortalecimento das ações de promoção do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas. (Leite; Guerra; Verçosa, 2019). As ações de comunicação em bibliotecas comunitárias podem ter caráter informativo, de entretenimento, cultural e educativo, por isso, comunicar as ações tanto para a comunidade local, quanto para o restante do mundo pode trazer visibilidade, sustentabilidade. Daí a importância de que cada biblioteca comunitária possua redes sociais atualizadas e que demonstrem as atividades da biblioteca, dos parceiros e do seu entorno, que esteja engajada nas campanhas das pautas para garantia dos Direitos Humanos.

#### **Incidencia política**

A incidência é a forma da sociedade atuar na formulação, implantação e acompanhamento de políticas públicas por meio do diálogo e da pressão junto às esferas representativas dentro dos governos. (Fernandez; Machado e Rosa 2018). As principais ações de incidência política das Bibliotecas Comunitárias segam na área do livro, leitura, literatura e biblioteca, mas também tem grande participação na incidência em políticas para mulheres, crianças, idosos, adolescentes, pessoas com deficiência entre tantas outras pautas importantes para a sociedade. Assim as bibliotecas incidem naquelas pautas que são seu interesse direto,

mas também compreendem a complexidade que é a garantia dos diversos Direitos Humanos pelo viés das políticas públicas.

Além de ações voltadas à organização e à gestão das bibliotecas e ao fortalecimento dos polos, a garantia do direito à leitura literária passa por um esforço organizado e sistemático de comunicação e participação nas políticas públicas. Tal ação envolve convencimento, negociação e articulação com outros atores sociais, no sentido de fortalecer a proposta, bem como seu próprio processo de construção. (Instituto C&A, 2016).

A partir dos eixos elencados acima é que se dá a gestão compartilhada das bibliotecas Comunitárias. No próximo capítulo apresenta-se o percurso teórico metodológico da presente pesquisa.

### **3. PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO**

A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa e pesquisa aplicada (Brandão, 2006), com o propósito de gerar conhecimento direcionado à solução de problemas específicos (Silva; Menezes, 2005). Esse tipo de pesquisa costuma ser definido como um conjunto de atividades em que conhecimentos previamente adquiridos são utilizados para coletar, selecionar e processar fatos e dados, a fim de se obter e confirmar resultados (Fleury; Werlang, 2016).

Trata-se de um estudo de caso instrumental, pois o seu entendimento extrapola os limites do caso em si, permitindo, a partir da singularidade deste, alcançar um entendimento geral (Stake, 2005, 2006). A situação empírica tem como *lócus* a Biblioteca Comunitária Sete de Abril, estudada com interesse em suas particularidades, seu caráter comum, e no poder de representatividade dentro de seu contexto específico das bibliotecas comunitárias no Brasil.

O contato direto com a história e atuação da Biblioteca Comunitária Sete de Abril possibilitou entender as forças que agem internamente, as características externas e sua interação com o contexto, bem como o limite que separa o caso em si do ambiente que o rodeia. Todos esses conceitos foram fundamentais à pesquisadora no processo de captação e disseminação do conhecimento resultante da experiência empreendida (Stake, 2006).

Segundo Stake (2005; 2006), questões são escolhidas em termos do que pode ser aprendido dentro das oportunidades estudadas. Assim, o pesquisador deve se perguntar: “O que pode ser aprendido aqui e o que um leitor precisa saber?” Por isso, ao apresentar o estudo de caso da Biblioteca Comunitária Sete de Abril e a sua relação com o enraizamento comunitário, desde a sua fundação até a realização de suas atividades atuais, abre-se caminhos para que outras bibliotecas nasçam ou mantenham o seu funcionamento a partir de um olhar colaborativo e inclusivo.

Dessa forma, as comunidades que ainda estão “grávidas” de suas bibliotecas comunitárias, mas que se encontram no processo de sonho e ideação, podem acessar esse percurso, assim, como aquelas bibliotecas que já têm atuação, mas gostariam de repensar os rumos de uma gestão compartilhada, com atividades coletivas propostas e executadas pelos

próprios moradores da comunidade. Além de firmar parcerias com outras instituições do território, sem perder de vista a incidência nas políticas públicas para a área do livro, leitura, escrita, literatura e biblioteca.

O quadro a seguir registra os objetivos e as técnicas utilizadas para construção das informações:

**Quadro 03 – Técnicas metodológicas e Produtos**

Objetivos específicos	Informação/Dado	Técnicas Metodológicas	Conhecimento Construído	Produto
Discutir teoricamente o campo da gestão de Bibliotecas Comunitárias e seus princípios norteadores: literatura como direito humano e enraizamento comunitário	Bibliografia  Entrevistas com atuantes da Biblioteca Comunitária Sete de Abril,  Pesquisadora	Revisão da Literatura  Entrevistas por áudio e Análise documental  Observação	Análise do engajamento da comunidade na criação e gestão da biblioteca comunitária Sete de Abril.	Capítulo 2 da dissertação
Mapear a RBCS e apresentar o seu histórico na consolidação das organizações	Atuantes da biblioteca comunitária Sete de Abril  Pesquisadora	Análise documental  Observação	Descrição das Bcs da RBCS	Apresentar as Bibliotecas comunitárias que fundaram a RBCS
Analizar a trajetória da BC7A, a sua gestão compartilhada e o princípio de enraizamento comunitário	Atuantes da biblioteca comunitária Sete de Abril  Pesquisadora	Entrevistas por áudio e Análise documental	Estudo de Caso da Biblioteca Comunitária Sete de Abril	Escrita do Estudo de caso sobre a BC Sete de Abril
Apresentar as linhas de atuação do Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín para compreender a sua gestão	Gestores e Mediadores de leitura e Bibliotecários das Bibliotecas Públicas de Medellín  Pesquisadora	Grupos focais e Entrevistas com os integrantes das bibliotecas Públicas de Medellín  Observação	Descrição das linhas de atuação e do Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín.	Relato de viagem
Propor ações formativas de gestão compartilhada para criação de BC	Seleção de metodologias ativas que promovam a escuta comunitária  Pesquisadora	Revisão de literatura, estudo de metodologias ativas.	Proposta de capacitação para pessoas interessadas em montar uma BC ou atuantes de bibliotecas comunitárias	Capacitação para Bibliotecas Comunitárias (TGS)

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Para alcançar os objetivos propostos, o quadro acima apresenta as técnicas de coleta de informação e dados. Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura sobre os principais conceitos de pesquisa.

Paralelamente, conduziu-se uma pesquisa documental sobre o Programa Prazer em Ler, da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, bem como sobre as publicações em sites e

revistas especializadas, com o objetivo de compreender a trajetória das bibliotecas comunitárias e redes de bibliotecas. Exemplos desses documentos incluem manuais de procedimentos das bibliotecas, regimentos internos, cartas de princípios, textos de sistematização dos círculos de memória, textos de sistematização de encontros nacionais do Programa Prazer em Ler, o Estatuto Social da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, relatórios de empréstimos e consultas das bibliotecas, planos de sustentabilidade das bibliotecas pesquisadas e das redes de bibliotecas. Além disso, foi realizado um levantamento das postagens de 2022 a 2024, na rede social da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (*Instagram*) para analisar a comunicação da BC7A com a sociedade. Esses documentos também constituem leituras particulares dos eventos sociais (May, 2004).

Mesmo tendo participado da construção de muitos desses documentos, me posicionei como pesquisadora, compreendendo que os pesquisadores não se desculpam por serem parte do mundo social que estudam. Pelo contrário, devem utilizar esse fato a seu favor (MAY, 2004). Assim, a observação participante foi uma técnica utilizada desde o início da pesquisa.

Foram realizadas 04 entrevistas com integrantes e interagentes da Biblioteca Comunitária Sete de Abril: Gicelia Barros, Rilza Chaves, Aranildes Melo e Conceição Silvania.

No processo de análise das entrevistas, foram observados e selecionados trechos que contribuíam para a reflexão sobre as dimensões de acervo, espaço, mediação de leitura, literatura como direito humano, enraizamento comunitário e gestão compartilhada. Essas dimensões permeiam o cotidiano das bibliotecas comunitárias e foram fundamentais para a proposição de uma tecnologia social direcionada à gestão de bibliotecas comunitárias. Para isso, foi utilizada a técnica de análise categorial temática, conforme o método de análise de conteúdo, seguindo os procedimentos de: a) Pré-análise; b) Exploração de material; e c) Tratamento de resultados (Bardin, 2006).

Como ativista da área do livro, leitura, literatura, escrita e biblioteca, a pesquisadora está diretamente implicada na pesquisa e entende que o diálogo entre o caráter profissional e o acadêmico é uma das premissas do Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social. Ser sujeito implicado aproxima a discente do objeto de estudo, contribuindo para o campo profissional e acadêmico, além de proporcionar a realização pessoal e fortalecer o próprio programa. O pressuposto da neutralidade da ciência é, atualmente, visto como uma quimera. Não há desinteresse em ciência, logo, nenhuma neutralidade é possível (Martins; Narval, 2013).

No contexto da Residência Social (RS), realizada entre o período de 29 de janeiro a 09 de fevereiro de 2024, foram promovidas rodas de conversa com responsáveis pelo Sistema de Bibliotecas de Medellín, gestores, mediadores e bibliotecários e usuários das bibliotecas. O

resultado da residência culminou na produção acadêmica de relatos em formato de crônicas e um minidocumentário, que entrelaça a experiência artística da pesquisadora. Durante as atividades, apresentei nas bibliotecas a intervenção cênica “O nosso tempo é agora”, seguida de bate-papos, com diferentes públicos, que também farão parte da produção acadêmica.

Para direcionar as rodas de conversa na Residência Social (RS), encaminhei à instituição acolhedora um conjunto de perguntas e temas norteadores. Esse material foi distribuído entre os integrantes do sistema, de forma a nortear a conversa de maneira objetiva. Abaixo as perguntas e temas enviados:

- A importância da biblioteca na comunidade;
- Atividades de literatura promovidas pela biblioteca;
- Atividades de literatura desenvolvida pela biblioteca em outros espaços da comunidade;
- Principais atividades de enraizamento comunitário das bibliotecas públicas nas comunidades;
- Relação da biblioteca com outras instituições, organizações e grupos comunitários;
- Atividades realizadas dentro da biblioteca promovidas por outras pessoas, grupos, instituições;
- A importância das bibliotecas comunitárias para o Sistema de Bibliotecas;
- A importância da Literatura como Direito Humano;
- Mediação de leitura;
- Ações voltadas à leitura digital;
- Ações voltadas à leitura acessível.

Essas questões foram colocadas como pontos disparadores das conversas, e não como um questionário estruturado. Durante a Residência Social, visitei 11 bibliotecas Públicas (Casa de La Lectura San Germain, Biblioteca San Javier, Biblioteca Pública de La Floresta, Parque Biblioteca Doce de Octubre, Biblioteca Belén, Biblioteca Pública Santa Cruz, Parque Biblioteca La Ladera, Parque Biblioteca Nororiental, Parque Biblioteca San Antonio de Prado, Biblioteca Pública El Limonar, Biblioteca Pública Santa Elena), 02 bibliotecas comunitárias (Biblioteca El Cielo e Biblioteca de Glorinha), 01 sala de leitura (Sala de Lectura para ele Encuentro Eduardo Galeano) e 01 teatro (Essencial Teatro).

A experiência foi enriquecedora e traz uma reflexão da importância dos princípios que podem nortear uma gestão compartilhada de bibliotecas comunitárias. Apesar das diferenças entre o sistema público e comunitário, existem elementos estruturantes da gestão que contribuíram ao campo das bibliotecas públicas, escolares e comunitárias.

## **4. TRAJETÓRIA DE CONSOLIDAÇÃO DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM SALVADOR, BAHIA**

Este capítulo apresenta o contexto de criação das Bibliotecas Comunitárias de Salvador, bem como o histórico da Rede de Bibliotecas Comunitárias e a regulamentação de seu funcionamento a partir da legislação federal.

Atualmente, o município de Salvador, Bahia, possui sete Bibliotecas Públicas Estaduais e três Municipais. Essas bibliotecas atuam com uma programação contínua e realizam diversas atividades para a promoção da leitura na cidade.

O quadro 4 a seguir apresenta as Bibliotecas Estaduais e Municipais de Salvador, evidenciando a localização de cada uma delas.

**Quadro 04 – Bibliotecas Públicas Municipais e Estaduais de Salvador**

<b>Nome</b>	<b>Tipo</b>	<b>Endereço</b>	<b>Fundação</b>	<b>Horário de funcionamento</b>
Biblioteca Central do Estado da Bahia	Estadual	Rua General Labatut, 27 - Barris Salvador/BA	1811	Segunda a Sexta-Feira de 08:30h às 19h / Sábado de 08h às 12h.
Biblioteca Anísio Teixeira	Estadual	Avenida Sete de Setembro, 105/109 - Centro - Salvador/BA	1956	Segunda a Sexta-Feira de 08h às 17h / Sábado de 08h às 12h
Biblioteca Infantil Monteiro Lobato	Estadual	Praça Almeida Couto, s/n - Nazaré - Salvador/BA	1950	Segunda a Sexta-Feira de 08h às 17h / Sábado e Domingo de 08h às 12h.
Biblioteca Juracy Magalhães Jr.	Estadual	Rua Rui Barbosa, s/n - Centro - Itaparica/BA	1968	Segunda a Sexta-feira de 08h às 17h / Sábado de 08h às 12h
Biblioteca Juracy Magalhães Jr.	Estadual	Rua Borges dos Reis, s/n - Rio Vermelho - Salvador/BA	1968	Segunda a Sexta-feira de 08h às 17h / Sábado de 08h às 12h.
Biblioteca Pública Thales de Azevedo	Estadual	Rua Adelaide Fernandes da Costa, s/n - Costa Azul - Salvador/BA	1997	Segunda a Sexta-feira de 08h às 17h / Sábado de 08h às 12h.
Biblioteca Pública Consuelo Pondé – Virtual	Estadual	Rua General Labatut, 27 - sub-solo - Barris - Salvador/BA	2011	Segunda a Sexta-feira de 08h às 17h
Biblioteca Municipal Edgard Santos	Municipal	Avenida Porto Dos Mastros, S/Nº, Ribeira, Salvador - BA.	1978	Segunda à Sexta-Feira, das 8h30 às 17h30

Biblioteca Denise Tavares	Municipal	Rua Adélino Santos, 6a - Liberdade - Curuzu - Salvador-BA - CEP: 40366-360	2020	Segunda à Sexta-Feira, das 9h às 17h (exceto feriados).
Biblioteca Nair Maria de Jesus Goulart	Municipal	Valéria - Salvador-BA	-	Segunda à Sexta-Feira, das 09h às 17h

Fonte: Elaboração a partir do site da FPC (2025) e do site da FGM (2025).

Apesar das dez bibliotecas públicas, as populações dos bairros mais periféricos possuem acesso limitado a esses espaços, devido principalmente à falta de recursos financeiros para o transporte. As bibliotecas públicas estaduais estão concentradas, em sua maioria, no centro da cidade e na orla, enquanto as bibliotecas públicas municipais estão localizadas nos bairros da Liberdade e Ribeira.

O Manifesto da UNESCO afirma que a Biblioteca Pública é a porta de acesso local ao conhecimento, fornecendo condições básicas para uma aprendizagem contínua, tomada de decisão e desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais (UNESCO, 1994).

Todavia a distância desses aparelhos culturais da população de periferia e a necessidade de criar espaços de convivência para crianças e jovens das comunidades foram os principais fatores que levaram os moradores de bairros periféricos da cidade de Salvador a se organizarem junto às suas comunidades e criarem as bibliotecas comunitárias.

Uma parte significativa das bibliotecas comunitárias em Salvador é oriunda de paróquias, outras surgiram a partir da doação de um terreno ou casa de algum morador, algumas conseguiram o espaço por meio de um processo de comodato, e outras alugaram esses espaços para montar suas bibliotecas. As ações realizadas por elas e a adesão do público refletem a necessidade de espaços de convivência, educação e cultura para as pessoas daquele determinado território.

A trajetória de criação destas bibliotecas comunitárias remonta do Instituto C&A, através do “Programa Prazer em Ler” (PPL), que promoveu uma ação continuada que, durante 12 anos, trabalhou as dimensões de espaço, acervo, mediação de leitura, leitura como direito humano, enraizamento comunitário e gestão compartilhada (Instituto C&A, 2016).

O PPL foi criado em 2006 e tinha como objetivo principal contribuir para a efetivação do direito à leitura, por meio da formação de leitores e da formulação e aperfeiçoamento de políticas públicas (Instituto C&A, 2016). Inicialmente, o foco era a organização do espaço, acervo e a formação de mediadores de leitura. Com o tempo, as próprias bibliotecas comunitárias, ao serem provocadas a refletir sobre os seus processos de existência nos territórios, passaram a adotar o conceito de enraizamento comunitário, trazendo esse termo em parceria com a literatura como direito humano. A partir dessa visão, as bibliotecas começaram

a extrapolar a sua dimensão espacial e passaram a ocupar as ruas, praças, comércios locais, escolas, creches e até mesmo as Unidades Básicas de Saúde, com seus acervos e atividades (Instituto C&A, 2016).

Essas atividades tiveram como objetivo divulgar as ações das bibliotecas e convidar novos interagentes. A expansão dentro do território utilizava de diversos recursos, como sacola literária, biblioteca na praça, feira de artesarias literárias, poesia ao pé do ouvido, sussurros literários, caixas de literatura, libertação de livros, sarau nas escolas, invasão literária, para citar algumas ações criativas que surgiram como forma de fortalecer a relação com a comunidade. Assim, as bibliotecas romperam seus muros, ampliaram e qualificaram a relação com a comunidade, dando ênfase, inclusive, à consolidação de parcerias com os agentes comunitários, as associações de moradores, as igrejas locais e outros movimentos da região (**autor, data**).

É com o propósito de garantir o direito humano à literatura, além da diversidade de gêneros literários, as bibliotecas comunitárias buscam promover a diversidade cultural (**autor, data**). Isso se reflete nas produções de diferentes culturas presentes em seus acervos: indígenas, ciganas, africanas, afro-brasileiras, afro-indígenas, europeias, asiáticas, norte-americanas, latino-americanas, brasileiras, populares e clássicas (eruditas), em todas as suas expressões.

Em janeiro de 2015, juntamente com as gestoras e mediadoras de leitura das outras bibliotecas que integravam os dois polos de leitura patrocinados pelo Instituto C&A (TOK Literário e Emredando Leituras) foi criada a Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS). Mais tarde, em 12 de março de 2015, durante o Encontro do Programa Prazer em Ler, juntamente com integrantes de polos de leitura de diversos estados brasileiros, foi criada a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC).

**Figura 02 – Coletivo na fundação da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitária  
(maio de 2015)**



Fonte: RNBC (2024)

Durante anos, a RNBC conseguiu promover os Encontros Nacionais, que, nos últimos anos passaram a acontecer virtualmente, primeiro pela pandemia e, por conseguinte, pela falta de recursos para a sua realização. Nesses encontros, eram debatidos os temas como, por exemplo, as atividades de incidência em políticas públicas, ações de mobilização de recursos, sustentabilidade, enraizamento comunitário, em plenárias de integrantes de bibliotecas de todo o Brasil. A RNBC tem como missão “contribuir para que as bibliotecas comunitárias sejam locais de referência na garantia do direito à leitura, na disseminação do conhecimento e da cultura, tomando-as reconhecidas pela sociedade civil e poder público como espaços de desenvolvimento humano” (RNBC, 2024).

Com atuação nas cinco regiões do país e com a visão de ser referência na representação das bibliotecas comunitárias e na disseminação de conhecimentos que fundamentam a atuação desses coletivos, a RNBC tem elaborado publicações que são compartilhadas com todas as pessoas interessadas no site da organização.

As Bibliotecas Comunitárias que formam a RNBC consistem em espaços de incentivos à leitura que entrelaçam saberes da educação, cultura e sociedade, existindo para promover a literatura como direito humano e a proteção social básica.

Apesar da importância social, cultural e educativa dessas iniciativas, os gestores ainda encontram dificuldades, como a falta de financiamentos, a necessidade de formação para escrita de projetos e a impossibilidade de remunerar as pessoas que trabalham nesses espaços, o que comprometem a continuidade das ações.

Das 14 bibliotecas comunitárias que estiveram presentes na fundação da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador, em 2015, apenas 11 seguem com a rede em 2024. As bibliotecas Parque São Bartolomeu, Biblioteca de Ítalo e Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus já não integram mais a rede, porém seguem suas atividades de maneira independente.

Nesse sentido, é importante destacar que uma nova biblioteca do bairro de Ilha Amarela passou a integrar a rede: a biblioteca comunitária Mané Dendê, sobre esta, em particular, uma de suas fundadoras Jeane Santos também é aluna do PDGS. Para nós, ativistas das bibliotecas comunitárias, trazer as histórias desses equipamentos é evidenciar os saberes de mulheres negras periféricas e transformar o seu modo de gerir o cotidiano em soluções para promover o acesso à educação, à arte e à cultura.

No ano de 2019, por meio da RNBC e do seu núcleo formativo “Entre Redes” (relatório entre redes, 2019), foi realizada a escuta das histórias das Bibliotecas de Salvador. A princípio, Juçara Silva era a responsável por essa atividade, mas, com a rotatividade das mediadoras, assumi essa frente e passei a fazer a escuta das bibliotecas através de uma atividade chamada

de “Círculo de Memórias”. Nas falas das fundadoras dessas bibliotecas, encontramos o fundamento, o átimo que se junta e faz vibrar o tempo de agir, o tempo do agora, como nos ensina Mãe Stella de Oxóssi, porque “o nosso Tempo é Agora” (2010), o tempo de fazer a mudança e reparar as marcas da exclusão e segregação pela etnia, pela raça, pelo gênero e pela periferia.

Todas as bibliotecas comunitárias que compõem a RBCS contaram com a presença marcante das mulheres em sua fundação, e foram as vozes delas que foram escutadas, transcritas e transformadas em textos literários. Essas histórias memoradas foram transformadas em publicações e divulgadas a partir das redes sociais e através de produções científicas como em trabalhos científicos (monografias, dissertações e teses). Aqueles que, nesse entrelaçamento entre fazer e escrever, têm se arriscado nesse caminho etnográfico.

A Biblioteca Comunitária do Calabar completou, em 2024, 18 anos de luta e resistência no bairro do Calabar, tendo como principal bandeira a defesa dos Direitos Humanos. As atividades com temáticas sociais são os pilares da biblioteca, que conta com palestras, oficinas, rodas de diálogos, histórias e grande movimentação das mulheres e dos jovens em prol do desenvolvimento social do bairro (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus, fundada há 30 anos, é uma homenagem à compositora, intérprete e cantora brasileira Clementina de Jesus, criada pela Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia. A princípio, o objetivo era ser uma sala de leitura complementar à escola, por isso possuía muitos livros didáticos. Em 2010, passou a integrar o Programa Prazer em Ler, compondo o Polo de Leitura “Emredando Leituras”. Hoje, além de incentivar a leitura literária, contribui para a complementação escolar e se configura como um espaço de educação para cidadania e de resistência social. Nessa perspectiva, a biblioteca desenvolve ações em parceria com escolas públicas e comunitárias, bem como com organizações sociais dos 14 bairros da Península de Itapagipe, e disponibiliza seu rico acervo para empréstimos (Relatório Entre Rede, 2019).

A Biblioteca de Ítalo foi fundada em 16 de maio de 2005, pela Casa do Sol Padre Luís Lintner, em homenagem à Ítalo Cambiaghi, um jovem italiano que tinha, em vida o desejo de contribuir com a formação de crianças e jovens do Brasil. Em ocasião de sua morte, seus bens foram doados e revertidos para a construção da Biblioteca, tendo o apoio de seus familiares e amigos (Relatório Entre Rede, 2019).

A biblioteca de Ítalo desenvolve suas ações de fomento à leitura articuladas com as atividades da Casa do Sol Padre Luís Lintner, atendendo à população do bairro de Cajazeiras

V. O seu maior objetivo é atender, orientar e acompanhar pesquisas escolares de crianças, jovens e adultos, além de estimular a leitura, promovendo mediação de leitura, contação de histórias, saraus, exibição de filmes, formação de mediadores e educadores. Sua missão é constituir uma comunidade leitora através de práticas em mediação de leitura. Além de contar com um acervo constantemente renovado, com aquisições de doadores do Brasil e da Itália, a instituição se destaca pelo seu mobiliário moderno e organização acolhedora.

A Biblioteca Comunitária Paulo Freire, idealizada por Jan Karel Maria Van Mol e fundado em 2001 por lideranças locais atuantes no movimento social, o SOFIA é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural e de promoção social. Desenvolve atividades educativas e culturais, contribuindo com a democratização do acesso à informações, conhecimentos, cultura e entretenimento da população, consolidando-se, assim, como um importante espaço de participação e socialização no Subúrbio Ferroviário de Salvador (Relatório Entre Rede, 2019).

A Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani foi inicialmente idealizada por irmã Goreth, com o apoio de um casal de amigos das irmãs calasanzianas. Instalada na Igreja de São Paulo, na Fazenda Grande, o nome do espaço foi dado em homenagem ao padre já falecido Alfonso Pacianni, posteriormente com o apoio do Instituto C & A, através do “Programa Prazer em Ler”, conseguiu organizar o espaço com a aquisição de móveis e um grande acervo de livros literários de qualidade. Assim, a Biblioteca foi aberta à toda a comunidade da Fazenda Grande do Retiro (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Padre Luís Campinotti, em 16 de agosto de 2013, foi inaugurada com o nome escolhido como forma de homenagear o padre que tinha interesses em prol da educação e do desenvolvimento social do bairro. Tendo como premissa o coletivo, a Biblioteca abre um espaço para oferecer cursos, como artesanato, reciclagem, reforço escolar, através do voluntariado de pessoas envolvidas com as atividades da comunidade (Relatório Entre Rede, 2019).

A iniciativa de criação da Biblioteca São José de Calasanz nasceu com um antigo sonho de levar o mundo da leitura a todas as crianças, adolescentes e adultos que frequentam o espaço com o objetivo de facilitar o acesso da comunidade a livros e, assim, incentivar o gosto e a prática da leitura. A grande idealizadora desse espaço foi a irmã Maria Goreth, que sempre foi uma figura de extrema importância para as articulações tanto da biblioteca quanto da RBCS. Com a missão de levar a leitura para mais crianças da comunidade, a biblioteca nasceu com o propósito de construir pontes entre a literatura e a vida de jovens e crianças, promovendo

atividades colaborativas em que a leitura é a principal fonte de conhecimento (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Tia Jana recebeu esse nome em homenagem a Tia Jana, moradora do bairro de Águas Claras, que doou o espaço para construção da Biblioteca Comunitária. Esse espaço atende a crianças e jovens, é um aparelho cultural muito ativo no bairro. Possui parceria com escolas, instituições e o comércio local, que colaborou ativamente na doação de materiais para a construção e reformas da biblioteca. Os eixos principais de suas ações são: promover a leitura como direito humano, incentivar a produção de conhecimento pela literatura e viabilizar o acesso através do seu espaço, aberto, gratuito a todas as pessoas da comunidade (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Parque São Bartolomeu, inaugurada em 12 de novembro de 2005, foi uma iniciativa da Associação de Moradores Nova Esperança Ilha Amarela – ASSMOILHA/Parque São Bartolomeu. Teve como objetivo oferecer aos moradores desse bairro acesso mais rápido e fácil a acervo literário e de pesquisa, uma vez que havia biblioteca na vizinhança. O processo de construção foi um trabalho em equipe que envolveu toda a comunidade do bairro: educadores, jornalistas, jovens e membros de instituições. Esse envolvimento da comunidade é marcante na história da biblioteca. Ela tem como diferencial a preservação da memória local e, por isso, faz um levantamento de documentos que contam a história do Parque São Bartolomeu e do Subúrbio Ferroviário (autor, data). O material coletado é disponibilizado para a comunidade. No presente momento, a biblioteca não integra a RBCS. (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Maria Rita Almeida de Andrade está localizada na cidade Nova e possui um acervo de mais de 6000 livros. Desde a sua fundação, fez parte da Associação Sons do Bem, uma instituição que promove oficinas de dança, teatro, capoeira, violão e audiovisual para crianças e adolescentes. (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Condor Literário fundada no dia 31 de maio de 2014, a Biblioteca Comunitária Sandra Martini nasceu com o objetivo de dar continuidade ao sonho iniciado pela professora italiana Sandra Martini, fundadora desse espaço, em Águas Claras, por iniciativa das Irmãs Franciscanas da Imaculada. Elas doaram o espaço da antiga creche comunitária Irmã Guilhermina para acolher a biblioteca. A iniciativa teve o apoio de pessoas da comunidade, que organizou o espaço e o acervo por meio de um mutirão. A inauguração foi marcada com uma caminhada literária e atividades culturais. Uma particularidade da biblioteca é o nome, escolhido pela própria comunidade em homenagem à rua onde está localizada.

Segundo os moradores, havia muitos condores na região, o que inspirou o nome “Condor Literário” (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Sandra Martini, fundada em 30 de julho de 2003, no bairro de Água Claras, a Biblioteca Comunitária Sandra Martini, foi idealizada pela professora italiana Sandra Martini, que doou um grande acervo, com diversos livros de literatura e gibis. Inicialmente, funcionava dentro do convento das Irmãs Franciscanas da Imaculada, atendendo também ao público externo. Nos últimos anos, a Biblioteca tem se destacado pelas pautas relacionadas às questões de raça e gênero, com foco nas mulheres da comunidade (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Novo amanhecer, fundada em 1992, foi idealizada pelas Irmãs Filha do Calvário, em parceria com agentes comunitários do Calafate. No início, a biblioteca funcionava no espaço das igrejas São Pedro e São Paulo, e a escola comunitária começou a desenvolver ações recreativas para crianças e jovens da comunidade. Com o apoio do “Programa Prazer em Ler”, o espaço desenvolveu um acervo de qualidade e um ambiente acolhedor para toda a comunidade. A biblioteca articula-se com os diversos atores do bairro e promove muitas ações sociais em parceria essas entidades (Relatório Entre Redes, 2019).

A Biblioteca Comunitária Sete de Abril, fundada em 2002 por Gicélia Barros, a biblioteca nasce na comunidade de Sete de Abril como um espaço educativo e cultural à disposição da comunidade. Ao longo dos 22 anos de funcionamento, a instituição tem resistido graças ao empenho de um grupo de mulheres voluntárias, que não apenas promovem ações para angariar recursos, mas também desempenham diversas funções essenciais para o seu funcionamento. As atividades da organização social foram iniciadas como biblioteca comunitária. No entanto, dois fatores foram marcantes para a ampliação de suas atividades: as demandas trazidas pela própria comunidade em áreas diversas e a formação acadêmica da fundadora da instituição em Serviço Social. A partir daí, os horizontes de trabalho da instituição se ampliaram, passando a atender crianças, adolescentes e grupos de mulheres. Devido à relevância de suas atividades no território, a instituição passou a ser reconhecida por outros agentes locais, que frequentemente estabelecem parcerias para o desenvolvimento de diversas iniciativas (Relatório Entre Redes, 2019).

**Quadro 05 – Bibliotecas Comunitárias RBCS**

Fundação	Nome	Endereço	Instituição mantenedora
1984	BC Clementina de Jesus	Conjunto Santa Luzia, quadra 05, 18 Uruguaí	Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia
1991	BC Padre Luís Campinotti	Rua Jaqueira do Carneiro, 36 Fazenda Grande do Retiro	Associação Gerarvida

Fundação	Nome	Endereço	Instituição mantenedora
1992	BC Novo Amanhecer	Rua Direta do Calafate S/N San Martins	Associação Gerarvida
2000	BC Maria Rita	Rua 2 de Fevereiro, 10 Cidade Nova	Sons do Bem
2001	BC Paulo Freire	Rua Almeida Brandão, 77 Plataforma	Movimento Social Sofia
2002	BC Sete de Abril	Rua Felícia, 01 Sete de Abril	Associação Beneficente Cultural Ugo Meregalli
2003	BC Sandra Martini	Rua Jacob de Carvalho S/N Águas Claras	Instituto das irmãs Franciscanas da Imaculada
2005	BC de Ítalo	Rua Padre Luís Lintner, 189 Cajazeiras V	Associação Casa do Sol Padre Luís Lintner
2005	BC Padre Alfonso Pacciani	Rua Melo Moraes Filho, 130 Fazenda Grande do Retiroi	Associação Gerarvida
2005	BC Parque São Bartolomeu	Rua Cabaçeiras, 231E Ilha Amarela	Associação de Moradores Nova Esperança de Ilha Amarela ASSMOILHA
2005	BC São José de Calazans	Estrada das Muriçocas, 676, Vale dos Lagos	Congregação das Filhas Pobres de São José de Calazans
2006	BC Calabar	1ª travessa do Calabar, 46 Calabar	Associação Ideologia Calabar
2013	BC Tia Jana	Rua General Figueiredo, 13 E Águas Claras	Associação Tia Jana
2014	BC Condor Literário	Loteamento Condor Caminho 10, nº17 Águas Claras	Instituto das irmãs Franciscanas da Imaculada

Fonte: Elaboração própria.

Ao longo dos últimos nove anos, as bibliotecas comunitárias de Salvador, organizadas em rede, realizaram inúmeras atividades formativas relacionadas aos seus eixos de trabalho. Dentre elas, destaca-se a formação que ocorreu em 2016 com a escritora Conceição Evaristo. Na ocasião as mediadoras de leitura da RBCS Passaram um dia inteiro com essa mulher, escritora, preta, que cunhou o termo “escrevivência” para descrever as narrativas de mulheres negras, foi como plantar uma semente em terra fértil, bem adubada, ensolarada e regada diariamente. Esse encontro marcou profundamente a trajetória da instituição e das pessoas que dela fizeram parte. Pois a partir daí a Biblioteca Comunitária Sete de abril passou a desenvolver ações de formação em mediação de leitura e escrita criativa com as mulheres da comunidade e de bairro adjacentes esses encontros deram origem ao clube de leitura “Nossa Pimenta é de Baiana”, que além de vídeos de mediação de leitura publicados no canal do youtube da biblioteca, está montando uma coletânea das poesias das mulheres para publicar.

**Figura 03 – Encontro e formação da RNBC com a escritora Conceição Evaristo**



Fonte: Rede social Instagram, perfil da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (2024).

A RBCS consolidou o trabalho das mediadoras de leitura por meio de ações formativas continuadas, em que se tratava de assuntos como seleção de livros para diferentes públicos, trocas literárias, e escrita criativa. A condução dos encontros formativos era conduzida por cada mediadora e como parte dessas atividades, foi desenvolvido um vídeo animado com poesias autorais e de outras escritoras, postadas semanalmente na página da RBCS no *instagram* (RBCSALVADOR, 2025). Os vídeos, intitulados *SoteroproLeituras*, tinham como objetivo, a partir da junção de palavras, destacar mulheres soteropolitanas empenhadas na luta pela promoção da leitura em nossa cidade.

A atividade de formação oportunizou a criação de um projeto para submissão a um edital. O projeto foi aprovado e a primeira edição do livro tornou-se realidade por meio do projeto “XII Seminário Ler Direito de Todos”, financiado pela Embasa em 2021, e a segunda edição, pelo Projeto “RBCS-Fortalecendo Raízes- Ganhando Asas”, financiado pelo Goethe Institut em 2022.

Dessa forma, nasceram os dois livros de poesias das mediadoras de leitura da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador: o “SoteroproLeituras: Entrelaços” e “Vivências de mulheres negras” (Anexo C). Nos textos, essas mulheres evidenciaram que a periferia não só lê, mas também escreve. Tornaram-se, assim, a prova viva para combater a ideia de que a exclusão social gera nas populações excluídas e marginalizadas, a ideia e o sentimento de que alguns bens culturais não lhes pertencem, não lhes são necessários, que são supérfluos, ou que são privilégios acessíveis a poucos (Castrillon, 2018).

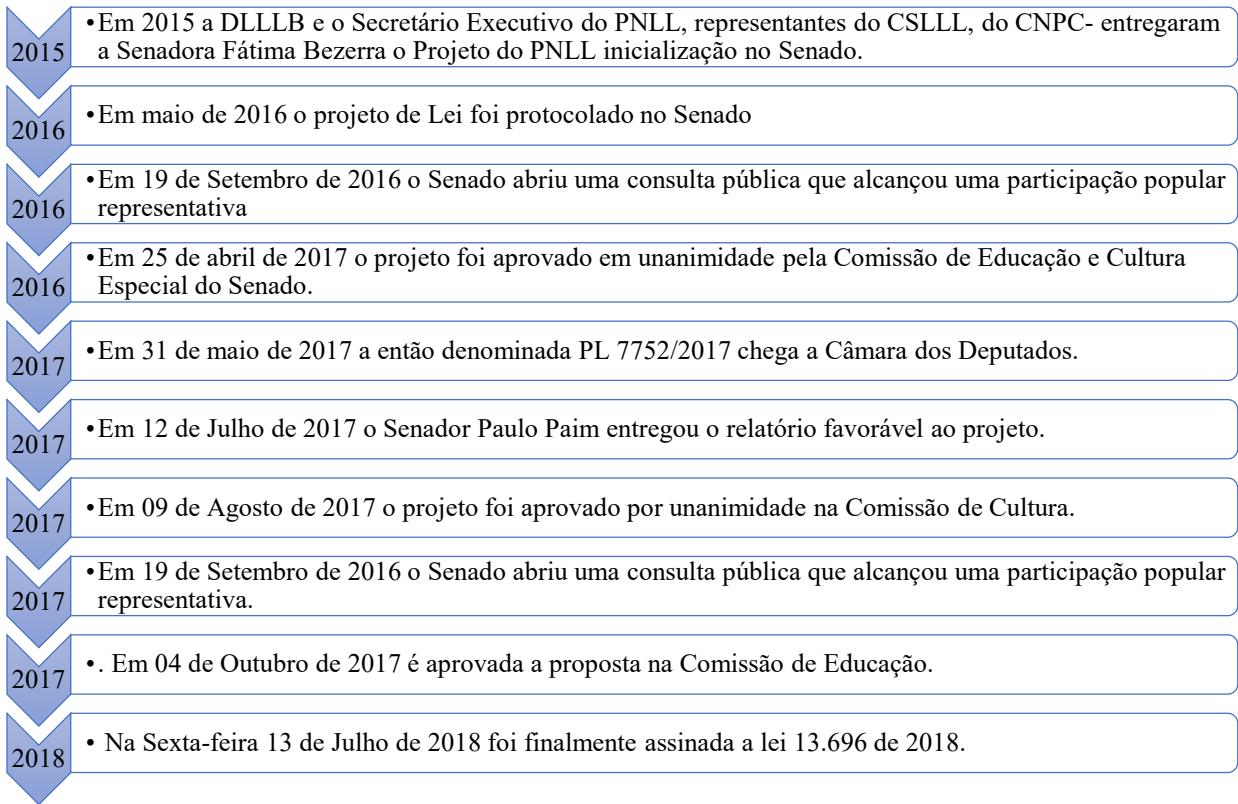
As mediadoras de leitura da RBCS têm plena consciência de seus direitos e sabem que a disseminação do conhecimento fortalece tanto os indivíduos quanto a convivência em comunidade. Essa literatura, compreendia como Direito Humano, representa o direito ao sonho, à fabulação e à possibilidade de traduzir a própria existência. Na lida diária em suas comunidades, elas seguem compartilhando, articulando, formando outras pessoas e incentivando o (re)conhecimento através dos livros que sugerem, leem em conjunto ou recomendam.

É nesse processo que está o grande fundamento transformador dessas mulheres: transformar literatura em possibilidade de empoderamento. É nesse contexto que acontece o grande “assentamento”. A diáspora negra, enquanto assentamento, é o calçamento de um chão comum onde plantaram e plantam axés que imantam e emanam as energias que conferem mobilidade, criatividade e possibilidades para as invenções (Rufino, 2018).

Todas as ações realizadas em rede propiciaram o processo de incidência política para a implementação de políticas públicas voltadas ao livro, à leitura, à literatura, à escrita e às bibliotecas nos âmbitos municipal, estadual e nacional. A “Política Nacional de Leitura e Escrita” (PNLE), aprovada em 13 de julho de 2018, estabelece uma estratégia permanente para promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil (Brasil, 2018). Essa política está sendo implementada pela União, em cooperação com os estados, o Distrito Federal, os municípios e com a participação da sociedade civil e de instituições privadas. A construção da PNLE, fruto de um processo de escuta ativa, realizado por meio de conselhos e grupos de trabalho ao longo dos anos, resultou em um documento chamado “Plano Nacional do Livro e Leitura” (PNLL) (Brasil, 2006).

A Lei nº 13.696 de 2018, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (Brasil 2018), é fundamental para a manutenção das bibliotecas já existentes, para a criação de novas bibliotecas comunitárias e para o avanço das ações ligadas ao livro, à leitura, à literatura, à escrita e à biblioteca. É importante dizer que o engajamento dos integrantes das bibliotecas comunitárias, por meio da incidência política, desempenhou um papel fundamental na construção e aprovação PNLE.

**Figura 04 – Linha do Tempo Política Nacional de Leitura e Escrita**



Fonte: própria pesquisadora.

Alguém desavisado do histórico recente da lei nº 13.696, pode admirar-se pelo fato de uma lei tão importante para o desenvolvimento social do povo brasileiro, ter sido assinada por um ex-presidente golpista. Tal curiosidade talvez pudesse ser explicada pela peculiaridade da data: sexta-feira 13, que passaria a combinar com o horror político vivenciado desde o golpe de Estado e midiático da Presidenta Dilma Rousseff. Contudo, nem a data simbólica, nem a figura quem assinou a lei, são aspectos relevantes.

O que de fato caracteriza essa legislação é o processo de mais de dez anos que levou à sua construção, um esforço coletivo, por meio da escuta ativa, através dos conselhos e grupos de trabalho que atuaram durante anos, resultando na criação do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

Em 2015, a Diretoria do livro, leitura, literatura e biblioteca (DLLLB), junto com o Secretário Executivo do PNLL, o Sr. José Castilho Neto, e representantes do Conselho Setorial do livro, leitura e literatura (CSLLL), do Conselho Nacional de Políticas Culturais (CNPC), entregaram à Senadora Fátima Bezerra o Projeto do PNLL para que fosse iniciado o processo legislativo no Senado. O projeto foi protocolado no Senado em maio de 2016. Em 12 de Julho de 2017, o Senador Paulo Paim apresentou um relatório favorável ao projeto. Já em 19 de

setembro de 2016, o Senado abriu uma consulta pública, que alcançou uma participação popular representativa (site Senado, 2024).

Em 25 de abril de 2017, o projeto foi aprovado por unanimidade pela Comissão de Educação e Cultura Especial do Senado. Posteriormente, em 31 de maio de 2017, a então denominada PL 7752/2017 chegou à Câmara dos Deputados. Em 09 de Agosto de 2017, foi aprovado por unanimidade na Comissão de Cultura. Em 04 de Outubro de 2017, a proposta passou pela Comissão de Educação e, na sequência, na comissão de Constituição e justiça e de Cidadania. Finalmente, na Sexta-feira, 13 de julho de 2018, a lei 13.696 de 2018 foi sancionada. A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) traz as diretrizes para a implementação dos Planos Estaduais e Municipais voltados ao livro, à leitura, à literatura, à escrita e à biblioteca, consolidando um marco crucial para a promoção da educação e da cultura no Brasil (site Senado, 2024).

Entre o golpe contra a presidente Dilma Rousseff e os quatro anos do Governo de Jair Bolsonaro, as ações da Política Nacional de Leitura e Escrita ficaram estagnadas. A situação tornou-se mais crítica durante a pandemia de Covid-19, apesar da resistência das bibliotecas comunitárias em seus territórios, demonstrando uma notável capacidade de articulação que se tornou possível devido às consolidadas ações de enraizamento comunitário.

Durante a Pandemia de COVID-19, as bibliotecas comunitárias se tornaram pontos de apoio fundamentais para que as pessoas das comunidades em seu entorno, oferecendo acesso ao auxílio emergencial, organizando campanhas de doação alimentos, disseminando informações atualizadas sobre prevenção, o isolamento e os cuidados, além de promover atividades de mediação de leitura à distância, empréstimo de livros e rodas de conversas *online* com os moradores.

A partir da articulação das bibliotecas comunitárias em polos de leitura, com o apoio da PPL, foram iniciadas atividades de formação voltadas à incidência em políticas públicas na área do livro, leitura, literatura, escrita e biblioteca. É importante destacar que muitas dessas bibliotecas surgiram de processos de formação comunitária em prol do fortalecimento de diversas políticas públicas. Nesse contexto, vale citar os exemplos da Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus e a Biblioteca Comunitária do Calabar, que se tornaram símbolos de luta e resistência política em Salvador. A soma de todos esses esforços fortaleceu a mobilização coletiva. A união das bibliotecas comunitárias como rede de Salvador, e a sua integração na rede nacional têm sido fundamentais para propor, cobrar, reivindicar e estimular a elaboração, reelaboração e debate sobre essas políticas públicas para o setor.

As bibliotecas que integram a rede possuem representantes em diversos conselhos, como o de Cultura (municipal e estadual), Conselho de Educação, Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA), Fórum de Organização da Criança e do Adolescente (FOCAS), Colegiado de Desenvolvimento Territorial (CODETER), Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) e o Conselho Municipal de Assistência Social (CMASS) (RBCS, 2020). A pesquisa “Brasil que Lê” evidenciou que, entre 2006 e 2012, houve um aumento significativo nas iniciativas de bibliotecas comunitárias, impulsionado pelo estímulo de políticas públicas que atenderam às demandas sociais.

Com a pandemia, em 2020 e 2021, as bibliotecas comunitárias precisaram ultrapassar os limites físicos dos seus espaços e, mais uma vez, reinventar-se. Aventurearam-se nos espaços virtuais, nas tecnologias que parecem intransponíveis, para se fazer presentes, criar espaços de leitura, para manter vivo o debate político (Reis *apud* RBCS, 2021). Esse momento de crise humanitária evidenciou a importância da atuação das bibliotecas comunitárias. Elas não só trouxeram apenas informações essenciais às vidas das pessoas e solidariedade por meio da coleta e doação de alimentos, mas também reafirmaram a literatura como um direito humano. Promoveram o direito ao acesso à informação e o direito de fabular, de sonhar em meio ao caos. Isso só foi possível porque existia um trabalho sólido de enraizamento comunitário, realizado anteriormente pelas bibliotecas comunitárias e que permitiu às pessoas permanecerem conectadas, ainda que virtualmente.

A Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS) continua suas atividades em rede, organizando seminários, promovendo audiências públicas e defendendo pautas relacionadas aos livros, à leitura, à literatura, à escrita e às bibliotecas. À frente desse movimento, está um coletivo de mulheres que colocam suas comunidades em lugares de destaque nos âmbitos municipal, estadual, nacional e internacional. Os relatos dessas bibliotecas não rimam com o quadro de violências expostas diariamente nos noticiários locais, descritas estritamente de “carentes” e “violentas”. Pelo contrário, revelam uma face que não interessa a mídia hegemônica mostrar: a coragem, a criatividade e a beleza presentes nesses territórios.

## **5. ESTUDO DE CASO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA SETE DE ABRIL: DA PRIMEIRA SONHADORA AO SONHO COLETIVO**

O Espelho  
Ontem e hoje, estivemos juntas  
Porém, separadas por apenas um fio,  
Tão fino que só conseguia te alcançar pelo espelho.  
A imagem refletida era de sorriso  
E de paz  
Vendo aquela imagem  
Percebi que podemos ir além do infinito  
Escrever a nossa própria história.  
Revivi o passado  
Ao me ver no espelho  
Com toda beleza e encanto.  
Me reencontro agora nesse olhar  
Repleto de esperança.  
(*O espelho*- Gicélia Barros)

A Biblioteca Comunitária Sete de Abril está situada no bairro de Sete de abril,<sup>1</sup> que, na divisão territorial de Salvador pertence à Prefeitura Bairro IX - Pau da Lima. Inclui também os bairros de Canabrava, Jardim Cajazeiras, Jardim Nova Esperança, Nova Brasília, Novo Marotinho, Pau da Lima, Porto Seco Pirajá, São Marcos, São Rafael, Trobogy, Vale dos Lagos e Vila Canária.

De acordo com os dados dos infográficos presentes no site da Prefeitura de Salvador (Salvador, 2024) (PREFEITURA DE SALVADOR, 2024), em 2010, o bairro Sete de Abril contava com uma população total de 18.215 habitantes. A maior parte se autodeclarava parda (54,32%) e preta (32,89%), do sexo feminino (52,06%), na faixa etária de 20 a 49 anos (50,52%). A Figura abaixo registra os dados:

---

<sup>1</sup> Ao realizar a pesquisa sobre o bairro Sete de abril nos acervos da Biblioteca Central do Estado da Bahia, encontrei dificuldades para encontrar dados referenciais que pudessem situar geopoliticamente o bairro onde a biblioteca está localizada. Por isso, recorri a fontes disponíveis nos sites da Prefeitura Municipal de Salvador e do Governo do estado da Bahia. Na biblioteca supracitada, trabalhamos com a escrita de projetos para editais lançados pela prefeitura de Salvador, através da Fundação Gregório de Matos (FGM). Dessa forma, utilizamos como referência para a divisão territorial de Salvador os dados do último Edital Territórios Criativos Ano II, publicado em 31/07/2024, que fornece informações detalhadas na Figura 5.

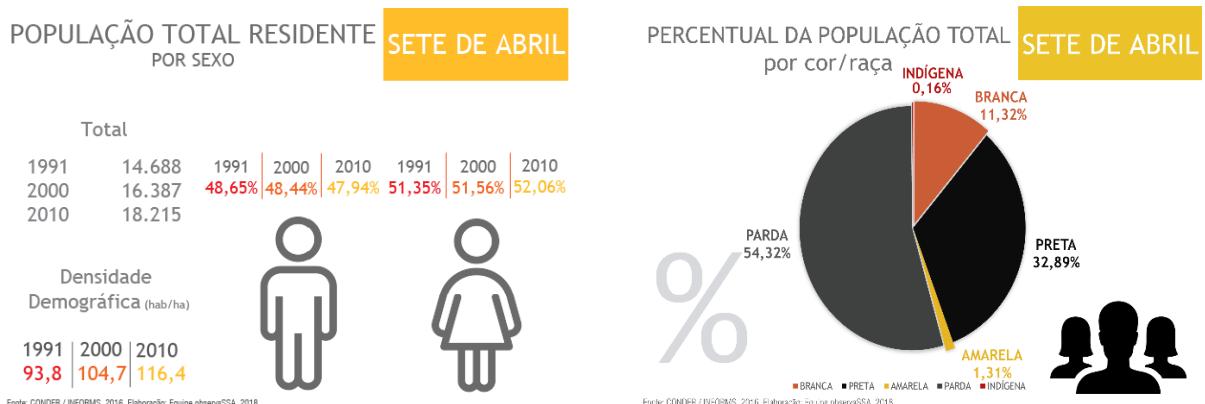
**Figura 05 – Bairros que compõem a Prefeitura Bairro IX – Pau da Lima, Salvador, Bahia**

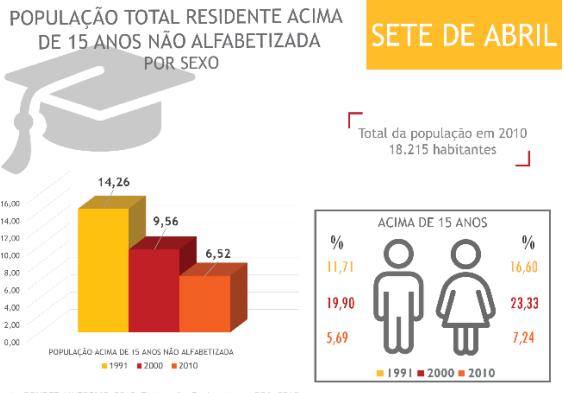
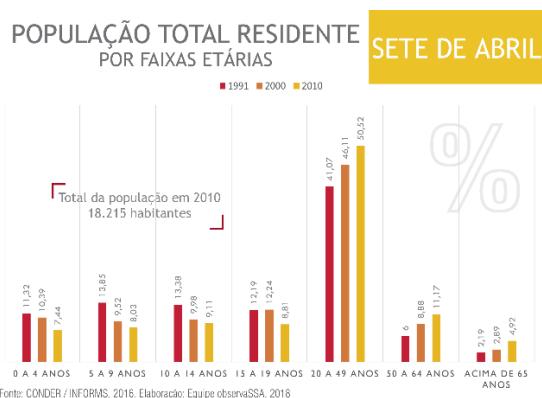
Nome do bairro	área em há	área em km 2	população 2010	população 2022	2010 Densidade populacional Bruta	2022 Densidade populacional Bruta
Canabrava	244,02	2,44	13.664	17.211	56	70,53
Jardim Cajazeiras	69,05	0,69	7.572	8.385	109,66	121,42
Jardim Nova Esperança	125,19	1,25	14.008	13.827	11,89	110,44
Nova Brasília	294,25	2,94	16.716	18.746	56,81	63,7
Novo Marotinho	23,96	0,24	4.238	3.715	176,88	155,01
Pau da Lima	114,51	1,15	24.693	20.665	215,64	180,46
Porto Seco Pirajá	11,42	0,11	72	48	0,65	0,43
São Marcos	105,9	1,06	28.591	22.962	269,98	216,83
São Rafael	190,42	1,9	25.790	21.019	135,44	110,38
Sete de Abril	156,54	1,57	18.215	16.473	116,36	105,23
Trobogy	361,43	3,61	7.158	9.487	19,8	26,24
Vale dos Lagos	104,16	1,04	12.860	10.204	123.146	97,96
Vila Canária	89,71	0,9	11.218	10.430	125,05	116,26
<b>TOTAL</b>	<b>1990,56</b>	<b>19,9</b>	<b>184.795</b>	<b>173.172</b>	<b>92,84</b>	<b>86,99</b>

Fonte: Site da prefeitura municipal de Salvador (2024)

O Observa SSA<sup>2</sup> (Salvador, 2024), esses mesmos dados foram confirmados: em 2010, o bairro Sete de Abril contava com uma população total de 18.215 habitantes. No que diz respeito aos domicílios, 5,14% dos responsáveis não eram alfabetizados. Apesar de 49,9% estarem na faixa de renda de 0 a 1 salário-mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio era de R\$821,00. Quanto à infraestrutura, 93,43% dos domicílios contavam com coleta de lixo, 98,28% com abastecimento de água e 60,51% com esgotamento sanitário.

**Figura 06 – Quadro socioeconômico do bairro Sete de Abril, Salvador, Bahia**





Fonte: Site da prefeitura municipal de Salvador (2024)

Já nas pesquisas realizadas a partir do dossiê da CONDER (2010), “O Caminho das Águas”, o bairro Sete de Abril, segundo Eduardo José da Cruz, diretor da Associação Beneficente dos moradores de Sete de Abril (ABEMSA), surgiu na década de 1960, a partir do loteamento de uma grande fazenda pertencente à família Barreto de Alencar. Pouco tempo após o loteamento, foi construído na área um conjunto habitacional, pela antiga URBIS, inaugurada em 07 de abril de 1965, data que deu nome ao bairro. Atualmente, o bairro Sete de Abril tem aproximadamente 15.307 habitantes, que corresponde a 0,63% da população de Salvador. Ele concentra 0,59% dos domicílios da cidade, sendo que 25,80% dos chefes de família têm renda mensal de 01 a 02 salários-mínimos. No que se refere à escolaridade, 35,80% dos chefes de família possuem de 04 a 07 anos de estudo.

O estudo de caso da Biblioteca Comunitária Sete de Abril busca compreender a sua história e a atuação comunitária, nos campos da educação, cultura e reparação. Após ouvir algumas vezes o relato de Gicélia Barros sobre o início da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, passei a chamá-la de a “primeira sonhadora”, pois iniciou todo o movimento há 25 anos:

A Biblioteca Comunitária 7 de Abril nasce da seguinte forma. Eu comecei a trabalhar dentro da comunidade com teatro de bonecos. Eu estive em uma festa de aniversário de meu sobrinho e vi minha irmã fazendo apresentação com o teatro de bonecos e eu me apaixonei. E nesse período eu passava por um processo de depressão terrível e eu precisava ocupar minha mente com alguma coisa. E aí eu percebi a alegria com aqueles bonecos, o quanto era motivador. E daí eu trouxe os bonecos de minha irmã para aqui e surgiu a ideia de eu levar um pouco de alegria para as crianças com o teatro de bonecos (Barros, Gicélia, Entrevista, 2023).

**Figura 07 – Foto da biblioteca no subsolo da Igreja Nossa Senhora do Carmo (acervo da biblioteca)**



Fonte: arquivo da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (2024)

Em seu relato, percebe-se que Gicélia sempre agiu com intencionalidade em suas ações. Ela encontrou uma forma de levar alegria para as crianças da sua comunidade e, ao mesmo tempo, curar a própria depressão. O sucesso do teatro de bonecos nas escolas e nas ruas do bairro levou ao convite para participar do Movimento Artístico Cultural (MIACC) pela Cidadania, que se reunia uma vez por ano. Foi nesse movimento que ela soube de um edital do Governo Federal, cujo objeto era doar seis computadores para comunidades organizadas que possuíssem pelos menos 500 livros em seu acervo. Em diálogo com o padre da Igreja Nossa Senhora do Carmo, que fica em Sete de Abril, Gicélia propôs uma parceria. A igreja cedeu uma de suas salas para organizar a biblioteca e para o uso dos computadores, que seriam destinados aos jovens da comunidade.

Era um edital ligado à questão das telecomunicações, onde nesse edital dizia que a pessoa teria que ter um espaço com laje e 500 livros que eles iriam doar um computador. E eu observei que na comunidade não tinha nenhum espaço para que as crianças, adolescentes e jovens accessassem para fazer as atividades escolares. Porque como eu participava da escola com teatro, eu vi essa deficiência dentro da comunidade (Barros, Gicélia, Entrevista, 2023).

O nascimento da biblioteca surgiu de uma necessidade concreta. Gicélia mobilizou os jovens da comunidade para se engajarem na campanha de arrecadação dos livros. Em pouco tempo, já tinham reunidos mais de 500 exemplares. Contudo, devido a entraves burocráticos, os computadores nunca chegaram. Mesmo assim, naquela sala, situada no térreo da igreja, próximo ao final de linha do bairro, nascia a Biblioteca Comunitária Sete de Abril.

Nós conseguimos montar essa biblioteca e conseguimos montar uma equipe de adolescentes, jovens da própria comunidade para estar ali orientando e ajudando outros jovens. E a partir daí é que surge a Biblioteca Comunitária 7 de Abril. E quando nós iniciamos, a ideia seria, eu fazia parte também da igreja, a ideia seria que esse projeto fosse junto com eles. Mas quando eu percebi que eles estavam muito afastados do propósito do projeto, eu decidi caminhar com quem gostaria de caminhar comigo. E percebi também que cada vez mais o número de jovens acessando essa biblioteca era muito grande, era uma infinidade. E eu, como não sou besta, eu dizia assim, quando alguém ia fazer uma pesquisa, eu sempre pegava três livros para ofertar para aquele aluno (Barros, Gicélia, Entrevista, 2023).

Ao ofertar os livros, Gicélia pontuava para os jovens que cada autora, autor, apresentava um ponto de vista único sobre o mesmo tema. Assim, iniciava o processo de formação de leitores e consolidava o seu trabalho de mediadora de leitura. Como a procura maior inicial era por parte dos jovens, o primeiro grupo de voluntariado criou um curso pré-vestibular, onde cada aluno ensinava aos demais a matéria na qual tinha mais domínio. Cabe à educação, fenômeno imbricado entre vida, arte e conhecimento, a produção de respostas responsáveis que reinventem os seres e, consequentemente, o mundo (Rufino in: Machado; Fernandez; Rosa, 2018). Ao final daquele ano, a maioria dos jovens do cursinho foi aprovada no vestibular. Sobre esse período, trago o relato de Rizia Chaves, que acompanhou todo esse processo e participou do círculo de memórias em 2019:

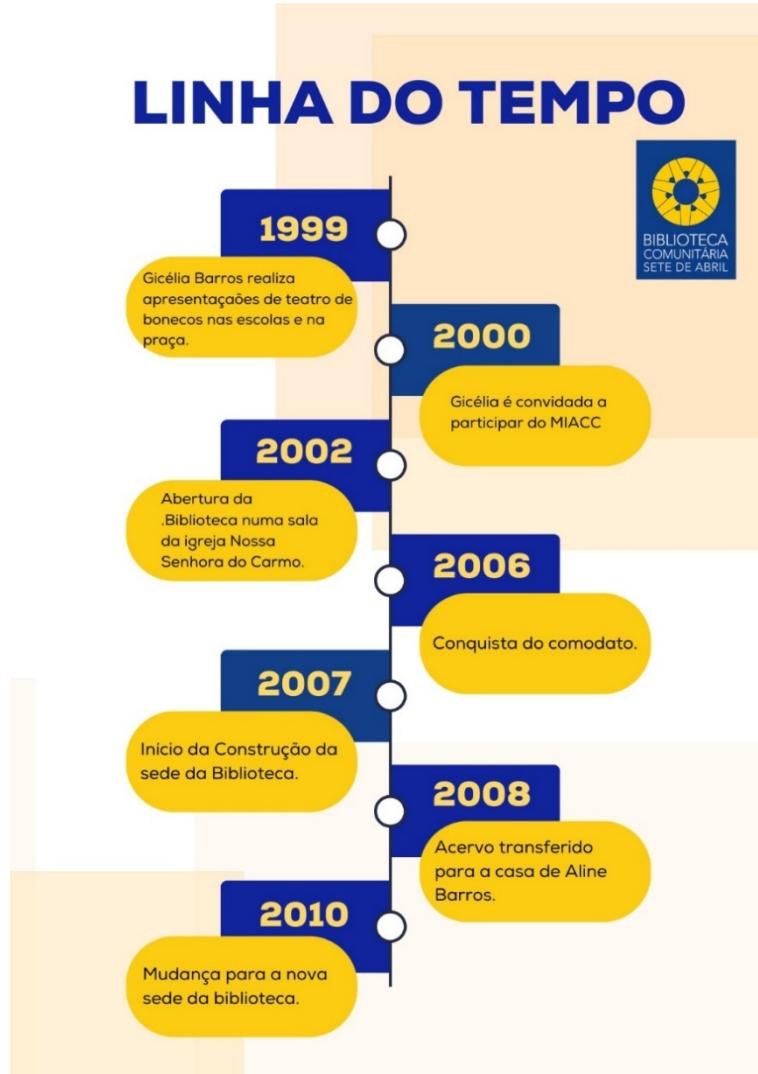
Essa biblioteca transformou as nossas vidas, houve uma transformação muito grande em nossas vidas, na minha, na de Erivalda, na de Jaíra, na de Querles na de Mario Ivo, na de André, Cremilda, nós eramos uns antes da biblioteca e nos transformamos em outros depois da bibliotecas eu nasci no interior dentro do mato, não tinha água, não tinha luz, meus pais eram analfabetos, eu não tinha uma estrutura pra educação, eu andava dois quilômetros pra ir pra escola, então assim, sonhar com a universidade não fazia parte da minha realidade, a gente nem sonhava com isso por que isso não fazia parte da realidade da gente, quando eu vim pra Salvador, eu conheci meu marido, que eu já estou com ele a mais de 20 anos, e ele sempre estudou, ele gostava, mas eu achava que aquilo era só pra pessoas inteligentes e eu não fazia parte disso quando eu conheci a biblioteca a biblioteca me abriu a mente, me abriu os horizonte e me disse “Não você é capaz, você pode, você pode estudar, você pode entrar numa universidade e nisso houve uma transformação gigantesca, aí eu conheci Gicélia, com essa energia, com essa alegria de viver, em acreditar tanto no sonho, eu nunca vi uma pessoa acreditar tanto num sonho. E aí nesse processo eu fiz vestibular, passei na federal, depois passei na UNIFACS, eu fiz psicologia (GOMES, Rizia, 2023).

Com o crescimento do movimento de jovens, Gicélia e outras voluntárias perceberam que os integrantes da igreja já não davam a devida atenção às ações da biblioteca. Assim, a biblioteca saiu das dependências do espaço religioso. Sem um local fixo para desenvolver as atividades, as ações aconteceram na rua. As crianças continuavam participando ativamente dessas atividades. O movimento da biblioteca já extrapolava o espaço físico, ainda que

precisasse dele para fundamentar aquilo que era o sonho emergente, e que poderia ter sido por hora interrompido, mas não para aquela mulher que acreditava na educação como forma de transformação para a sua comunidade.

A linha do tempo apresentada a seguir busca destacar os momentos mais significativo de transformação na história da biblioteca:

**Figura 08 – Linha do tempo da Biblioteca Comunitária Sete de Abril**



Fonte: elaboração da pesquisadora.

Em seu livro “A Sombra desta mangueira”, Paulo Freire (2015) faz uma analogia entre a sua biblioteca e a sombra de uma mangueira: “Minha biblioteca tem algo disto. É, às vezes, como se fosse a sombra de uma mangueira” (Freire, 2015, p. 20), e acrescenta “de tanto estar vindo à sombra desta árvore, alguma razão primeira se perdeu no prazer que vir aqui me causa. Devo mesmo é entregar-me ao gosto de vir, vivê-lo, fazê-lo mais intenso na medida em que o provo” (Freire, 2015, p. 22). O fundamento primeiro da educação, segundo Freire, é a ética,

elemento que nos leva a questionar como as nossas existências respondem às demandas daqueles que nos interpelam. A resposta de Gicélia e suas companheiras foi clara: elas não interromperam suas atividades, mesmo diante dos desafios. A rua, praças e encruzilhadas deram caminho para o movimento que já havia sido iniciado. Qual o movimento que escolhemos fazer para nos lançarmos enquanto um ato de responsabilidade comprometido com a vida em sua diversidade e imanência? (Rufino, 2018).

Tomando posse do seu próprio movimento, apoiado pela comunidade e reconhecido por sua ação social, educacional e política, em 2005 foi iniciada o processo de comodato de um terreno localizado entre a Associação de moradores do bairro de Sete de Abril e a creche Hélcio Trigueiro. Essa conquista só foi possível devido ao enraizamento das ações, à sensibilização dos interessados e à legitimação, evidenciada pelos documentos que circulavam na comunidade

O enraizamento não pressupõe o isolamento do espaço geográfico ou da produção cultural de uma coletividade. [...] É por meio da aparição diante do outro que os homens desenham sua identidade pessoal. Tal pluralidade é condição para a ação e para o discurso: funda e alimenta o corpo político (Frochtengarten, 2005, p. 68).

O terreno foi cedido pela Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Regional (CONDER), em 2006, com um comodato inicial válido por dez anos, renovado desde então a cada cinco anos. A construção no terreno cedido contou com a participação ativa da comunidade, que contribuiu com materiais de construção e mão de obra. Os primeiros passos foram dados com o apoio local, mas a expansão e melhoria do espaço ao longo dos anos ocorreram principalmente à parceria com o Instituto C&A. Por indicação da Avante – Educação e Mobilização Social, o instituto passou a doar o expurgo de suas coleções das estações passadas, que eram vendidos em bazares organizados pela biblioteca. Durante anos, esses bazares foram fundamentais para a construção do espaço. Voluntárias das lojas participavam diretamente da organização, precificação e venda dos produtos – e esse apoio permanece até hoje.

Com a ampliação do espaço e visando atender a outras demandas sociais da comunidade, a biblioteca formalizou, em 2002, a Associação Beneficente Cultural Ugo Meregall, em homenagem ao Padre que atuou diretamente no bairro, apoiando especialmente as famílias na aquisição e regularização de suas moradias.

Do processo de comodato até a criação do estatuto e o registro da instituição, foram realizadas muitas conversas com a comunidade. Cartas abertas e abaixo-assinados circularam para sensibilizar os moradores e reforçar a luta pelo espaço da biblioteca: “Foram muitas cartas

abertas à comunidade, explicando as nossas dificuldades.” (Chaves, Rilza, Entrevista 2023). Esse processo de “aquilombamento”, para reivindicação e luta pelos direitos, realiza-se quando agentes da sociedade civil assumem um papel fundamental na conquista de justiça social, nas vezes em que nem o Estado nem os agentes econômicos têm interesse ou são capazes de promovê-las (Tenório, 2008). Foi por meio do esforço coletivo que a biblioteca se consolidou e se tornou um espaço reconhecido e legitimado:

A gente dava aula em uma sala super quente, o sol batia dentro, mas ficava sempre cheio. Então, todos tivemos a nossa parcela, todos tivemos esse cuidado em contribuir, em colar com Gicélia e nós juntas empurramos esse trabalho. Hoje, esse sonho já está edificado. O que pode acontecer é que ele precisa sempre melhorar. A comunidade ganhou depois dessa biblioteca. Porque, imagina um bairro de periferia a aproximadamente 30 quilômetros da biblioteca central de Salvador. Para essa comunidade ter uma biblioteca é fundamental, é uma riqueza, é uma instituição cultural, é uma instituição que trabalha com arte, trabalha com o mundo (Chaves, Rilza, Entrevista, 2023).

Durante os anos posteriores, mudanças significativas ocorreram. Na assembleia geral de 21 de fevereiro de 2021, foi decidida a unificação dos nomes em um único registro. A instituição passou a se chamar Associação Beneficente Cultural Ugo Meregalli e Biblioteca Comunitária Sete de Abril. Marisa Alves Mascarenhas, voluntária da biblioteca há 11 anos, foi eleita presidente. Com o trabalho contínuo das mulheres da comunidade, a biblioteca tornou-se um polo catalisador de diversas ações direcionadas para elas e suas famílias.

## 5.1 ESPAÇO, ACERVO E MEDIAÇÃO DE LEITURA: OS FUNDAMENTOS DESSA CASA

### **5.1.1 O espaço onde brota a semente boa**

A Biblioteca Comunitária Sete de Abril está localizada na Rua Felícia nº 01. Esta rua fica próxima ao terminal de final de linha de Sete de Abril e é um local privilegiado para o desenvolvimento das atividades da biblioteca, pois, no mesmo local, encontram-se a Escola Municipal Afrânio Peixoto, O Centro Municipal de Educação Infantil Hélcio Trigueiro e a UBS de Sete de Abril. A duas quadras de distância, temos o Colégio Estadual Eraldo Tinoco.

Em frente a biblioteca, há um portão de ferro deslizante, permitindo a entrada de carros. O muro do espaço foi grafitado pela artista Carol Garcia. Para a elaboração da pintura, a artista

fez uma visita técnica, dialogou com a equipe de voluntárias e fez um esboço que foi aprovado de imediato por todas, dando início à execução do mural, conforme ilustrado.

**Figura 09 – Foto do mural da biblioteca grafitado pela artista Carol Garcia**



Fonte: Acervo fotográfico BC Sete de Abril.

Após cruzar os portões, há uma área cimentada que funciona como garagem para carros, mas também é utilizada para atividades, principalmente em datas comemorativas ou quando os outros espaços estão ocupados por outras ações. A Figura 9 ilustra um momento de reunião de familiares das crianças que participam das atividades de mediação de leitura e escrita, nas quais as mediadoras de leitura aproveitam para envolver as famílias em leituras coletivas. É possível visualizar o jardim da instituição, espaço plantado e cuidado pelas voluntárias, que também serve para conduzir as crianças às reflexões sobre a natureza e a sua importância. Logo atrás de Gicélia Barros, que se encontra de pé fazendo a mediação de leitura, há uma rampa de acesso para cadeirantes.

**Figura 10 – Reunião de voluntárias da BC7A**



Fonte: Acervo fotográfico BC Sete de Abril (2024).

A publicação de 10 anos do Programa “Prazer em Ler” (INSTITUTO C&A, 2016) registra aspectos considerados essenciais para a organização de um espaço de biblioteca. No texto que segue serão apresentados os aspectos relacionados ao espaço e após uma análise de como a Biblioteca Comunitária Sete de Abril – BC7A incorporou cada um deles.

“Ter uma boa visualização e comunicação com o ambiente externo em que está inserido” (INSTITUTO C&A, 2016, p. 51). Logo após a descida da rampa de acesso para cadeirantes, existe uma grande varanda onde são realizadas diversas atividades, como oficinas de artesanato para mulheres, apresentações musicais, e que também serviu de palco para as duas festas literárias realizadas em 2023 e 2024. O espaço da varanda é adaptado conforme a necessidade da programação. É possível ver o público de crianças sentados na varanda participando de uma apresentação com escritores. Utilizando uma outra perspectiva, outro grupo de crianças assistindo uma apresentação de teatro de bonecos.

**Figura 11 – Foto do público na varanda durante apresentação na II FLIB7**



Fonte: Acervo fotográfico BC Sete de Abril (2024).

**Figura 12 – Título Foto da mediação de Leitura com teatro de bonecos**



Fonte: Acervo fotográfico BC Sete de Abril (2024).

“Ser uma área limpa, arejada acessível e com boa iluminação e ventilação.” (INSTITUTO C&A, 2016, p. 51). A sala ocupada pela Biblioteca Comunitária Sete de Abril possui 04 janelas, por onde circula a ventilação e entra bastante iluminação natural. A limpeza e organização do espaço ficam a cargo das voluntárias, que, por meio de pequenas tarefas diárias e mutirões pontuais, realizam não só a limpeza, mas também o descarte de matérias. Para isso, há uma parceria permanente com cooperativas locais de reciclagem, além da realização de doação de mobiliários mais antigos, quando os novos chegam, e de acervo excedente, repetido

ou muito específico, para outras bibliotecas comunitárias que estão em processo de estruturação. Também são realizadas ações pontuais, como a doação de livros no terminal de final de linha do bairro, como a que acontece no final de outubro, durante a Semana do Livro e da Leitura.

“Ter local e mobiliário apropriados para guardar e expor livros e os outros suportes de texto” (INSTITUTO C&A, 2016, p. 51). Logo na entrada, temos uma estante de destaque dos livros do mês, podendo estar relacionada a uma data comemorativa, a uma autora ou autor específicos, a um tema importante do momento, ou ainda à exibição de livros recém-chegados, chamando a atenção para as novidades do acervo. Ao entrar no espaço, as outras estantes estão dispostas de forma a preservar a circularidade, otimizar a iluminação e garantir uma boa disposição do acervo. Em uma bancada de trabalho, próxima a uma parede, estão os computadores utilizados pela equipe de trabalho que realiza o cadastramento dos livros, dos interagentes, dos usuários e os empréstimos, além de um computador para quem precisar fazer pesquisas no local.

**Figura 13 – Foto da mediação do espaço da Biblioteca pela mediadora de leitura Ana Paula Carneiro**



Fonte: Acervo fotográfico BC Sete de Abril (2024).

**Figura 14 – Foto da bancada de trabalho onde são realizados cadastramentos e empréstimos**



Fonte: Acervo fotográfico BC Sete de Abril(2024).

O espaço da Associação Beneficente Cultural Ugo Meregalli e Biblioteca Comunitária sete de Abril nasceu na sala onde está instalada a biblioteca. Inicialmente, a associação não foi pensada com essa configuração; a princípio, o local abrigaria apenas a biblioteca comunitária. No entanto, foi justamente pelas ações de enraizamento comunitário, que geraram a participação ativa da comunidade nas atividades, e pelas rodas de diálogos, promovidas com a intenção de ouvir as demandas do território, que as mobilizações do espaço foram se diversificando e tomando o formato de ações para a garantia de direitos, principalmente de mulheres e crianças, que sempre foram o principal público atuante no local. Outro fator importante para que essas ações extrapolassem os limites da biblioteca, foi o fato da sua idealizadora, Gicélia Barros, ter se formado em Serviço Social.

Os espaços das bibliotecas comunitárias são essas terras-solos, vivas, que ressignificam a todo momento e que são feitas de poesia e luta, de resistência e livros, de pessoas diversas e comprometidas com o plantio de um novo tempo por meio da literatura. Territórios que acolhem a todos, promovendo o encontro de crianças, homens e mulheres de todas as idades e etnias, possibilitando ampliação da consciência dos direitos e deveres individuais e sociais, favorecendo uma existência cidadã (Souza; Damascena; Souza, 2018, p. 36).

Embora a biblioteca hoje funcione em uma sala da associação, é comum ver a biblioteca ultrapassando os limites do espaço do prédio, realizando diversas atividades simultaneamente em um mesmo dia. Dessa forma, o espaço se moldando para atender às demandas das atividades propostas pela própria comunidade, conforme planejamento anterior, mas também acolhendo

oportunidades de articulação que surgem espontaneamente. O espaço da biblioteca foi criado para receber a comunidade de Sete de Abril e seus visitantes, garantindo a acessibilidade e o acolhimento de todas as pessoas.

Se estamos dispostas a trabalhar com leitura e garantir esse direito, precisamos fazer com que a biblioteca seja realmente um espaço acolhedor. Não adianta fazer um espaço do jeito que eu gosto e do jeito que eu penso, precisamos ouvir a comunidade, deixar que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos estejam juntos para que possamos tomar as decisões (Gradela, 2018, p. 40).

### **5.1.2 O acervo: os frutos a serem oferecidos**

O acervo da Biblioteca Comunitária Sete de Abril é constituído, em sua grande maioria, por livros doados pela comunidade ou por pessoas que chegam até a biblioteca motivadas pela divulgação das atividades nas redes sociais. Quando a equipe aprova um projeto em algum edital, realiza a compra de alguns livros, embora essa quantidade ainda seja menor do que a recebida por doação. Por isso, é preciso estabelecer critérios para o recebimento e a triagem desses livros, bem como adotar práticas conscientes de descarte. No início do Programa Prazer em Ler, os integrantes das bibliotecas enfrentavam dificuldade em descartar livros. Contudo, com o tempo e a conscientização sobre a importância de um acervo de qualidade, que refletisse as pautas dos Direitos Humanos sem perder a diversidade de gêneros literários, formatos e temas, esse processo tornou-se mais estruturado.

Com a organização das bibliotecas em rede, houve um investimento na realização sistemática de encontros de formação sobre acervos e literatura, e com isso mediadores de leitura e gestores das instituições começaram a entender sobre a relevância de descartar alguns tipos de livros, já que não tinham uso recorrente naquela comunidade, ou eram livros que não estavam em estado adequado para o uso (Rocha; Honorato; Cavalcante, 2018, p. 48).

Quando os livros chegam à biblioteca, passam por um ciclo processual (doação – recebimento – triagem – classificação – catalogação – empréstimos). Nem sempre é uma tarefa fácil, pois muitos livros recebidos são relevantes, mas estão em estado de deterioração avançado.

A Figura 14 apresenta o ciclo processual da BC7A:

**Figura 15 – Ciclo processual da BC7A**



Fonte: Elaboração da pesquisadora

Geralmente, ao serem abordadas por possíveis doadores, as voluntárias precisam realizar um processo de conscientização sobre os tipos de livros de interesse da biblioteca, a qualidade da conservação necessária e, muitas vezes, indicar outros destinos mais adequados para determinados acervos. Por exemplo, um acervo muito voltado à área de direito, podem ser mais uteis em bibliotecas de universidades específicas. Em situações como essa, a Biblioteca Comunitária Sete de Abril já realizou parcerias com faculdades ligadas à temática e promoveu campanhas de trocas de livros informativos, universitários, por livros de literatura. Nesse caso, a decisão de receber o acervo e organizar a campanha é tomada coletivamente pela equipe de voluntárias da biblioteca.

A escolha do acervo também se dá a partir da intencionalidade do debate constante sobre os Direito Humanos. Nesse sentido, as formações realizadas pelo Programa Prazer em Ler (INSTITUTO C&A, 2016) tiveram um papel fundamental para compreender a necessidade de incluir determinados livros na biblioteca comunitária, a exemplo, de livros acessíveis, que possibilitam leitura em braile ou escuta, livros escritos por autoras negras e temáticas direcionadas às mulheres, livros de autores indígenas, literatura LGBTQPIAN+, livros de autoras e autores locais. Entretanto, quando essas obras chegam às estantes das bibliotecas comunitária, é preciso que os mediadores conheçam bem o acervo, como nos diz Gicélia Barros:

Através de várias formações que nós tivemos com o Programa Prazer em Ler eu aprendi que a gente primeiro precisa conhecer o acervo. Saber qual é o livro que a gente vai fazer a mediação. Conhecer o livro, fazer a leitura do livro, escolher o livro, para fazer aquela mediação pra crianças, pra mulheres. Por exemplo, como eu trabalho com minhas fraldinhas, é assim que eu chamo as crianças de 0 a 03 anos, pra eles eu escolho livros de imagem, por que eles ainda não estão alfabetizados, mas já conseguem fazer a leitura de imagens, apontar as figuras e recontar a história que a gente leu. Aí quando elas já estão mais habituadas com as imagens, a gente começa o processo de ler as histórias (BARROS, Gicélia Entrevista, 2023).

Outro fator importante é que, próximo ao livro de registros de visitantes, a biblioteca mantém sempre uma folha de sugestões de acervo, onde os interagentes podem indicar os livros que gostariam de encontrar na biblioteca. Sempre que possível, buscamos esses livros por meio de doações ou, quando há verba disponível de algum projeto, os livros solicitados são comprados e expostos na estante localizada na entrada.

### **5.1.3 Colhendo e repartindo os frutos da Mediação de Leitura**

Foi justamente pela relevância histórica e da representatividade de pessoas negras e letradas na Revolta de Búzios que a RBCS passou a realizar o seu Seminário *Ler Direito de Todos*, sempre no período das comemorações referente a Revolta de Búzios, entre os dias 08 e 10 de novembro. Rememorar essa data, para as mediadoras, significa reafirmar a nova revolução que acontece nas periferias, onde as bibliotecas comunitárias estão enraizadas. Esse movimento de “Resistência Cultural para formação de leitores” tem, hoje, a leitura e a escrita como dispositivos de transformação para crianças, jovens e mulheres negras.

A leitura está presente em todas as atividades da Biblioteca Comunitária Sete de Abril, seja numa reunião em parceria com o CRAS, no acolhimento das famílias nos momentos de escuta e diálogo, ou nas ações regulares de formação de leitores promovidas pela biblioteca. Acredita-se que o acesso à leitura é um direito de todas as pessoas e que, a partir desse acesso, é possível chegar aos outros direitos fundamentais.

A leitura promove a inserção social por dois caminhos diferentes, mas complementares. Por meio de sua função prática, adquirimos conhecimento, algo fundamental para desenvolver as habilidades exigidas em um mundo cruelmente competitivo. Mediante sua função, digamos assim, nobre, que para mim é a que mais importa, desperta em nós o interesse pelo próximo, aquele que, por espelhamento, confere a nós o estatuto de ser humano. Com isso, nos sentimos pertencendo a essa abstração concreta denominada Humanidade, e nos tornamos mais tolerantes, mais humildes, mais belos, mais inteligentes (Ruffato in: Guerra; Leite; Verçosa 2018, p. 33).

Nas atividades realizadas pela Biblioteca Comunitária Sete de Abril, incluem-se ações de mediação de leitura, contação de histórias, rodas de conversa e momentos de escuta sobre as histórias do bairro e histórias de vida. Sendo um espaço onde o acolhimento de todas as pessoas se tornou um critério importante para as voluntárias que atendem ao público, esse acolhimento ocorre de diversas maneiras. Entre elas, destaca-se a oferta do livro como objeto de leitura como prioridade. O livro é um conjunto de símbolos mortos (Borges, 2007). E, então, aparece o leitor

certo e as palavras saltam para a vida, promovendo a ressurreição da palavra. Isso acontece quando um leitor, no silêncio da biblioteca, retira o livro da prateleira e, ao percorrer as suas páginas, insufla, com sua imaginação, as personagens e as paisagens de alma e substância (Ruffato in, Guerra; Leite; Verçosa, 2018).

A relação com os livros é construída pelas mediadoras de leitura a partir dessa oferta, seja nas prateleiras, por meio de uma indicação direta ou até mesmo numa brincadeira chamada “escondidinho de livros”. Neste jogo específico, a mediadora apresenta os livros para as crianças, que saem do ambiente e depois retornam para procurar onde eles estão escondidos. Assim, as crianças ganham, através da brincadeira, intimidade com esse objeto fundamental na formação dos pequenos leitores. Sobre o funcionamento da Biblioteca Comunitária Sete de Abril e a oferta de livros, a Sra. Rilza Chaves, diretora da Escola Municipal Afrânio Peixoto e uma das fundadoras do espaço, afirma o seguinte:

O funcionamento desta Biblioteca, acompanho há décadas desde o século passado, e sou testemunha do empenho, da luta e do compromisso permanente deste grupo de mulheres, mães, professoras, abnegadas para manter este espaço vivo! Com atividades permanentes. Além de contar a presença das mediadoras de leitura que oferecem livros, apresentam livros, leem livros e emprestam livros! Livros e entretenimento! (CHAVES, Rilza, Entrevista, 2023).

As ações de mediação de leitura promovidas pela Biblioteca Comunitária Sete de Abril são sempre diversificadas e dialogam com a leitura, escrita e oralidade. São direcionadas a pessoas de todas as idades e acontecem de maneira programada ou sempre quando uma oportunidade se apresenta. Com as formações em mediação de leitura, as mediadoras tiveram a oportunidade de discutir, debater, colocar em prática e, muitas vezes, reorganizar as suas ideias sobre o que significa ser um mediador de leitura em uma biblioteca comunitária.

Existem ações para crianças de 0 a 3 anos, chamadas de “Clube das fraldinhas”, além de atividades direcionadas às idosas e ao grupo de mulheres da comunidade. Além da mediação de leitura, também acontecem as narrações de histórias. Embora existam aqueles que, ingenuamente, propõem que a narração só ocorre diante de um livro aberto, para não desvalorizar o objeto físico da alfabetização (Yunes, 2014), após inúmeras formações e debates, chegou-se ao consenso de que a oralidade é parte integrante dos diversos letramentos possíveis. Valorizar essa expressão é, também, promover a escuta da comunidade. Nas sessões de narração de histórias abertas, o público é constantemente convidado a colaborar com as histórias, o que permite agregar pessoas de diversas idades em uma mesma narrativa.

A missão das Bibliotecas Comunitárias é assegurar o direito à literatura por meio da democratização do acesso ao livro, do estímulo à leitura, da capacitação de mediadores de leitura e da influência em políticas públicas. Estas bibliotecas assumem a visão de serem reconhecidas, lembradas e requisitadas como pontos de cultura em comunidades periféricas. Por isso, desempenham um papel solidário, proporcionando a crianças, jovens e adultos o acesso democrático à literatura, que, como um trabalho aberto deve estar acessível a todos, sem restrições, em sua variedade de gêneros.

Eu cheguei aqui na biblioteca comunitária através de uma amiga minha chamada Tanilda, ela me informou desse projeto que tava tendo, lindo e maravilhoso para as crianças, aprender a escrita e a leitura. Eu vim trazendo a minha filha. Fiquei vindo também e participando. Porque como minha filha tá aprendendo, eu também tô aprendendo. Tô aprendendo também muito sobre a leitura. Mudou minha autoestima, né? Eu aprendi a ser mais uma pessoa mais feliz, alegre. Porque aqui as pessoas passam isso pra gente. A alegria, você chega, é bem recebida, ganha aquele abraço. Que é difícil hoje em dia uma pessoa abraçar, né? Então aqui quando a gente chega é abraço, é beijo. E isso preenche o eu. Assim, o meu eu (MELO, Aranildes, Entrevista, 2023).

Acredita-se, portanto, que a mediação de leitura em uma biblioteca comunitária, que considere a literatura como Direito Humano, trará o fundamento necessário para a construção de um processo de letramento democrático, além da reparação de diversas injustiças sociais, ao oportunizar a leitura de mundo, a leitura literária e a reflexão sobre os Direitos Humanos em geral. E nesse sentido o papel das mediadoras de leitura é fundamental para a promoção das ações de incentivo à leitura e escrita.

## 5.2 COMUNICAÇÃO DAS AÇÕES PARA O MUNDO: MULHERES DA COMUNIDADE DE SETE DE ABRIL, PRESENTES!

A comunicação na Biblioteca Comunitária Sete de Abril sempre foi uma prioridade. As voluntárias sempre se esforçaram para manter atualizadas as redes sociais, que até 2020 consistiam no *Facebook* e no *Instagram*. Hoje, além dessas duas plataformas, a biblioteca também conta com um canal no *Youtube* e um *Site* oficial, que funciona como memorial. A partir de 2020, a pesquisadora assumiu a coordenação de comunicação da biblioteca. Desde então, os esforços têm sido direcionados sempre para atrair pessoas que possam colaborar na divulgação das ações realizadas pela biblioteca e apoiar as ações de incidência em políticas públicas promovidas em rede.

Em março de 2020, com o início da pandemia e as atividades presenciais suspensas, as reuniões de gestão com a comunidade passaram a acontecer de forma virtual. Foi em uma dessas reuniões que se decidiu que as redes sociais seriam utilizadas como um meio de manter as atividades da biblioteca, promover campanhas e informar a comunidade sobre os acontecimentos. Uma ação que deu grandes resultados foi a criação do grupo de *WhatsApp* para dialogar com as famílias, divulgar as informações e enviar mediações de leitura para as crianças.

Com a flexibilização das medidas de isolamento, alguns voluntários jovens da comunidade se disponibilizaram para ajudar as pessoas que tinham dificuldade em buscar o auxílio emergencial, seja por falta de acesso à internet ou por não saber utilizar os aplicativos necessários para cadastro. Muitas medidas de segurança e isolamento parcial ou total foram tomadas, mas a urgência das necessidades da comunidade não podia esperar. Outra decisão importante, decidida em assembleia virtual, foi o ingresso da instituição na plataforma chamada *Atados*, uma rede de voluntariado que conecta voluntários e instituições de todo o país.

A partir dessa plataforma, foi possível solicitar voluntários para apoiar a comunicação da biblioteca. Naquele momento, devido à maior disponibilidade das pessoas para trabalhos voluntários à distância, o número de inscritos interessados em abraçar a causa foi significativo. Por fim, formou-se um grupo composto por sete de mulheres de diversos estados brasileiros e uma brasileira que residia na Argentina. O grupo foi apelidado de “A casa das sete mulheres”, em alusão ao livro homônimo de Letícia Wierzchowski.

As voluntárias dividiram-se em várias frentes de comunicação, de modo a manter a regularidade as postagens sem sobrecarregar ninguém. Na primeira reunião, o grupo conheceu um pouco da história e do contexto; já na segunda reunião, foi organizada uma agenda de postagens para o mês, e cada voluntária se ofereceu para contribuir com as tarefas que estavam mais ao seu alcance. Para garantir consistência visual, Lívia Souza, uma voluntária que também é *web design*, sugeriu um padrão para as postagens, definindo o tipo de letra e as cores dominantes.

Além disso, ficou decidido que outra rede social da instituição seria incrementada para dar mais ênfase às ações da Associação Ugo Meregalli. Embora ambas as redes continuem ativas hoje, essa questão ainda precisa ser amadurecida, pois as postagens frequentemente são repetidas nas duas plataformas.

Um avanço significado foi a elaboração da logo da Ugo Meregalli, criada a partir das ideias comunicadas à Livia Souza nas reuniões e inspiradas no acervo audiovisual que ela ajudou a organizar. Atualmente, a instituição segue com duas logos: uma da biblioteca e a outra

da associação. Não é raro que ambas sejam usadas em uma mesma postagem, reforçando a relação entre essas duas plataformas.

A figura abaixo registra as logomarcas:

**Figura 16 – Logo da Biblioteca comunitária Sete de Abril e da Associação Beneficente Cultural Ugo Meregalli**



Fonte: Arquivo da Biblioteca Comunitária Sete de Abril

O grupo de comunicação manteve o ritmo de trabalho por cerca de seis meses. Com as flexibilizações por conta da diminuição dos casos de covid-19, houve a necessidade de afastamento de alguns integrantes, ficando apenas duas voluntárias. Foi então que, com os editais da Lei Aldir Blanc, surgiu a oportunidade de criar um memorial para a biblioteca. O assunto havia sido levantado em conversas anteriores, mas não havia recursos para realizá-lo. Com a aprovação do projeto “Biblioteca Comunitária Sete de Abril: 18 anos de História pra contar”, foi possível criar o memorial, que permaneceu no ar até o ano passado. No entanto, o site foi atacado por *hackers* e precisou ser retirado do ar pelos novos voluntários. Atualmente, o site encontra-se em fases de reconstrução e testes para a reinserção das “coleções” – fotos e outros registros que estão armazenados e catalogados no acervo da BC7A. Esse acervo foi organizado pela equipe do projeto e, em breve, estará disponível no endereço [www.bcsetedeabril.com.br](http://www.bcsetedeabril.com.br).

Para esta pesquisa, foi realizado um levantamento das postagens de 2022 a 2024, na rede social da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (*Instagram*). Esse levantamento revelou que a divulgação de eventos nas redes sociais funciona como um registro atualizado permanente das ações realizadas (ANEXO B). Diante da carência de outros registros documentais da BC7A, foi elaborada um quadro com todas as postagens, classificando cada uma delas. A partir das atividades comunicadas no *Instagram*, foi possível compilar um levantamento das ações

realizadas que possuem registros públicos: 12 postagens sobre Divulgação de doações, 23 Postagens sobre Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade e 14 Postagens sobre ações de Mediação de leitura.

### 5.3 A INCIDÊNCIA POLÍTICA QUE BROTA DA AÇÃO DAS MEDIADORAS E GESTORAS

As mediadoras na BC7A também participaram de uma série de discussões e atividades em coletivos e organizações para a implementação de políticas públicas voltadas ao livro, à leitura, à literatura, à escrita e às bibliotecas nos âmbitos municipal, estadual e nacional.

Um exemplo que pode ser destacado são os 13 Seminários intitulados Ler Direito de Todos, realizados pela RBCS com a parceria dos interagentes das bibliotecas e outros atuantes das comunidades atendidas pelas bibliotecas, As conferências sobre o livro leitura, literatura e biblioteca, realizadas em parceira com escolas públicas municipais e estaduais localizadas nos territórios de atuação das bibliotecas, as reuniões com vereadores, deputados estaduais e federais para solicitar audiências públicas para avaliar a implementação das ações relacionadas ao Plano Estadual do Livro Leitura(PELL), Plano Municipal do Livro Leitura e Biblioteca (PMLLB), e na Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE).

Esse conjunto de ações, organizadas pelas mediadoras da BC7A eram destinadas a influenciar a formulação de políticas públicas efetivas, atitudes sociais e processos políticos, direcionadas a tomadores de decisão em apoio a normatização de leis e programas de investimento para a manutenção e consolidação das BCs.

A população se organiza para buscar soluções junto ao poder público, e por meio desta mobilização podem ocorrer ações diretas do governo com alterações ou formulações de políticas públicas.

Essa mobilização junto a Rede Nacional colaborou com a publicação da “Política Nacional de Leitura e Escrita” (Brasil, 2018), consolidando estratégia permanente para promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil. Isso evidencia o processo de incidência política na mobilização no território.

## 5.4 ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO E OS CAMINHOS ABERTOS PARA CONEXÃO COM A COMUNIDADE

Tempo  
Chovia,  
chuvas regavam a noite  
e a madrugada.  
Manhãs cinzentas, molhadas,  
as casas cobertas de água.  
Pessoas felizes  
outras desanimadas.  
E o tempo voava s  
,em asas  
nos dias que se passavam.  
Rotinas seguiam, seguem, seguirão.  
E, os vestígios da vida de quem amamos,  
jamais se apagarão.  
Em um mundo que parece meu,  
me invento,  
me reinvento,  
me vejo autora do tempo.  
(*Tempo*- Taise Souza)

A Biblioteca Comunitária e o Enraizamento Comunitário, representados aqui, como nas religiões de matriz africana, por meio do Fundamento e do Caminho, como formas de existir e resistir no mundo, ressaltam a importância do desenvolvimento territorial por meio das ações desses espaços de cultura e educação, que são criados e geridos pelos atuantes das comunidades onde estão inseridas. E foi exatamente essa intencionalidade de ocupação e transformação que impulsionou o desenvolvimento das ações da Biblioteca Comunitária Sete de Abril.

A biblioteca precisou ocupar as ruas do bairro, essa ocupação foi de forma colaborativa e pacífica como mostrada em sua história, em benefício de todos. Onde os homens lançam raízes, as lutas e construções dos antepassados, suas ideias e tradições, alicerçam realizações que, por sua vez, poderão revesti-las de novos significados (Frochtengarten, 2005).

A capacidade de articulação entre os interagentes da BC7A, o território e seu entorno foram fundamentais, pois promoveu o fortalecimento da democracia e o empoderamento dos indivíduos, contribuindo para a preservação da memória e a consolidação da biblioteca como espaço de educação e cultura.

As ações de criação e organização da BC7A compartilhadas promovem o enraizamento comunitário, conforme depoimento de Conceição Silvânia, coletado pela sistematização do processo formativo promovido pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias em 2021, no qual a pesquisadora atuou como condutora da formação sobre enraizamento comunitário:

A dimensão das nossas ações é exponencial, trago esse termo por que sou professora de matemática, mas também posso dar outro exemplo que todo mundo vai entender, quem aqui nunca assistiu a um desenho animado e alguém abre a máquina de lavar e

coloca sabão demais e aquela espuma cresce tanto que vira uma avalanche de espuma que toma a casa toda? Assim são as nossas ações dentro das comunidades, a gente começa com uma estante de livro e quando vai ver a biblioteca comunitária já tomou três cômodos da casa (Silvania, Conceição, Entrevista, 2019).

Na fala de Conceição Silvania, encontramos uma pista para o termo identificado nesta pesquisa como “caminho”, refere-se a uma comunidade que sente a necessidade de espaços de cultura e educação, muitas vezes desprovidas de outros espaços de interlocução e debate. Essa comunidade reconhece nas bibliotecas um ponto de convergência dos saberes e fazeres locais. Quando estimulada a participar, ocupa todos “os cômodos da casa”. É a esse entrelaçamento entre os atuantes da biblioteca e a comunidade que chamamos de enraizamento comunitário.

Esse entrelaçamento, ou raízes como apresentado por Souza (2018), pode ser rizomático ou exponencial. Refletindo sobre o rizoma, verificamos que as ações de uma biblioteca comunitária se espalham em todas as direções possíveis no seu território e até fora dele. As possibilidades de participação comunitárias nas atividades desenvolvidas na BC são muitas, brotam e nascem conforme o interesse e o comprometimento das pessoas. No processo de gestão de uma biblioteca comunitária, como a BC7A, a organização do espaço, acervo e mediação da leitura, além da gestão, comunicação e a relação com a sociedade são realizados por colaboradores, não estão centralizados em uma só pessoa.

Todavia, crescer exponencialmente (Souza, 2018) traz muitos desafios. As atividades frequentemente aumentam, os públicos atendidos tornam-se mais diversificados e as pessoas que atuam nas bibliotecas comunitárias precisam estar preparados para implementar diferentes estratégias, criar boas relações e, sempre que possível, abrir espaços de escuta com a comunidade.

A partir dessa escuta é essencial reformular rotas, rever posicionamentos e questionar-se constantemente. Como nos diz Gicélia Barros:

O enraizamento comunitário é algo muito sério e que requer também um olhar sob a nós mesmo, quem sou eu no meu território? Tem que ter essa reflexão pessoal. Temos nossos defeitos, mas precisamos ter aquele olhar sensível de escuta também dentro da nossa comunidade e ser também uma pessoa que pelo menos a comunidade olha e vê até como um exemplo através de nossas atitudes e ações. É importante olharmos dentro de si mesmo, como eu sou no meu território? E como eu estou? Eu estou bem? Como faço pra chegar até as pessoas? (BARROS, Gicélia, Entrevista, 2023).

O enraizamento comunitário foi um fator fundamental para a continuidade das ações da Biblioteca Comunitária Sete de Abril. Hoje percebe-se que esse enraizamento se dá para dentro

e para fora da comunidade, e se reproduz em articulações que têm proporcionado sustentabilidade e legitimação ao espaço.

## 5.5 GESTÃO COMPARTILHADA DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: PRINCÍPIOS DA GESTÃO SOCIAL E AS REFERÊNCIAS PARA O NASCEDOURO DE BIBLIOTECAS

O conceito de Bibliotecas Comunitárias, elaborada pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), define o que caracteriza uma biblioteca comunitária é seu uso público e comunitário, tendo como princípio fundamental a participação das pessoas frequentadoras nos processos de gestão compartilhada.

Segundo Prado e Machado (2008), a biblioteca comunitária “deve seguir os princípios da gestão participativa, estabelecendo articulações locais no sentido de fortalecer sistematicamente os vínculos com a comunidade” (Prado; Machado, 2008, p. 10).

Nesse sentido, o conceito elaborado pelo coletivo da Biblioteca Comunitária Sete de Abril apresenta um modelo de Gestão Compartilhada, que parte da prática da escuta ativa da comunidade. Essa prática se concretiza por meio da realização de rodas de conversa com os integrantes da biblioteca e outros atores sociais, que são convidados a propor ações e participar da sua execução e avaliação, seja através do voluntariado ou com a parceria interorganizacional.

A Gestão Compartilhada é aquela que sob variadas formas, articula diferentes tipos de gestão, criando novos canais de interação entre as pessoas, grupos, movimentos, organizações pertencentes à e/ou ao setor privado, e/ou ao setor público, tecendo assim uma teia que promove a cooperação do todo e preserva a identidade das partes (Monteiro, 2002, p. 35).

Quando os atuantes das bibliotecas comunitárias promovem a escuta coletiva, debates sobre os temas mais importantes para a comunidade, encaminhamentos de soluções que beneficiam o próprio território, a partir de uma linguagem simples, respeitosa e direta, estão confluindo com elementos que se conectam diretamente com a gestão social, caracterizada pelos princípios e valores políticos, pela participação e dialogicidade, pela horizontalidade nas relações de poder (Araújo, 2012).

Nos conceitos de Gestão Social, encontramos similaridades e funções análogas às da gestão compartilhada trabalhada nas bibliotecas comunitárias. A participação da comunidade nos processos de planejamento, monitoramento e avaliação das ações denota a importância que esses indivíduos depositam à continuidade desses espaços em seus territórios. Essa perspectiva corrobora a ideia de que a participação direta dos indivíduos na tomada de decisões que os

afetam, seja no âmbito público ou privado, constitui o cerne da Gestão Social: “Em um esforço de síntese, podemos definir Gestão Social como: um processo dialético de organização social próprio da esfera pública, fundado no interesse bem compreendido e que tem por finalidade a emancipação do homem” (Cançado; Tenório; Pereira, 2022, p. 174).

Tenório (2008) comprehende a gestão social como uma ação que ocorre em qualquer tipo de sistema social – seja ele público, privado ou de uma organização não-governamental. Em síntese, os conceitos de gestão social apresentados dialogam diretamente com os princípios que orientam a gestão das bibliotecas comunitárias, como representados no quadro abaixo.

**Quadro 06 – Gestão Social para o Desenvolvimento e Gestão Compartilhada - Biblioteca Comunitária  
Sete de Abril**

Categorias	Gestão Social para Desenvolvimento	Gestão Compartilhada BC
<b>Valores</b>	Tomada de decisão: coletiva, sem coerção Processo: inteligibilidade e dialogicidade Pressuposto: transparência	Tomada de decisão: compartilhada Processo: dialogicidade Pressuposto: transparência
<b>Propósitos</b>	Emancipação autogestão das organizações	Emancipação Gestão compartilhada
<b>Focos</b>	Dialética negativa adorniana Interesse de bem comum	
<b>Lócus</b>	Direito ODS Espaços decisórios	Instituições comunitárias
<b>Agentes</b>	Interorganizações, órgãos de apoio	Gestores mediadores de leitura atendentes bibliotecários interagentes
<b>Metodologias</b>	Dialogicidade/ação substantiva/intersubjetividade	Dialogicidade racional

Fonte: Elaborado pela autora com base nas categorias teóricas para a Gestão Social, baseada em Cançado (2005), Maia (2005) e Pimentel *et al.* (2011).

Diante das características do quadro exposto e a partir da análise do estudo de caso, buscou-se responder à pergunta de pesquisa: De que forma o enraizamento comunitário pode contribuir para a gestão compartilhada de uma biblioteca comunitária?

Acredita-se que o enraizamento comunitário promove a gestão compartilhada por meio das ações e estratégias de escuta das comunidades onde estão inseridas. Essa escuta possibilita detectar as necessidades e anseios do coletivo, que se compromete e se engaja em todas as etapas de ideação, planejamento, monitoramento e avaliação das ações propostas, e ainda se engaja nos processos de limpeza, organização dos espaços, organização documental.

Para que essa gestão compartilhada ocorra de forma eficaz é fundamental a presença de lideranças capazes de convocar os diversos atores para o diálogo. É necessário que existam pessoas que facilitem os processos de escuta e que as ações, campanhas coletivas e as lideranças

de destaque recebam visibilidade na comunicação da instituição. Quanto mais as pessoas do território conhescerem e se relacionarem com os processos de gestão ocorrem nesses espaços, maior será o envolvimento da comunidade nas bibliotecas comunitárias, ou o enraizamento comunitário da BC, como é o caso da Biblioteca Comunitária Sete de Abril

Refletindo sobre a gestão compartilhada e o enraizamento comunitário, está dissertação propõe no próximo capítulo uma sequência de atividades baseadas em metodologias ativas, já vivenciados pela pesquisadora em momentos de formação durante os encontros da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e aplicadas na própria Biblioteca Comunitária Sete de Abril e na Residência Social em Medellín (lista no ANEXO A) para promover o engajamento de pessoas nas atividades das Bibliotecas Comunitárias.

Durante o estudo de caso, verificou-se as principais referências para a realização das atividades de gestão compartilhada das pessoas que buscam criar uma forma de escuta do território para desenvolvimento de Bibliotecas Comunitárias, que se relacionavam com o sentimento de pertencimento dos indivíduos ao território (proposta: Caminho para iniciação), as suas relações com instituições e lugares do território (proposta: Ori conectado), o alinhamento conceitual sobre os elementos fundantes de uma biblioteca comunitária (proposta: *Xirê de ideias*) e a elaboração de um projeto colaborativo (proposta: O fundamento).

## 6. RESIDÊNCIA SOCIAL EM MEDELLÍN

Nosso Tempo é Agora!

Somos o tempo  
repartido em mil pedaços  
no meu encontro contigo  
formamos um novo segundo  
e a nossa experiência  
nos propiciou uma bela história.

Ao sair daqui

hoje

leva consigo

histórias dos Deuses de uma terra distante.

E que as benções dos teus Deuses  
te alcancem com muita saúde e alegria.

Mas não te esqueça nunca  
que a sua história é muito preciosa  
porque em ti habita a divindade,  
e não importa o seu credo,

a sua cor,

a sua etnia,

o seu gênero,

ou de onde venhas,

guarda em teu coração

a memória desse tempo

em que estivemos juntos.

Por que aqui nos encontramos?

Os fios do tempo nos entrelaçaram.

E esse tempo não é substituível.

Porque o nosso tempo é agora!

(*Nosso tempo é agora!*, poema de Ana Paula Carneiro que finalizava a apresentação em Medellín).

A Residência Social é uma tecnologia de ensino que busca proporcionar ao aluno um espaço de aprendizagem prático-reflexivo, a partir da sua imersão continuada em contextos práticos organizacionais diferentes dos seus ambientes habituais de ação (Fischer, 2002). No âmbito do Programa em Desenvolvimento e Gestão Social da UFBA, tal imersão visa criar condições para que o estudante desenvolva capacidades e competências inerentes à função de gestor (Schommer; França, 2001).

A Residência Social em Medellín tinha o objetivo de

Ela ocorreu de 31 de janeiro a 09 de fevereiro de 2024, e a instituição acolhedora que recebeu a pesquisadora foi o Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín. Já existia uma relação prévia estabelecida na visita do ano anterior, o que facilitou muito os diálogos e o entendimento.

Cheguei à Medellín como pessoa de referência de Biblioteca Comunitária de Salvador, e, de forma objetiva, fui guiada pelos pontos de interesse mencionados pelas representantes do Sistema. Em uma reunião preliminar, na qual participaram a Sra. Luz Peña e Sara Rueda, a pesquisadora explicou os seus objetivos, apontando os pontos de interesse e foco para os diálogos e as visitas guiadas. As questões levantadas não tinham a intenção de restringir os diálogos, mas de abrir frentes que estabelecessem conexões com as palavras-chave da pesquisa.

O recurso para a realização da viagem veio de um projeto cultural apresentado à FUNARTE em 2023. A pesquisadora, juntamente com dois colegas de trabalho, também oriundos do PDGS, Aetio Filho e Renata Nascimento, foram contemplados com a oportunidade de viajar a Medellín para realizar apresentações de cenas de um espetáculo teatral, ainda em fase de construção, intitulado “O Nosso Tempo é Agora”. Durante a viagem, precisei me dividir entre as visitas guiadas, as entrevistas e a apresentação cênica, que, por ser uma cena curta e não um espetáculo completo, permitiu-me aproveitar o tempo para conhecer os detalhes do funcionamento e gestão de cada espaço.

Os bibliotecários e usuários das bibliotecas com quem conversei estavam sempre dispostos a compartilhar seus saberes e fazeres. Embora tenha sido recebida pelo Sistema das Bibliotecas Públicas, frisei, no nosso diálogo anterior à viagem, o grande interesse em conhecer outras bibliotecas comunitárias da região colombiana e dialogar com os seus gestores. Essas bibliotecas foram inseridas na minha agenda, em número menor conforme relato abaixo. Ainda assim, os momentos vividos nesses espaços comunitários e com os seus gestores trouxeram muitas percepções sobre as semelhanças, as dificuldades de atividades, modo de gestão e a sustentabilidade desses espaços.

O Sistema de Bibliotecas Públicas já recebeu importantes prêmios nacionais e internacionais, como o Prêmio Rainha Sofia, pelo trabalho de acessibilidade para pessoas com deficiência; o Prêmio Daniel Santer Ortega, na categoria de Memória e Cultura; e o Prêmio Internacional Pressreader, pelo Projeto “A Volta ao Mundo em 26 Bibliotecas”. Segundo o site do Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellin, o serviço de bibliotecas, onde ela é concebida como um centro de desenvolvimento cultural, garante o acesso à informação, à leitura, aos recursos TIC e à geração de conhecimento.

No dia 05 de fevereiro de 2024, realizei uma atividade de cartografia com 25 bibliotecários do Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín. Os participantes foram bastante focados em suas percepções sobre o território e os pontos de conexão com as comunidades nas quais estão inseridos. Um fator de destaque é que, enquanto no Brasil, usamos o termo “bibliotecário”, em Medellín, eles se referem a esses profissionais como “bibliotecólogos” (todos que trabalham nas bibliotecas são chamados assim). Para que as atividades acontecessem, as pessoas não deveriam se sentir obrigadas a participar, pois a convocação é feita de forma livre. Quando eu perguntei sobre a adesão dos bibliotecários, fui informada que nenhum deles era obrigado a participar, pois todos são terceirizados. No entanto, se foram contratados é porque estão aptos a desempenhar os serviços para os quais foram contratados, e, por isso, não precisam de formação continuada. Essa informação me surpreendeu, pois no Brasil é comum, em instituições privadas ou públicas, o incentivo à formação contínua.

O sistema de bibliotecas trabalha com quatro linhas fortes<sup>3</sup>:

- LEO - significa leitura, escrita e oralidade - Esta linha concentra todas as ações de mediação de leitura e memória, nas bibliotecas entre outras ações, é possível ver o resultado das ações para primeira infância e para a escuta sistemática dos idosos da comunidade, nessa atividade os idosos constroem a sala ou a estante chamada “meu bairro” em que registram a memória da comuna onde a biblioteca está instalada;
- Serviços bibliotecários - Serviços bibliotecários tem a ver com a mobilidade do livro, a busca da informação, processos de empréstimo, de devolução, nesse serviço encontramos um processo que se chama livro sem Fronteira que empresta um livro que não está naquela biblioteca específica, mas que através do sistema integrado de catalogação eu posso visualizar que aquele livro tem numa biblioteca de outro bairro, posso pedir que a pessoa retorne num outro momento e o livro será entregue nessa unidade. Da mesma forma, se o usuário faz um empréstimo em um bairro e está em outro que tem também uma biblioteca do sistema, ele pode fazer a devolução naquela unidade e o livro será entregue na unidade de origem através de um sistema de entregas, um serviço permanente do sistema;
- Gestão cultural e social - onde se encontra a gestão dos aparelhos culturais que compõem as bibliotecas e os parques bibliotecas, como teatros e galerias, mas também

---

<sup>3</sup> As informações a seguir foram retiradas do site de Sistema de Bibliotecas Comunitárias de Medellín: <https://bibliotecasmedellin.gov.co/quienes-somos/>.

as salas menores que comportam exposições, tertúlias e atividades culturais propostas pela comunidade;

- Cultura digital- Essa linha abriga as atividades que dialogam com o livro e a cultura digital, mas também com os *maker spaces*, que fazem parte de algumas bibliotecas e que propõem atividade de elaboração de robótica, transmídia e digitalização da memória da história das bibliotecas.

Todas as ações apresentadas acima são planejadas, executadas e monitoradas em todas as bibliotecas públicas de Medellín, o que foi verificado pela pesquisadora é que as ações são organizadas e que todos os agentes que colaboraram com a execução das atividades possuem uma compreensão ampla da importância de cada linha do Sistema de Bibliotecas.

## **7. PROPOSTA DE CAPACITAÇÃO PARA CRIAÇÃO DE BC - NASCEDOUROS DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS**

O Mestrado Interdisciplinar Profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social espera que o resultado das pesquisas no campo profissional possa oferecer o desenvolvimento de produtos técnicos ou tecnológicos aplicáveis à realidade para resolução dos problemas sociais, seja em contextos organizacionais do setor público, da sociedade civil ou em interorganizações e territórios.

Durante o estudo de caso, verificou-se as principais referências para a realização das atividades de gestão compartilhada das pessoas que buscam criar uma forma de escuta do território para desenvolvimento de Bibliotecas Comunitárias, que se relacionavam com o sentimento de pertencimento dos indivíduos ao território (proposta: Caminho para iniciação), as suas relações com instituições e lugares do território (proposta: Ori conectado), o alinhamento conceitual sobre os elementos fundantes de uma biblioteca comunitária (proposta: *Xirê de ideias*) e a elaboração de um projeto colaborativo (proposta: O fundamento).

Assim, propõe-se uma formação em gestão compartilhada de bibliotecas comunitárias, fundamentada na escuta do território, intitulada: “Proposta de Capacitação para Criação de Bibliotecas Comunitárias: Nascedouro de Bibliotecas Comunitárias”.

A proposta busca respeitar as identidades locais, construir propostas de engajamento da comunidade e promover a legitimidade desse processo a partir da participação ativa dos próprios moradores da comunidade, tendo como premissa a escuta profunda de diferentes atores de comunidades que estão “grávidas” do sonho de uma biblioteca comunitária e que por isso mesmo precisam de um acompanhamento e orientação para que esse projeto possa nascer com ajuda de todos os interessados e manter-se sustentável pela ação coletiva continuada.

Ao propor uma combinação de atividades que contemplam a escuta profunda dos participantes da comunidade, seja para a criação ou a reorganização de uma biblioteca

comunitária, acredita-se que, quando o sonho (desejo, vontade) de cada participante é externalizado, registrado em um documento comum e alinhado às tarefas específicas, com prazos, e responsabilidades individuais e coletivas bem definidas, cada participante passa de público ou usuário, e torna-se um interagente desse espaço.

Esta proposta de capacitação é estruturada a partir de quatro atividades principais: escuta, planejamento, execução e articulação de atividades dentro e fora do território.

A capacitação tem a duração total de 20 horas, divididas em cinco dias de trabalho, com encontros de quatro horas diárias. Participam até 20 atuantes ou membros da comunidade onde a biblioteca comunitária está instalada ou será implantada.

Para a realização das atividades deve-se levar em consideração, reflexões sobre o pertencimento dos indivíduos ao território (*Caminho para iniciação*), as suas relações com instituições e lugares do território (*Ori conectado*), o alinhamento conceitual sobre os elementos fundantes de uma biblioteca comunitária (*Xirê de ideias*) e a elaboração de um projeto colaborativo (*O fundamento*) construído com base na mandala contida no *Dragon Dreaming*.

As atividades que constituem a capacitação incluem uma atividade técnica de corpografia, um mapa afetivo, uma estrutura de construção de projeto coletivo baseada no *Dragon Dreaming* e um momento de alinhamento conceitual sobre espaço, acervo, mediação de leitura e enraizamento comunitário, inspirado na metodologia do *world café*.

Como forma de transpor de forma poética esse processo, a pesquisadora o denominou de “Nascedouro de Bibliotecas Comunitárias” e o dividiu em 04 etapas, cada uma delas tem o título inspirado em um momento da iniciação nas religiões de matrizes afro-brasileiras.

**Figura 17 – Etapas do Curso de Formação**



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

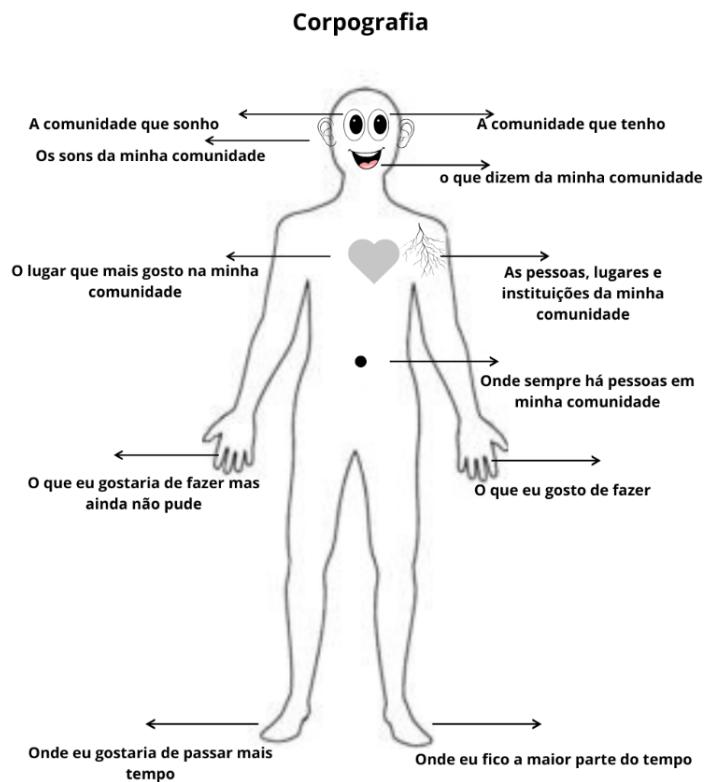
Cada etapa tem um objetivo e expressa parte da construção que se dá entre a percepção individual até o compromisso coletivo com a causa e o território. Em todas as etapas, é fundamental escolher uma leitura literária (ou poética) inspiradora. A seleção fica a critério de

cada facilitador, desde que se tenha uma relação de identificação e mobilização pessoal com a obra escolhida. Essa leitura pode ser um poema, ensaio, conto, ou até mesmo uma música, dependendo da preferência do facilitador. O importante é que, primeiro, o facilitador seja tocado por aquela leitura/música, para então compartilhá-la com os participantes. A seguir, apresento os conceitos de cada atividade e orientações sobre como executá-las.

### 7.1 ETAPA I: CAMINHO PARA INICIAÇÃO

A corpografia é o estudo ou a representação do corpo humano em suas diversas dimensões, incluindo aspectos físicos, sociais, culturais e simbólicos. Ela busca construir uma perspectiva sobre as cidades a partir de uma postura política, em que o corpo intervém no espaço urbano por meio de ações artístico-político-culturais (Nascimento, 2016). No contexto dessa capacitação, a atividade de corpografia recebe o nome de “Caminho para a iniciação” e propõe refletir sobre o Eu como um corpo no mundo, utilizando uma imagem ilustrativa que estabelece analogia entre diferentes partes do corpo humano e as diversas áreas do território. Essa abordagem destaca as relações construídas entre esses corpos e os lugares do território. E presentifica o indivíduo e suas percepções.

**Figura 18 – Esquema da corpografia**



Fonte: Elaborado pela autora

A corporeidade está presente desde o primeiro momento em que se decide sair do seu lugar de conforto e percorrer e explorar a cidade, produzindo um conhecimento situado e, posteriormente, tecendo uma teoria vivida (Peirano, 2008). Essa “teoria vivida” é o ponto de partida do percurso, permitindo reflexões sobre as relações e interferências de cada corpo nas ações cotidianas da comunidade. Quando os indivíduos agem com intencionalidade de desenvolvimento humano, podem promover mudanças na qualidade de vida individual e coletiva.

#### *Aquecimento:*

Para a abertura da atividade, sugiro a escuta da canção *Um Corpo no Mundo*, de Luedji Luna.

A imagem apresentada deve ser impressa em papel A4 e utilizada para iniciar o primeiro momento da capacitação. A imagem é autoexplicativa e serve como ponto de partida para as

reflexões sobre as conexões entre as partes do corpo e a comunidade, situando o indivíduo em seu espaço.

## 7.2 ETAPA II: ORÍ CONECTADO

Esta atividade inspirada nas aplicações de Mapa Afetivo segue uma abordagem semelhante a anterior, mas propõe uma ampliação na reflexão de como se dá a conexão de cada participante com seu território, bem como as possibilidades de atuação e interferência coletiva nesse espaço.

*Materiais:*

- Canetas coloridas, *post-its* e outros materiais de escrita ou desenho;
- Folha de A4 para cada participante;
- Folha longa de papel Metro (vai representar o desenho do território).

A atividade se inicia com a identificação de três pontos a partir da perspectiva da casa do participante: o primeiro ponto, marcado com um “X”, representa a casa do participante; o segundo ponto, corresponde a um local entre a sua casa e a biblioteca; e o terceiro ponto é a própria biblioteca, seja ela já existente ou em formação. Um quarto ponto deve ser marcado em um espaço que chama a atenção do participante por sua possibilidade de interlocução com a biblioteca

Com isso, forma-se um grande mapa onde cada indivíduo é posicionado, ou se posiciona, considerando a perspectiva do eu, do outro, do coletivo, de sua própria casa, da comunidade e da biblioteca e desse outro local de interlocução. Após o posicionamento de cada desenho do mapa pessoal no mapa geral da comunidade, é possível traçar linhas que ligam a biblioteca a outros pontos, incluindo a casa dos participantes. Gradualmente, de forma visual, os participantes começam a compreender as linhas de interconexão que formam esse grande rizoma, simbolizando as relações e as possibilidades de interação no território.

## 7.3 ETAPA III: XIRÊ DE IDEIAS

Essa atividade foi inspirada na metodologia do *World Café*, que é uma metodologiaativa de aprendizagem idealizada na California, em 1995, por Juanita Brown e David Isaacs. A metodologia surgiu por acaso, durante um evento, quando começou a chover e todos os participantes precisaram se abrigar em uma sala pequena. Quando um grupo começou a ouvir

e interagir um com outro, os organizadores refletiram sobre essa “polinização” das ideias, o que deu origem ao *world café* (Brown; Isaacs, 2007).

Essa metodologia é muito utilizada em empresas e em trabalhos com grupos comunitários. A pesquisadora utilizou essa metodologia ao colaborar com o PROLER - Salvador, no ano de 2018, e a sistematização dos assuntos levantados na ocasião ficaram com a Fundação Pedro Calmon. Trata-se de uma estratégia interdisciplinar que promove uma aprendizagem colaborativa e possibilita o diálogo entre diferentes saberes, considerando o conhecimento gerado em sua totalidade.

A etapa “Xirê de ideias” consiste em reunir pessoas, divididas em pequenos grupos, dispostas em mesas. Os diálogos em cada mesa se conectam à medida que as pessoas circulam entre os grupos, promovendo a troca de informações e uma polinização de ideias. As reflexões são coletadas e apresentadas pelo mediador ou anfitrião de cada mesa. Conforme a troca de informações, conexões e relacionamentos aumentam, o compartilhamento de conhecimento amplia, tornando a sabedoria coletiva visível, permitindo uma intervenção mais assertiva nas ações e estratégias.

Para a realização desta etapa, é importante que se defina o tema do encontro, nesse caso específico, o tema central são as bibliotecas comunitárias, e as questões a serem trabalhadas em cada mesa podem incluir como no exemplo que segue: biblioteca comunitária, espaço, acervo, mediação de leitura e enraizamento comunitário. Esses cinco temas, servirão tanto para grupos que estão organizando uma biblioteca comunitária quanto para grupos que já atuam na gestão de um desses espaços e desejam refletir sobre conceitos importantes e ações em cada uma dessas questões. Os temas mencionados podem ser elencados e ajustados conforme a necessidade de debate e ação de cada coletivo que acessar este material. O objetivo não é prescritivo, mas apresentar uma possibilidade de caminho dentro do percurso proposto, que possa contribuir para fundamentar a construção de saberes e revelar caminhos possíveis de atuar e gerar sustentabilidade para as bibliotecas.

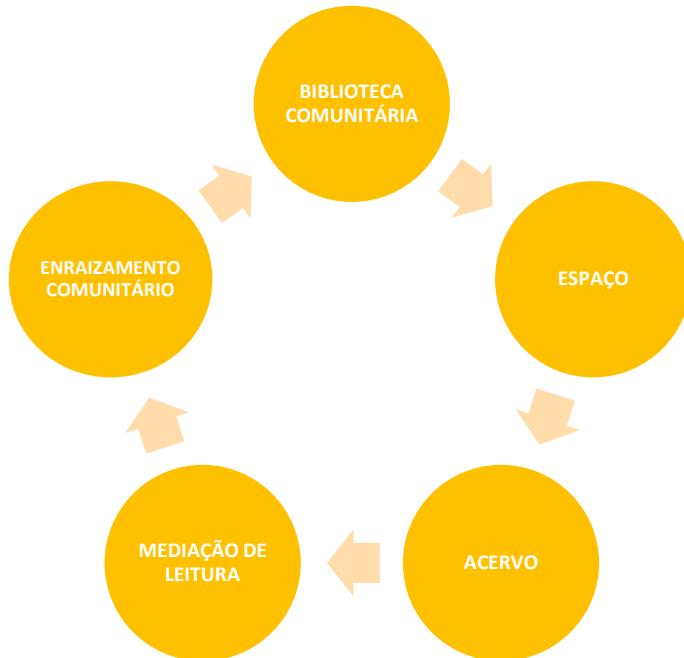
#### *Materiais necessários:*

- 05 mesas dispostas no ambiente (para receber os grupos);
- 01 mesa com alimentação, que podem ser trazidos e compartilhados pelos participantes;
- 05 cadeiras em cada mesa;
- 01 cartolina ou papel metro em cada mesa;
- Canetas hidrográficas coloridas e lápis de cor distribuídos nas 05 mesas;
- *Post its* distribuídos nas 05 mesas.

*O que é importante saber antes de iniciar as rodadas?*

No que se refere ao tema, as mesas podem ser organizadas da seguinte forma, com o objetivo de que todos os participantes passem por todos os temas trazendo as suas contribuições.

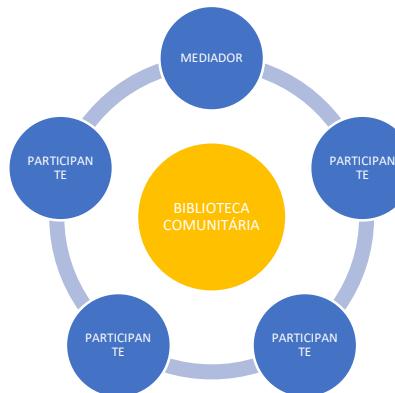
**Figura 19 – Quadro demonstrativo formativo**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Com relação a composição de cada mesa e as suas respectivas perguntas mobilizadoras, segue uma sugestão que pode ser alterada a partir das respostas que cada grupo precise no momento da aplicação:

**Figura 20 – Quadro Demonstrativo formativo**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

- 1- O que é uma biblioteca comunitária?
- 2- O que não pode faltar numa biblioteca comunitária?
- 3- Quais as atividades que é possível fazer numa biblioteca comunitária?

**Figura 21 – Quadro demonstrativo formativo**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

- 4- Como deve ser o espaço de uma biblioteca comunitária?
- 5- O que precisa ter de mobiliários e aparelhos?
- 6- Como pode ser feita a organização do espaço?

**Figura 22 – Quadro demonstrativo formativo**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

- 7- Qual o tipo de acervo que queremos para essa biblioteca comunitária? (Gêneros literários)
- 8- A biblioteca terá livros de literatura que abordam quais temas que considera importante? (Conteúdos)
- 9- Como e onde mobilizar uma campanha de recebimento de doações de livros de literatura?

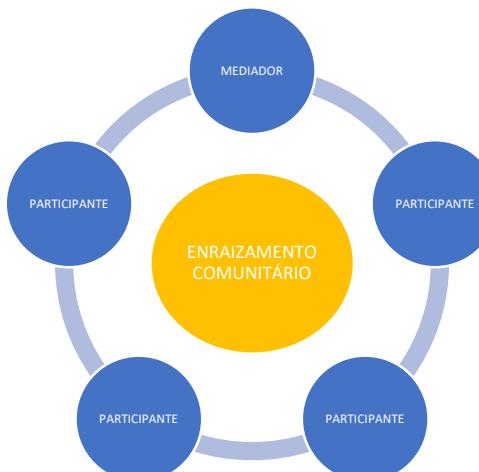
**Figura 23 –Quadro demonstrativo formativo**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

- 10- Qual o entendimento sobre mediação de leitura?
- 11- Quais as atividades de mediação de leitura regulares a biblioteca fará?
- 12- Como essa mediação de leitura pode extrapolar os muros da biblioteca?

**Figura 24 – Quadro demonstrativo formativo**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

13- Como a comunidade pode ser convidada a participar das atividades da Biblioteca?

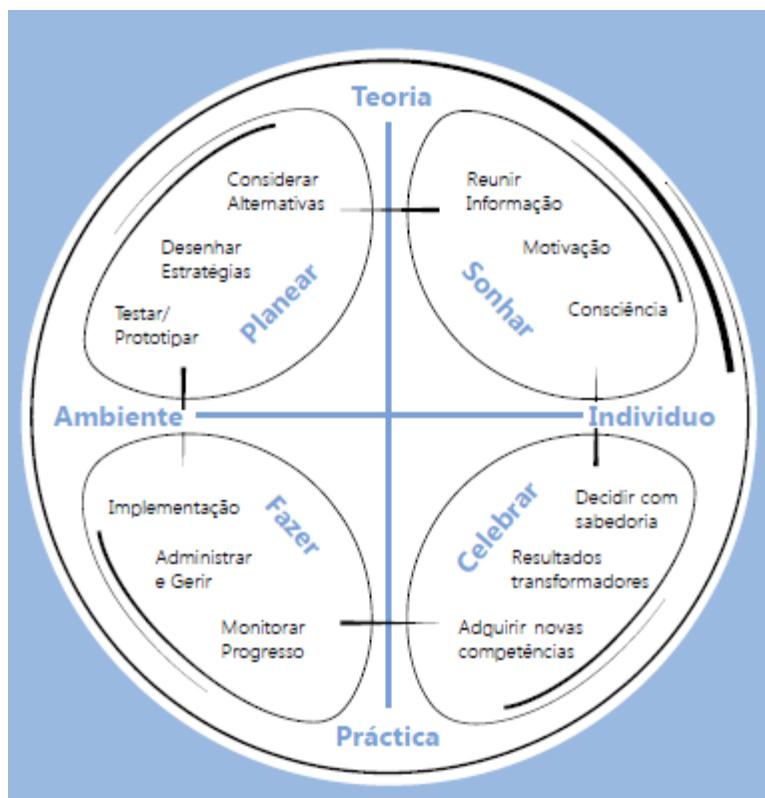
14- Quais os saberes dessa comunidade que podem ser oferecidos como oficinas na BC?

Com quais outros agentes da comunidade a biblioteca podem se conectar para fortalecer as ações no território? (Pessoas, instituições de ensino instituições de saúde, organizações religiosas, outras instituições comunitárias, comércio local, se a pessoa quiser pode se levantar e olhar a exposição dos cartazes das atividades anteriores para verificar as conexões que fez anteriormente).

#### 7.4 ETAPA IV: O FUNDAMENTO

Esta etapa da capacitação foi inspirada na mandala do *Dragon Dreaming*, que é um método de construção e gerenciamento de projetos baseado na teoria de sistemas complexos, desenvolvido há mais de 20 anos na Austrália por John Croft e Vivianne Elanta. Esse método integra conceitos da democracia participativa, atenção plena e a sabedoria indígena dos aborígenes, utilizando a cosmovisão de uma cultura com mais de 70 mil anos, combinada com a visão ocidental sobre a gestão de projetos. O diferencial desses projetos está na “escuta profunda” da comunidade, com o objetivo de identificar o seu sonho comum. Ao transformar esse sonho em um projeto, com ações, cronogramas e propostas de monitoramento e avaliação, o grupo não apenas busca o “crescimento pessoal”, mas também a “construção de comunidade” para a “preservação de vida na terra” (Croft, 2012).

**Figura 25 – Imagem da mandala do *Dragon dreaming***



Fonte: E book Dragon Dreaming Brasil Disponível em  
[http://www.dragondreaming.org/wpcontent/uploads/DragonDreaming\\_eBook\\_portuguese\\_V02.09.pdf](http://www.dragondreaming.org/wpcontent/uploads/DragonDreaming_eBook_portuguese_V02.09.pdf)

A aplicação da mandala, apresentada no método do *Dragon dreaming*, tem como intuito elencar as ações direcionadas ao projeto de um grupo de pessoas que tem um sonho em comum. No caso específico desse percurso, da criação ou da manutenção de uma biblioteca comunitária, o objetivo do projeto estará diretamente vinculado à organização do espaço, ao acervo, à construção das atividades, ao acompanhamento cronológico dessas ações e à celebração de cada fase do “projeto”, que é legitimado pela comunidade em todas as suas fases.

Estágio 1: O Sonho – é o estágio do “Estímulo da Intenção na Relação”, um processo de “perceber o novo”;

Estágio 2: O Plano – é o estágio do “Limiar da Possibilidade no Contexto”, um processo de “pensar globalmente”;

Estágio 3: O Fazer – é o estágio da “Ação do Comportamento no Compromisso”, um processo de “agir localmente”;

Estágio 4: A Celebração – é o estágio da “Resposta de Feedback na Satisfação”, um processo de “individuação” ou “ser pessoalmente”.

*Atividade:*

A mandala que compõe a etapa “Assentar o Fundamento”, assim como a mandala utilizada no Dragon Dreaming, será utilizada como uma ferramenta para projetos e processos de desenvolvimento coletivo (Croft, 2009). Ela se baseia em um modelo de quatro etapas: sonhar, planejar, fazer e celebrar. A seguir, o passo a passo sobre como realizar uma atividade utilizando essa mandala:

*Preparação:*

1. Convidar as pessoas da comunidade que tem o mesmo sonho em comum: criar uma biblioteca comunitária ou ajudar na manutenção das atividades de uma biblioteca comunitária já existente.

*Materiais:*

Tenha à disposição um *flip sharp* com papel metro, cartolina, canetas coloridas, *post-its* e outros materiais de escrita ou desenho;

2- Coletar as informações da etapa “Sonhar”

- a. É importante estar num ambiente arejado, iluminado e acolhedor. As cadeiras devem ser organizadas em círculo;
- b. O facilitador solicita que todos os participantes fechem os olhos e visualizem a biblioteca dos seus sonhos, buscando os detalhes do espaço, do acervo e das ações de leitura que consegue imaginar acontecendo naquele lugar.
- c. Cada participante compartilha suas visões e sonhos sobre o que deseja alcançar. Use *post-its* para anotar ideias;
- d. Agrupe os sonhos semelhantes e comuns a todos, para que os objetivos do projeto começem a se delinear;

*Planejar (Planejamento):*

- a. Com base nos sonhos dos participantes, identifique os principais objetivos do projeto. Escreva cada objetivo em tarjetas de papel e cole-os no papel metro;
- b. Em seguida, junto com o grupo, identifique os objetivos em comum e coerentes para a realização do sonho;
- c. Divida esses objetivos em tarefas menores e liste-as sob cada objetivo;
- d. Peça para que cada pessoa do grupo escolha a tarefa que deseja realizar e escreva seu nome ao lado da tarefa. Se for uma tarefa mais complexa, é possível que mais de uma pessoa colabore com ela;
- e. Em seguida, peça que cada um defina uma data para entregar da tarefa;

- f. Organize um cronograma visual a partir das datas definidas. Este é um momento lúdico, no qual é possível visualizar a diversidade das ações e o engajamento de cada participante;
- g. Se o grupo preferir, pode transformar esse quadro visual numa planilha de Excel ou utilizar uma plataforma de acompanhamento de projetos, como o *Trello*.

*Fazer (Ação):*

- a. Para executar o plano, é importante seguir as atividades conforme o cronograma pré-estabelecido estabelecido;
- b. Crie uma forma de comunicação para manter todos engajados e atualizados sobre as tarefas finalizadas. Esse acompanhamento é fundamental para que o projeto tenha êxito. A comunicação pode ser feita por um grupo de *WhatsApp*, pelo *Trello*, ou em reuniões já pré-agendadas. O importante é que a comunicação e atualização sobre as tarefas sejam constantes.
- c. Sistematize o processo. É importante registrar todas as fases da atividade e garantir que esse documento de sistematização esteja disponível para todos os participantes, seja em um drive compartilhado ou em um mural. O importante é que todos os envolvidos no projeto tenham acesso.

*Celebrar (Celebração)*

- a. Ao final de cada etapa, ciclo ou objetivo, reúna o grupo para reconhecer a conquistas do período e celebrar juntos. Pode ser uma dança, uma música, uma brincadeira, o importante é reconhecer o esforço individual e coletivo;
- b. Promova reflexões em grupo sobre a experiência: quais foram os aprendizados? Quais foram os desafios? O que deu certo e pode ser feito de novamente ou melhorado? O que não deu certo e aprendemos que não funciona? Como cada pessoa se sentiu durante o processo?

Resultados esperados do percurso Formativo “Nascedouro de bibliotecas comunitárias”:

Etapa 1- Caminho para a Iniciação - apresentação e exposição de um mapa que relaciona o indivíduo com a comunidade;

Etapa 2- Orí Conectado - apresentação e exposição de um mapa afetivo que relaciona o conjunto de indivíduos e identifica os pontos fortes de conexão da biblioteca com a comunidade;

Etapa 3- Xirê de Ideias - sistematização dos conceitos de fundamento e caminho da biblioteca comunitária, espaço, acervo, mediação de leitura e enraizamento comunitário;

Etapa 4 – Assentar o Fundamento - criação colaborativa do projeto da biblioteca comunitária contendo as atividades, cronograma e orçamento.

Após a finalização da capacitação *Nascedouro de Bibliotecas Comunitárias*, é necessário a revisão e sistematização de todo o material produzido. É importante garantir que os participantes tenham acesso a esses materiais e que haja um agendamento de reuniões para devolutiva das tarefas elencadas na mandala, durante a atividade da criação de projetos.

#### *Avaliação*

A avaliação deve ser feita de forma processual, para que o facilitador compreenda os contextos e possa se organizar conforme a realidade de cada grupo e de cada comunidade. No final de cada dia, sugerimos que sejam entregues três tarjetas para que cada participante possa responder às seguintes provocações com: “Que bom!”, “Que pena!” e “Que tal?”. Dessa forma, a avaliação fica leve e propositiva. Fica a critério do facilitador, em diálogo com o grupo, redimensionar o tempo de aplicação da capacitação conforme as necessidades do coletivo.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa teve como *lócus* do estudo de caso a Biblioteca Comunitária Sete de Abril e buscou compreender a contribuição da gestão compartilhada na Biblioteca Comunitária 7 de Abril para sua consolidação, para desenvolver atividades formativas que promovam a escuta e enraizamento territorial para o desenvolvimento de Bibliotecas Comunitárias.

A pesquisa mostrou que a participação da comunidade (por meio da escuta permanente) no planejamento das atividades da biblioteca através de uma gestão compartilhada promove o enraizamento comunitário, contribuindo para o engajamento dessas pessoas nas ações propostas.

Essa gestão, ao integrar a comunidade, é legitimada por ela, que se engaja nas atividades recorrentes e se torna aliada nas reivindicações de melhorias de condições de vida no território, e na incidência em políticas públicas na área do livro, leitura, literatura, escrita e biblioteca.

A execução da presente pesquisa seguiu as fases características de um estudo de caso, em que a pesquisadora coletou, selecionou e processou fatos e dados, a fim de obter e confirmar resultados. Teve como lócus a Biblioteca Comunitária Sete de Abril que consolidou suas atividades no bairro de sete de Abril Salvador - Bahia, seguindo as premissas do Programa Prazer em Ler.

Como forma de incentivar outras bibliotecas comunitárias a desenvolverem as suas atividades com as premissas do enraizamento comunitário e da gestão compartilhada, foi apresentada a Tecnologia de Gestão Social para o Desenvolvimento Territorial: *Percorso Formativo Nascedouro de Bibliotecas Comunitárias* que pode ser adaptado às realidades de cada coletivo e território, tendo como fio condutor a escuta comunitária.

Durante a pesquisa foi possível observar a necessidade de mapeamento das Bibliotecas Comunitárias em Salvador e no Estado da Bahia, o que poderia apoiar o processo de incidência em políticas públicas. Também se percebe uma carência de publicações sobre bibliotecas comunitárias, que poderiam subsidiar as pesquisas na área e fortalecer o campo pesquisado,

pluralizando suas investigações. Outra lacuna identificada, que abre espaço para futuros estudos, refere-se aos impactos sociais das bibliotecas nas comunidades e nos territórios onde estão inseridas. Faltam informações que possam contribuir para análise dos seus impactos na sociedade. Por fim, seria importante realizar um mapeamento dos municípios e estados brasileiros que aprovaram os planos municipais e estaduais e sua implementação.

Do ponto de vista da reparação histórica, apresentar as ações que são realizadas pelas bibliotecas comunitárias é uma tentativa de evidenciar as vozes de mulheres que através da literatura exercem a tecnologia ancestral de acolhimento, empoderamento e pertencimento, em contraposição à desqualificação do conhecimento de povos subalternizados e combatendo o epistemicídio, que avança persistentemente, produzindo indigências culturais (Carneiro, 2005).

O percurso formativo apresentado se caracteriza pelo reconhecimento da escuta, da pertença e da observação de que há uma inteligência instalada nas comunidades periféricas, que une as pessoas. Em um momento de pandemia, quando a fome era uma realidade iminente na comunidade, foi compartilhada no grupo a seguinte mensagem: “um pouco do alimento que tem na casa de cada um, quando a gente junta com sabor e amor pode formar um volume de alimento que sustente a todos nós”. Essa é a fala de Gicélia Barros, no grupo do *WhatsApp* da comunidade pedindo a contribuição das pessoas do grupo para fazer a sopa solidária, como foi apelidada, e que era preparada pela presidente da instituição Marisa Mascarenhas, e distribuída posteriormente para toda a comunidade.

Incluo, então, a relevância das ações de reparação, pontuando que o próprio PMLLB de Salvador tem (ou deveria ter) em sua atuação à Secretaria da Reparação, pois há algo que historicamente precisa ser reparado: a distância entre a mazela histórica que foi imposta e todas as tecnologias sociais que são produzidas diariamente como forma de sobreviver e resistir. Por isso, mesmo uma comunidade que consegue ouvir aos seus próprios anseios, fundar e enraizar uma biblioteca comunitária que resiste há mais de 20 anos, apresenta uma relevância na reparação, ao promover diversos letramentos com e para a sua comunidade.

Sobre a relevância cultural, ao observar a divulgação das atividades da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (ANEXO B), encontramos ações ligadas a diversas linguagens como aulas de capoeira, de dança, de moda criativa de artesanato, com apresentações de teatro, música, exposição de fotografias entre tantas outras ações artísticas e culturais. No bairro de Sete de Abril, ela é o único equipamento cultural que mantém uma programação diversificada e recorrente. Essas ações podem ser chamadas de política cultural se partirmos da possibilidade de que se pode entender “como um programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários, com o intuito de satisfazer as

necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas” (Martins, 2014).

É essa política cultural que coloca a periferia no protagonismo das ações, que escuta as identidades do território e constrói sentidos de pertencimento. Por isso, as ações das bibliotecas comunitária possuem grande importância artística e cultural.

A pesquisa traz uma contribuição para a educação. As bibliotecas comunitárias desenvolvem atividades que nem sempre estão apoiadas numa construção pedagógica formal, mas que contribuem para práticas educacionais aplicadas na escola. Na Biblioteca Comunitária Sete de Abril mantém-se uma parceria constante com a comunidade, que possui três escolas que conseguem atingir desde a infância Centro Municipal de Educação Infantil Helcio Trigueiro, com 130 alunos; o Ensino Fundamental I e EJA, com a Escola Municipal Afrânio Peixoto, que tem 639 alunos; e o Fundamento II, com o Colégio Estadual Eraldo Tinoco, que tem 1013 alunos.

Ao longo do ano, a biblioteca atende aos alunos das três instituições com as atividades da sua programação contínua. É importante destacar que uma das principais ações que deram início as atividades da Biblioteca foi o cursinho pré-vestibular. No acervo da Biblioteca existem livros para todas as faixas etárias, e, em as ações de maior porte, como a *FLIB7 – Festa Literária da Biblioteca Sete de Abril*, as atividades são realizadas tanto na biblioteca e quanto nas escolas, alcançando assim o total de 1782 da alunos da rede pública de ensino atendidos ao longo do ano.

A presente pesquisa contribui com a gestão compartilhada das bibliotecas comunitárias, possibilitando que elas acessem mais recursos a partir da capacidade de articulação nos territórios, oferecendo uma metodologia de escuta das principais necessidades do território.

A apresentação e aceitação da presente dissertação consiste em um impacto profissional para a pesquisadora, que agora pode ser facilitadora de um Percurso Formativo significativo e de competência científica. Além disso, há a intenção de firmar parcerias futuras para edição e publicação do percurso, com a distribuição gratuita para as bibliotecas comunitárias interessadas.

Espera-se que a capacitação aqui apresentada contribua para a criação e manutenção de outras bibliotecas comunitárias, evidenciando a importância da escuta da comunidade antes mesmo da sua implementação e da escuta contínua para engajamento nas ações propostas.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTO, S.M.R. Paraisópolis: relato do processo de transformação da biblioteca comunitária em rede do conhecimento. **CRB-8 Digital**, São Paulo, 1 (2), pp. 38-42, out., 2008.
- ALVES, M. de S. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e política. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 16, p. 1–29, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1252>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- ANDRADE, Letícia de; GOMES, Allan Henrique; MAHERIE, Kátia. "Eu vim aqui pra fazer política": articulação comunitária e democracia participativa. **Athenea digital : revista de pensamiento e investigación social**, Vol. 22 Núm. 2 (2022), p. e2974. DOI 10.5565/rev/athenea.2974 <<https://ddd.uab.cat/record/261016>> [Consulta: 17 agost 2024].
- ARAÚJO, E. T. Gestão social. In: BOULLOSA, R. F. (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 85-90.
- ARDANS, O. Comunidade, enraizamento, socioambiente: entre poética e política, **Revista de Ciências Sociais Unisinos**, vol. 50, núm. 3, setembro-dezembro, 2014, pp. 234-243 Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BOULLOSA, R. F.; SCHOMMER, P. C. Gestão social: caso de inovação em políticas públicas ou mais um enigma de Lampedusa? In: RIGO, A. at al.. **Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento: ações, articulações e agenda**. Recife: UNIVASF, 2010. p. 65-92.
- BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BROWN, J.; ISAACS, D. **O World Café: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CANÇADO, A. C . Para uma análise da participação e da democracia: cidadania e desenvolvimento local: critérios de análise – elementos teóricos e empíricos. **Revista Desenvolvimento em Questão**, ano 10(21), 2012, pp. 259-266.
- CANÇADO, A. C.; TENÓRIO, F.G.; PEREIRA, J. R. **Gestão Social: Epistemologia de um Paradigma**. 3. ed. rev. e ampl. Tocantins : MC&G Editorial : Universidade Federal do Tocantins, 2022.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004
- CARVALHO, M. E. G.; BARBOSA, M. das G. da C.; SOUZA, W. J. B. de. Dizer ao Mundo de si na Literatura Freireana: o direito humano à palavra. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 48, 2024. DOI: 10.1590/2175-6236124581vs01. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/124581>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- CASTRILLON, S. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo. Pulo do Gato, 2011

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **LIINC EM REVISTA**, v. 7, p. 121-130, 2011.

COELHO, Clara Duarte; BORTOLIN, Sueli. A contribuição das bibliotecas comunitárias para a formação de leitores: : a voz da comunidade. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 8–28, 2020. DOI: 10.33467/conci.v2i3.13667. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/13667>. Acesso em: 16 ago. 2024.

COLONO, B. A.; CAVALCANTE, L. de F. B. Mediação da informação para mulheres: um estudo de caso sobre a Biblioteca Comunitária Abdias Nascimento em Londrina/PR. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 16, p. 1–22, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1262>. Acesso em: 16 ago. 2024.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. **Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo? Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertenças no campo**. Revista de @ntropologia da UFSCar. São Paulo. Vol.8, nº1, p.41-52, janeiro-junho 2016.

CROFT, J. (2009). Ficha técnica #05- Introdução: Tornando os sonhos realidade. **Usando Dragon Dreaming para construir um projeto extremamente bem sucedido: Uma abordagem abrangente em estágios** (Felipe Simas Trad.).

CROFT, J. (2012). Ficha técnica #23- **Resumo de vinte e uma abordagens Dragon Dreaming para abrir nosso coração gaiano** (Áureo Gaspar Trad.).

DOWBOR, Ladislau. Tecnologia social. In: BOULLOSA, R. de F. (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p.169-171

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: NUNES, I R.; DUARTE; C. L. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. São Paulo: Itaú Social: MINA Comunicação e arte 2020 p. 23.

FISCHER, T. M D Poderes locais, desenvolvimento e gestão – uma introdução a uma agenda. In FISCHER, Tânia (org.). **Gestão do desenvolvimento e poderes locais:** marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade, p.12-32, 2002.

FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCLF; Brasil:RNBC,2018.

FLEURY, T. L.; WERLANG, S. R. C. **Pesquisa aplicada:** conceitos e abordagens. GV Pesquisa – Anuário de Pesquisa 2016-2017, São Paulo, n. 5, p. 10-15, 2017

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo. Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo. Cortez, 2008.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Carla; SANTOS, Isla Monteiro Sousa. Biblioteca comunitária do Calabar: uma nova forma de viver e estar em comunidade. In: **Anais Online do IX Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico**. Anais. Florianópolis(SC) Hotel Castelmar, 2017. Disponível em:

<https://www.even3.com.br/anais/9cbdu/51809-BIBLIOTECA-COMUNITARIA-DO-CALABAR--UMA-NOVA-FORMA-DE-VIVER-E-ESTAR-EM-COMUNIDADE>.  
Acesso em: 16/08/2024.

FREITAS, Fillipi Zettermann de. **Bibliotecas comunitárias e suas práticas: novas perspectivas para as bibliotecas públicas tradicionais brasileiras.** TCC (Biblioteconomia). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Educação. Curso de Biblioteconomia. 14p, 2021.

FURTADO, Gabriela de Almeida. **A poética de Cristiane Sobral como rasura às narrativas de direitos humanos da branquitude.** 2021. 76 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

GUERRA, Adriano. LEITE, Camila; VERÇOSA, Érica. (org). **Expedições Leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil** São Paulo: Instituto C&A/ Itaú Social, 2018.

HORTA, N. M. Bibliotecas comunitárias: organização sociocultural e instrumento para a democratização do acesso à informação e para a valorização cultural. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 13, p. 1781–1797, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/891>. Acesso em: 16 ago. 2024.

INSTITUTO C&A. **Prazer em ler: dez anos de fomento à leitura literária.** São Paulo, 2016. Volume 1.

JESUS, Ingrid Paixão de.; SANTOS, Raquel do Rosário. Atividades mediadoras na biblioteca comunitária em terreiro de candomblé. XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB. 2023.

KOURY, M. G. P. Enraizamento, pertença e ação cultural. Revista Cronos, [S. l.], v. 2, n.1,p. 131–137, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/11322>. Acesso em: 16 ago. 2024.

LAUDINO, B. G. L.; LOURENÇO, G. C. Biblioteca Comunitária: um universo dentro de uma tipologia. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16887>. Acesso em: 16 ago. 2024.

LENE, H **Memória e história da imprensa na Bahia: os pasquins sediciosos da Revolta de 1798**

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 80–94, 2009. DOI: 10.20396/rdbc.i.v7i1.1976. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/1976>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MACHADO, E. C. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009.

MACHADO, E. C. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil.** 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MACHADO, E. **Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil,** São Paulo. USP, 2008.

MACHADO, E. C.; VERGUEIRO, Waldomiro. A prática da gestão participativa em espaços de acesso à informação: o caso das bibliotecas públicas e das bibliotecas comunitárias.

**Revista Interamericana de Bibliotecología** Ene.-Jun. 2010, vol. 33, no. 1; p. 241-255

Machado, E. C. et al. The Rede Brasil De Bibliotecas Comunitárias: A Space For Sharing Information And Building New Knowledge. **The journal of community informatics** 7.1–2 (2011): The journal of community informatics, 2011-06, Vol.7 (1-2).

MADELLA, Rosangela. Bibliotecas comunitárias: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal / Rosangela Madella; orientador, Francisco das Chagas de Souza. – Florianópolis, SC, 2010. 222 p.

MAIA, G. F. R. e BARRADAS, J. S. Gestão de Bibliotecas Comunitárias: Experiências Bem-Sucedidas No Brasil. **Revista Conhecimento em Ação** 7.2 (2022) p. 27–58.

MAIA, M. Gestão social – reconhecendo e construindo referenciais. **Revista Virtual Textos & Contextos.** N.4, Ano IV, dez. 2005.

MARTINS FILHO, M. T.; NARVAI, P. C. **O sujeito implicado e a produção de conhecimento científico. Saúde debate** [online]. 2013, vol.37, n.99, pp.646- 654. ISSN 0103-1104. <https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2013.v37n99/646-654/pt>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MASCARENHAS, Meibe Cristina dos Santos; SANTOS NETO, João Arlindo dos. El protagonismo del mediador de información en la biblioteca comunitaria. **Revista EDICIC, [S. l.]**, v. 2, n. 2, 2022. DOI: 10.62758/re.v2i2.173. Disponible em: <https://ojs.edicic.org/revistaedicic/article/view/173>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MASCARO, Laura Degaspere Monte. **O papel da literatura na promoção e efetivação dos direitos humanos.** 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.2.2011.tde-02052012-155032. Acesso em: 2024-08-16.

MASSONI, Luis Fernando; KAEFER, Juliane; BORGES, Jussara. Território: um conceito central para as bibliotecas comunitárias brasileiras. **Infor**, Montevideo , v. 29, n. 1, e210, 2024 . Disponible en <[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2301-13782024000101210&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2301-13782024000101210&lng=es&nrm=iso)>. accedido en 16 agosto 2024. Epub 01-Jun-2024. <https://doi.org/10.35643/info.29.1.10>.

MAY, T. **Pesquisa Social:** questões, métodos e processos. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004

MILANESI, Luis. **A casa da invenção.** São Paulo, Siciliano, 1997.

MONTEIRO, J. P.; MONTEIRO, C. **Gestão Compartilhada.** Personal Consultoria. Brasília 2002.

OLIVEIRA, Nara Bezerra de; FREITAS, Aline Zorzi S. de. Implantação da biblioteca comunitária na Aldeia indígena Moyray. **Nexus Revista de Extensão do IFAM**. Vol.3, Nº2, Dez. 2017.

PAZ, Adilson Menezes da. Ciência, **umbanda e encantados itinerâncias do sujeito encarnado**. In: MESSEDER, Suely; NASCIMENTO, Clebemilton. Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 181- 207

PEIRANO, Marisa. 2008. “**Etnografia ou a teoria vivida**”. Revista Ponto Urbe, n.2, São Paulo: Núcleo de Antropologia Urbana/Nau <http://pontourbe.revues.org/1890>

PEREIRA, PMS; COUTINHO, LRS; RIBEIRO, G. Biblioteca comunitária: um conceito ainda em construção: extensão universitária como política pública. **Informação e gestão: ensino, pesquisa e extensão**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010

PETIT, M. **Leituras do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. Ed. Editora 34, 2009

RODRIGUES, Marcia Carvalho. Bibliotecas públicas, patrimônio cultural e atuação governamental: interlocuções possíveis. RDBCi: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, p. e024006, 2024. DOI: 10.20396/rdbc.v22i00.8674286. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/8674286>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SANTOS, Conceição Cristina dos. A Biblioteca como espaço estimulador do desenvolvimento do leitor: uma experiência da biblioteca Comunitária Salão do Encontro. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Puc - Minas. V. 11, N. 14, 2015.

SILVA, Ana Pricila Celedonio da; CAVALCANTE, Lidia Eugenia Lima (2018). A biblioteca comunitária em interlocução com a memória social. In Chaudiron S., Tardy C., Jacquemin B. (Eds.). **Médiations des savoirs: la mémoire dans la construction documentaire**. Actes du 4 colloque scientifique international du Réseau MUSSI. Mediação dos saberes: a memória no contexto da construção documentária. Anais do 4º colóquio científico internacional da Rede MUSSI, Villeneuve d'Ascq: Université de Lille, p. 297–306.

SALCEDO, Diego Andres; ALVES, Mariana. O papel da biblioteca comunitária na construção dos direitos humanos. RDBCi: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 561–578, 2015. DOI: 10.20396/rdbc.v13i3.8635770. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/8635770>. Acesso em: 16 ago. 2024.

PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/ integração do cidadão na sociedade da informação. **Revista Inclusão Social**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2010. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1638>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SALVADOR. Dados Salvador. Disponível em:  
<https://dados.salvador.ba.gov.br/pages/bairros-de-salvador>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p

SPÖRRER, Paola Helena Carvalho. **Bibliotecas Comunitárias: fatores intervenientes na percepção das gestoras**. 2015. 64f. TCC (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: Acesso em: 16 de agosto de 2024.

TARNAS, R. **A epopeia do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

TAVARES, Luís Henrique Dias. História da sedição intentada na Bahia de 1798 (“A conspiração dos Alfaiates”). São Paulo: Pioneira, 1975.

TENORIO, F. G. **Gestão Social**: metodologia, casos e práticas. 5. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TENORIO, F. G (2008). **Um espectro ronda o terceiro setor**:o espectro do mercado. Unijuí

THOMAZI, Áurea R. G.; GONÇALVES, R. G.; MACHADO, G. C.; BACELAR, G. M. Biblioteca comunitária: ação alternativa em face da política pública de leitura. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 3, p. 1066–1088, 2017. DOI: 10.18224/educ.v19i3.5466. Disponível em:  
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5466>. Acesso em: 16 ago. 2024.

URANO, Debora Goes; SIQUEIRA, Felipe de Souza; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. Articulação em redes como um processo de construção de significado para o fortalecimento do turismo de base comunitária. **Caderno Virtual de Turismo**, [S. l.], v. 16, n. 2, 2016. DOI: 10.18472/cvt.16n2.2016.1173. Disponível em:  
<https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1173>. Acesso em: 16 ago. 2024.

WEIL, S. **O Enraizamento**. Santa Catarina: EDUSC, 2001.

<https://fgm.salvador.ba.gov.br/>

<https://www.ba.gov.br/fpc/>

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm)

<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/162064>

## ANEXO A - DIÁRIO DE BORDO DA RS MEDELLÍN, COLÔMBIA, 2024

**Quadro-síntese das atividades realizadas**

Semana	Atividades Realizadas	Data	CH diária	Síntese dos resultados
1	Conversa sobre percurso missão de leitura, escritae oralidade no Sistema de Bibliotecas/ Particularidade de unidades especializadas, visita guiada a Casa de la Licteratura San Germán e processo de leitura acessível (oficina de escrita inclusiva). Apresentação Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora".	31/01/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações
	Visita guiada Espaço Maker e conversa sobre bibliotecas-comunidade / Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora" /Biblioteca San Javier	01/01/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações
	ApresentaçãoModelo de	02/02/2024	10h	Visitas Guiadas
2	gerenciamento de sistema de biblioteca/ Visita guiada à Biblioteca Piloto/ Visita guiada e conversa Biblioteca La Floresta ênfase Memória, Biblioteca e comunidade e apresentação Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora"			Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações
	Visita guiada ao Parque da Biblioteca e conversa sobre biblioteca e comunidade/ Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora"na Biblioteca Comunitária e conversa com bibliotecários populares e comunitários	03/02/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações
	Realização de atividade de contrapartida "Mapa Afetivo: Uma cartografia entre bibliotecários, território e sensações. Visita guiada a Biblioteca Belen e conversa sobrebiblioteca e	05/02/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações
	comunidade/ Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora" na Biblioteca Comunitária e conversa com bibliotecários populares e comunitários			
	Visita guiada a Biblioteca Santa Cruz e conversa sobre biblioteca, comunidade e inclusão. Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora" na Sala de Lectura Eduardo Galeano	06/02/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações

	Visita guiada ao Parque Biblioteca La Ladera e Parque Biblioteca Nororiental conversa sobre biblioteca e comunidade/ Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora" na Biblioteca Comunitária e conversa com bibliotecários populares e comunitários Visita às Bibliotecas comunitárias Sueños de papel	07/02/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações
	Comuna 3 e Bibliocielo Comuna 1			
	Visita guiada a Biblioteca San Antonio de Prado e Biblioteca Limonar conversas sobre biblioteca e comunidade/ Espetáculo teatral "Nosso tempo é Agora" na Biblioteca Comunitária e conversa com bibliotecários populares e comunitários.	08/02/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações
	Visita guiada a Biblioteca Santa Elena conversa sobre biblioteca e comunidade. Visita ao Essencial teatro	09/02/2024	8h	Visitas Guiadas Registros das entrevistas Apresentação artística Registro fotográfico das apresentações

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

31/01/2024

“Neste primeiro dia o grande desafio foi acompanhar o ritmo do idioma e aos poucos mergulhar nas nuances das linhas de trabalho que compõe o Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín, entender como essas linhas funcionam e qual a competência de cada coordenação. A princípio tomamos um café Sara que nos deu um panorama geral tanto sobre o Sistema quanto com relação à nossa agenda, como iríamos nos deslocar algumas vezes de um bairro a outro, ela nos ajudou colocando as principais formas de deslocamento. Na sequência fizemos a visita guiada a Casa de la Litteratura San Germán que está localizada na comuna 7 no centro oeste da cidade, abriu suas portas em fevereiro de 2020. Concebida como um espaço de encontro onde convergem histórias abriu suas portas em fevereiro de 2020. Concebida como um espaço de encontro onde convergem histórias e se estabelecem novos vínculos entre escritores, pesquisadores, educadores, escritores literários, editores e leitores. biblioteca especializada em literatura nesse dia fizemos a apresentação da intervenção cênica para um público infantil o que gerou a necessidade de adaptação imediata da e da encenação para que pudesse comunicar com todos. A recepção do público foi muito positiva e ao final os pais que estavam com as crianças fizeram muitas perguntas sobre a cultura brasileira”.

**Figura 26 – Fotos da visitação às bibliotecas comunitárias de Medellin e apresentação do espetáculo “Nosso tempo é agora”**

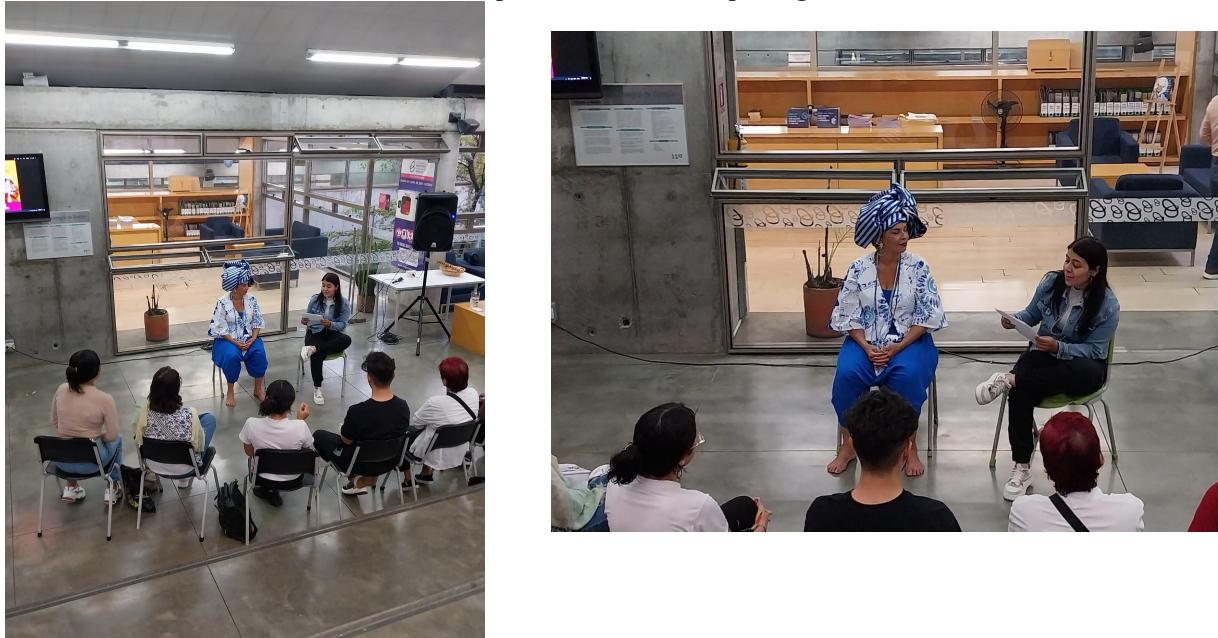


Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

01/02/2024

“A visita a Biblioteca Comunitária San Javier foi um retorno importante a um espaço que visitei em 2022, reencontrar um jovem bibliotecário que anteriormente era um bibliotecário e que agora havia se tornado gestor do espaço foi algo que me impressionou bastante. Em muito pouco tempo e devido ao grau de comprometimento com o trabalho aquele jovem já tinha se tornado gestor do espaço. A biblioteca surgiu como uma das respostas não violentas que procurava pacificar a comuna 13 melhorando a qualidade de vida dos seus habitantes. Recebe o nome de José Luis Arroyave em homenagem a um líder social e comunitário da região, nascido em 1954 e reconhecido por seu trabalho como defensor dos direitos humanos, que foi assassinado em 20 de setembro de 2002 enquanto realizava ações trabalhistas no terreno na comuna 13 (site do Sistema de Bibliotecas Comunitárias de Medellín)”.

**Figura 27 – Fotos da roda de conversa na Biblioteca Pública San Javier e Bate Papo após a apresentação do espetáculo “Nosso tempo é agora”**

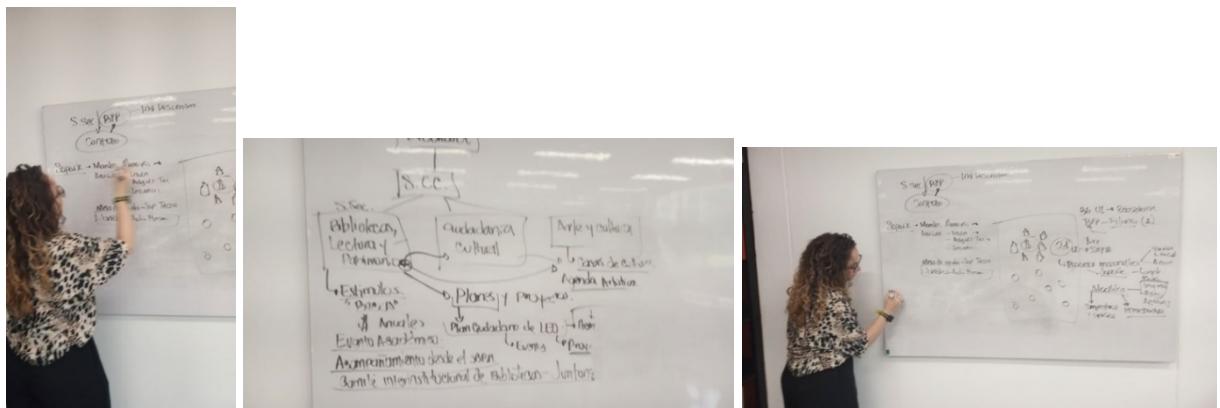


Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

02/02/2024

“No período da manhã tive um encontro com Natalia Espejo que é coordenadora de prospecção de projetos do Sistema de Bibliotecas. Nossa encontro se tornou uma aula muito rica sobre o sistema. Foi também importante compreender a função dessa profissional, pois enquanto todos trabalham no presente ela faz um planejamento de futuro para o sistema. Nesse mesmo dia a tarde estive numa visita guiada, entrevista, apresentação de “O Nosso Tempo é Agora e finalizei o dia assistindo uam mediação de leitura para crianças na Biblioteca La Floresta”.

**Figura 28 – Fotos da Explanação de Natália Espejo sobre os processos de Gestão do Sistema de Bibliotecas Públicas de Medellín**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 29 – Fotos da entrevista, apresentação e observação de mediação de leitura na Biblioteca La Floresta**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

03/02/2024

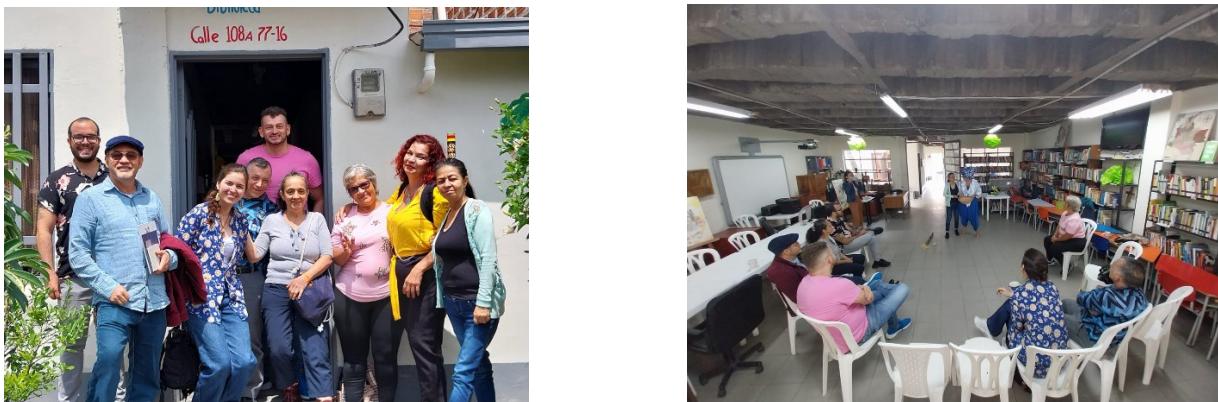
“Neste dia fui recebida pelo Sr. Gabriel Londoño gestor da Biblioteca Parque 12 de Outubro e em seguida fomos visitar e apresenta na Biblioteca Comunitária Sucre que é coordenada pela Sra. Gloria a quem conheci na outra viagem que fiz a Medellín, ela é muito conhecida por sua luta pela inclusão de pessoas com deficiência”.

**Figura 30 – Fotos das entrevistas e visita guiada na Biblioteca 12 de Octubre**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 31 – Fotos da Biblioteca Comunitária SUCRE e apresentação BC SUCRE**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

05/02/2024

“Fui convidada pelo Sistema para realizar uma atividade de contrapartida social para os bibliotecários do sistema. Na ocasião realizei a atividade do Mapa Afetivo e o resultado mostrou-se proveitoso para que eles refletissem sobre as suas conexões, articulações e parcerias com as bibliotecas e com os territórios que se encontram desde a casa de cada bibliotecário e as bibliotecas em que atuam”.

**Figura 32 – Imagens da aplicação de parte da capacitação Nascedouro de Bibliotecas Comunitárias**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 33 – Fotos do card da peça “Nosso tempo é agora” e da apresentação cênica**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

06/02/2024

“Neste dia após visitar a Biblioteca Santa Cruz e dialogar com os gestores e bibliotecários do local, fui conduzida à Sala de Lectura Eduardo Galeano, onde para minha surpresa um Grupo me esperava para assistir a apresentação de “O Nosso Tempo é Agora” e conversar sobre a cultura brasileira, eu não tinha nem o figurino nem adereços para a apresentação, Mas mesmo assim decidi fazer a apresentação. Ao final o grupo fez muitas perguntas sobre o Brasil, as bibliotecas e os Orixás. Nesse momento fui informada que aquele era um grupo de pessoas com deficiência intelectual que é frequentador assíduo do local”.

**Figura 034 – Fotos da Biblioteca Santa Cruz e Sala de Lectura Eduardo Galeano**



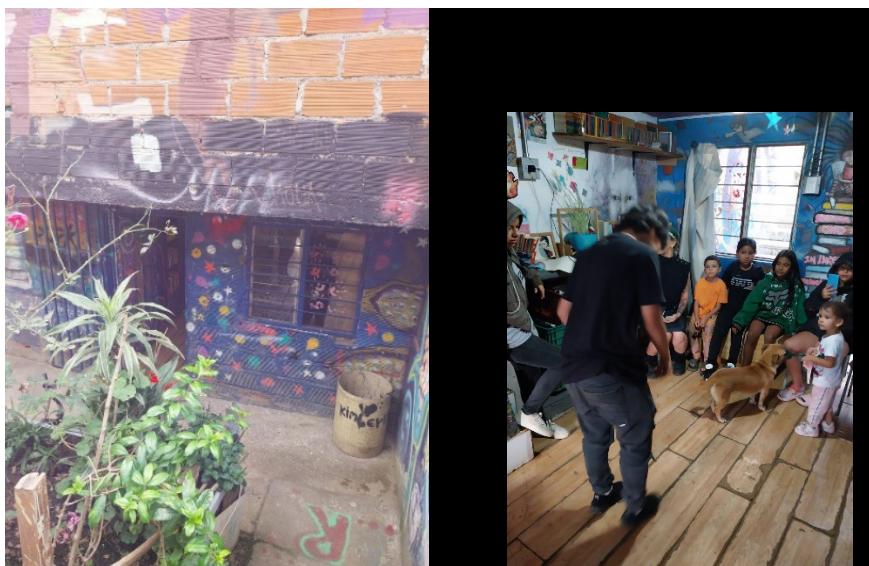
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

07/02/2024

“Nesse dia visitei a Biblioteca La Ladera, e o grande destaque foi entender os processos transmídia realizados nesse espaço, principalmente o projeto bibliogamers onde a partir de histórias literárias os jovens são convidados a criar jogos de computador. A biblioteca dá

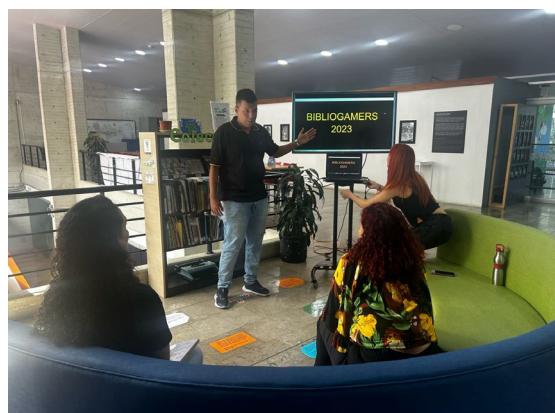
todo o suporte técnico para que esses jovens possam desenvolver os seus gamers. Em seguida fomos à Bibliocielo e oportunidade de fazer a visita guiada, as entrevistas e apresentar em mais uma biblioteca comunitária foi de suma importância para a pesquisa. Dialogar e refletir sobre os desafios e avanços das bibliotecas comunitárias, e perceber que estas reflexões vão além de serem brasileiras ou colombianas e ganham o contorno de América Latina. Uma particularidade da Bibliocielo é que ela fica localizada em uma das regiões mais altas de Medellín e chegar a este lugar trouxe um desgaste físico muito grande. Foi necessário sintetizar a apresentação devido à dificuldade para respirar. Mas também assistir às apresentações de dança dos jovens corroborou mais uma vez com a percepção do protagonismo da comunidade nesses espaços construídos pela comunidade e para elas”.

**Figura 35 – Fotos da Bibliocielo e da apresentação de dança de jovens da comunidade**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 36 – Foto da visita guiada e entrevista Biblioteca La Ladera**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

“A Biblioteca San Antonio de Prado é uma biblioteca de zona rural que também é montanhosa. Já a Biblioteca Limonar tem uma particularidade muito interessante pois se trata do centro de uma zona de conflito entre duas comunidades diferentes. Há um acordo entre as duas comunidades rivais que ao entrar na biblioteca essa zona de conflito não existe, biblioteca se torna uma zona de pacificação para o território em constante conflito”.

**Figura 37 – Apresentação de “O Nossa Tempo Agora Biblioteca San Antonio Prado**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

09/02/2024

“Neste dia fizemos a visitação à Biblioteca Santa Helena que fica numa zona rural que tem o mesmonome da Biblioteca, o local fica uma hora e meia de distância de Medellín e apesar do cansaço da viagem foi um prazer desfrutar da imagem belíssima da região montanhosa e rural. Fui recebida pelos bibliotecários que me levaram na visita guiada. No dia não houve apresentação, mas devido a minha formação em teatro, fui convidada a visitar um teatro parceiro da Biblioteca e que fica numa região próxima: o Essencial teatro. Desta forma e com a lembrança dessas imagens renovadoras me despedi da Residência Social em Medellín”.

**Figura 38 – Foto da vista externa da Biblioteca Santa Helena**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 39 –Foto da vista externa da Biblioteca Santa Helena**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 40 – Fotos do Elemental Teatro**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**ANEXO B - POSTAGENS NA REDE SOCIAL DA BIBLIOTECA  
COMUNITÁRIA SETE DE ABRIL**

<b>Postagens:</b>	<b>Assunto da postagem</b>	<b>Mês</b>	<b>Ano</b>
Visita dos Alunos da Escola Leão de Judá	Mediação de leitura	Novembro	2024
Roda de Conversa sobre Sustentabilidade (evento promovido pelo Instituto C&A)	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Novembro	2024
Luana Costa Embaixadora da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (escolhida para divulgar as ações na área da cultura, assistência social e empreendedorismo)	Mediação de leitura	Novembro	2024
Sessão de Cinema Especial com a comunidade de Sete de Abril (promovido pelo Cinépolis)	Participação de atividade externa.	Novembro	2024
Apresentação de poesias da escritora Conceição Evaristo através dos alunos da Biblioteca Sete de Abril	Mediação de leitura	Novembro	2024
Distribuição de kits de material de higiene pessoal (promovido pelo Instituto C&A)	Divulgação de doações	Novembro	2024
Aranildes Santana Embaixadora da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (escolhida para divulgar as ações na área da cultura, assistência social e empreendedorismo)	Postagens para a auto estima das mulheres	Novembro	2024
Comemoração da Semana do Livro e da Biblioteca (participação especial da Escola Municipal Afrânio Peixoto e do Colégio Estadual Eraldo Tinoco)	Evento anual	Outubro	2024
Roda de leitura, exposição e distribuição de livros em comemoração da Semana do Livro e da Biblioteca	Evento na Praça Dia 24 (na praça de final de linha de Sete de Abril e dia 25 (ao lado da Escola Municipal Afrânio Peixoto)	Outubro	2024
Elaine Cerqueira Embaixadora da Biblioteca Comunitária Sete de Abril (escolhida para divulgar as ações na área da cultura, assistência social e empreendedorismo)	Postagens para a auto estima das mulheres	Outubro	2024
Comemoração do dia das Crianças (distribuição de kits de guloseimas – Instituto C&A e Battre)	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Outubro	2024
Dia Mundial da Alimentação (distribuição de quentinhais para famílias em situação de vulnerabilidade no Bairro Sete de Abril) Projeto Cozinhas Comunitárias e Solidárias do Bahia sem fome do Governo do Estado da Bahia e parceria do Centro de Apoio aos Idosos e Adolescentes da Bahia)	Divulgação de doações	Outubro	2024
Mediação de Leitura com Gicélia Melo (Gestora da Biblioteca Sete de Abril) com o tema: Entrelaços e Vivências de Mulheres Negras	Mediação de leitura	Outubro	2024
Visita de Claudia Vaz (Gestora do Instituto ACM) em comemoração ao dia das crianças	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Outubro	2024
Abertura Oficial em comemoração ao dia das crianças com a participação do Instituto C&A	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	11 de Outubro	2024
Atividades de incentivo a leitura, escrita e alfabetização para todas as idades	Mediação de leitura	Setembro	2024

Distribuição de alimentos doados pelo Mesa Brasil SESC	Divulgação de doações	Agosto	2024
Roda de Conversas com mães e filhos sobre a importância do incentivo à leitura em casa	Mediação de leitura	Agosto	2024
Atividade de leitura e escrita sobre a importância do lugar de fala e escuta	Mediação de leitura	Agosto	2024
Visita do CRAS de Pau da Lima com Núbia Santiago (Coordenadora do CRAS)	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Agosto	2024
Visita da escritora Bárbara Fálcon que trouxe os temas de Samba Junino, Ijexá e Capoeira	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Agosto	2024
Oficina de Mosaico com sobras de pisos e revestimentos com o artista plástico Lemilson da @battre.ssa	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Agosto	2024
Distribuição de quentinhos em parceria com Centro de Apoio Social aos Adolescentes e Idosos da Bahia	Divulgação de doações	06 de Agosto	2024
Biblioteca, Memória e Patrimônio Digital (uma análise memorial da biblioteca comunitária Sete de Abril) Defesa de Camila Biondi que tem o memorial da BC Sete de Abril como tema	Participação de atividade externa.	Setembro	2024
Agradecimento ao Dia Nacional do Voluntariado em parceria com o Instituto C&A e @battre.ssa	Postagem de agradecimento	28 de Agosto	2024
Comemoração da Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla	Postagem de datas relacionadas às pautas sociais	21 a 28 de Agosto	2024
Mediação de leitura com Gilcélia Barros com o livro: "Em Cima da Serra" do escritor Eucanaã Ferraz	Mediação de leitura		
Comemoração de 33 anos do Aniversário do Instituto C&A (exposição de artigos produzidos pelas costureiras do projeto costura criativa)	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	09 de Agosto	2024
Mostra da vida e obras de Jorge Amado com o kit pedagógico que fala de suas obras	Mediação de leitura	10 e Agosto	2024
Atividade criativa sobre as olímpíadas – voluntária Aline Argolo	Mediação de leitura	31 de Julho	2024
1ª Exposição de animais com o Instituto Battre	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	24 de Julho	2024
O instituto C&A Dia do Styling ensinou sobre empoderamento e bem estar	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Julho	2024
Atividade de interpretação de textos e ditado de palavras	Mediação de leitura	Julho	2024
Doações de pães da em presa Limiar (beneficiou 80 famílias)	Divulgação de doações	04 de Julho	2024
Confecção de tapetes com reaproveitamento de retalhos	Atividades de Artesanato	01 de Julho	2024
Visita do DR. Javier Escudero – Diretor do Brazil Cultural com parceria da apresentadora Dina Lopes do programa Conversa de Preta e alunos da BMCC-CUN escola de New York dos Estados Unidos	Atividade de internacionalização	22 de Junho	2024
Oficina de Jardinagem e Plantio com o Instituto Battre	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	19 de Junho	2024
Roda de conversa sobre beleza e autoestima com o Instituto C&A	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	30 de Junho	2024

Festa Junina		15 de Junho	2024
Bazar Beneficente promovido pelo Instituto C&A	Evento para arrecadação de recursos	09 de Junho	2024
Uma Quarta de Free Pelô no Museu Teixeira Leal em um bate papo com Gilcélia Barros	Visita externa	Junho	2024
Curso de tampão de mesa com reaproveitamento de sobras de madeira (promovido pelo Instituto Battre	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	23 de Junho	2024
Distribuição de biscoitos pelo Mesa Brasil SESC	Divulgação de doações	28 de Maio	2024
FLIB7 – 2ª Festa Literária da Biblioteca Sete de Abril		25 a 28 de Maio	2024
Atividade sobre a Semana da África	Mediação de leitura	Maio	2024
Oficina de Redes Sociais com Luana Costa	Divulgação de Oficinas	Maio	2024
Bazar Beneficente promovido pelo Instituto C&A	Evento para arrecadação de recursos	05 de Abril	2024
Visita no Instituto Cegos da Bahia com Paula Carneiro representando a Biblioteca Sete de Abril	Visita externa	Abril	2024
Projeto Fadas Bordadeiras do Instituto ACM mostraram os frutos colhidos pelo trabalho desenvolvido	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	26 de Abril	2024
Caminhada em Homenagem ao dia Nacional do Livro Infantil	Evento da Biblioteca em área externa	18 de Abril	2024
Inscrições abertas para os cursos de crochê, artesanato, projeto de costura criativa, projeto ler e escrever e projeto descobrindo as palavras	Divulgação de cursos e oficinas	Abril	2024
Bazar Beneficente promovido pelo Instituto C&A	Evento para arrecadação de recursos	Dezembro	2023
Dia da criança com deficiência lembrado pela Biblioteca Sete de Abril – trabalhando a conscientização de todos	Postagem de datas relacionadas às pautas sociais	09 de Dezembro	2023
III Desfile Afro de Moda Criativa promovido pelo Instituto C&A	Evento para arrecadação de recursos	04 de Dezembro	2023
3ª Feijoada Cultural	Evento para arrecadação de recursos	26 de Novembro	2023
Exposição de produto artesanal feito a mão	Atividades de Artesanato	13 de Novembro	2023
Conferência Nacional Livre pela Erradicação da Fome, do Racismo e da Discriminação.	Visita externa	7 de Outubro	2023
2º Brechó de Moda	Evento para arrecadação de recursos	06 de Outubro	2023
Distribuição de Cestas Básicas aos atingidos pelas chuvas na Rua Boa Paz em sete de Abril	Divulgação de doações	Julho	2023
Ação do Instituto C&A com o tema: “Sustentabilidade”	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	30 de Junho	2023
Bazar Beneficente promovido pelo Instituto C&A	Evento para arrecadação de recursos	11 de Junho	2023
Aulas de boxe com o professor Mailson Silva Messias (terças e quintas-feiras)	Divulgação de cursos e oficinas	Maio	2023
Camerata Bahia Cordas - Visita da Orquestra Sinfônica da Bahia	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	22 de Maio	2023
Comemoração dos 10 anos do livro @graffitisalvador, realizaram uma pintura no muro da Biblioteca Sete de Abril	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Maio	2023
Participação de Gicelia Barros na XI Conferência Municipal dos Direitos da Criança e Adolescentes	Visita externa	Abril	2023
O projeto Integrar desenvolve atividades de mediação de leitura e escrita com Jandira Barreto	Mediação de leitura	Abril	2023

Comemoração ao dia da Biblioteca	Postagem de datas relacionadas às pautas sociais	09 de Abril	2023
Oficina de crochê	Divulgação de cursos e oficinas	Abril	2023
Exposição 20 anos de história para contar: Escrevivências da <a href="#">@bibliotecasetedeabril</a> no <a href="#">#congressoufba2023</a>		Março	2023
Oficina de turbantes	Divulgação de cursos e oficinas	Março	2023
Oficina de capoeira	Divulgação de cursos e oficinas	Março	2023
Distribuição de alimentos/legumes	Divulgação de doações	Janeiro	2023
Doações de cestas natalinas e brinquedos	Divulgação de doações	Dezembro	2022
Bazar Beneficente promovido pelo Instituto C&A	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	18 de Dezembro	2022
Desfile Afro Moda Criativa organizado pela Biblioteca Comunitária Sete de Abril		16 de Dezembro	2022
FLIB7 com escritor marcos Cajé		Outubro	2022
FLIB 7 com escritor Anderson Shon		Outubro	2022
FLIB7 - Entrega de livros do Itaú Social aos moradores da comunidade Sete de Abril		Outubro	2022
FLIB7 – Oficina de técnicas em pintura em garrafas	Atividades de Artesanato	Outubro	2022
FLIB7 - Paula Brito é artista educadora, contadora de história, escritora, filha de Santo Amaro		Outubro	2022
Abertura da I Festa Literária da Biblioteca Sete de Abril		24 a 27 de Outubro	2022
Outubro Rosa na Biblioteca Sete de Abril		Outubro	2022
Distribuição de alimentos promovido pelo Instituto Mesa Brasil SESC	Divulgação de doações	Outubro	2022
Vivência Afetiva – Reconstruindo identidade através do cabelo – Governo do Estado da Bahia	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	30 de Setembro	2022
Dia de São Cosme e Damião	Postagem de datas relacionadas às pautas sociais	27 de Setembro	2022
Oficina de <a href="#">#artesanato</a> Na terça-feira, dia 13, nós produzimos belíssimas flores com sobras de tecidos da costura criativa.	Atividades de Artesanato	Setembro	2022
Distribuição de 128 L de sopa para 151 pessoas da Comunidade Sete de Abril	Divulgação de doações	Setembro	2022
12º Encontro Nacional RNBC – Olhares para o amanhã	Evento da RNBC	12 a 16 de Setembro	2022
Gicélia Barros visitou a escola Dr. Djalma Ramos para conhecer o projeto anti-racista	Visita ou evento externo	28 de Julho	2022
27 de Julho Aniversário da Biblioteca Sete de Abril		Julho	2022
Dia do Escritor, as escritoras Rilza Chaves e Nadja Nunes e a nossa querida decoradora Aline Barros		Julho	2022
Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha		25 de Julho	2022
Gravação especial do Programa Conversa de Preta	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	25 de Julho	2022
Desfile de Moda promovido pelo Instituto C&A	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	06 de Julho	2022
Workshop de empoderamento feminino, beleza e auto estima com Barbara Gisely Lima de Souza, Luana Ferreira Costa e Sirlene Santos	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Julho	2022
Encontro da Rede Atados de Salvador na Biblioteca Sete de Abril	Visita ou evento externo	Junho	2022
Faça Bonito – Proteja nossas crianças e adolescentes	Postagem de datas relacionadas às pautas sociais	Maio	2022

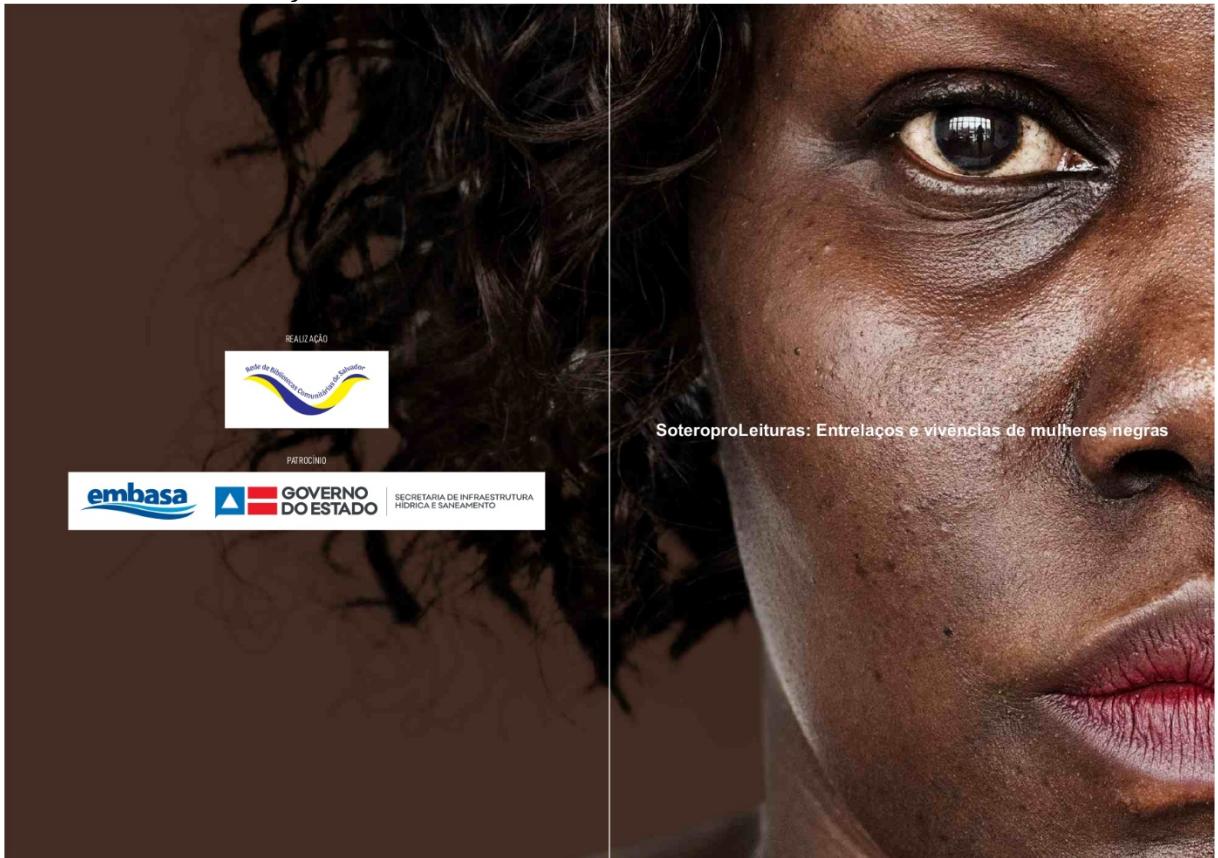
Mediação de leitura com Gicélia Barros	Mediação de leitura	Maio	2022
Aniversário da Biblioteca Central do estado da Bahia	Visita ou evento externo	13 de Maio	2022
I Encontro de Bibliotecas Comunitárias do Nordeste no Teatro Gregório de Mattos	Visita ou evento externo	10 de Maio	2022
7º Encontro de Bibliotecas Populares e Comunitárias em Medellín, com a participação de <a href="#">@anapaulaencantadoradehistorias</a>	Atividade de Internacionalização	Abril	2022
Dia Nacional do Sistema Braille	Postagem de datas relacionadas às pautas sociais	08 de Abril	2022
Foi realizado neste mês de Abril, nos dias 5, 6 e 7 de 2022 a oficina de Elaboração de Projetos Sociais, promovida pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A- Embasa	Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	Abril	2022
No dia 18 deste mês nossa BC recebeu a doação de pães destinada à comunidade de Sete de Abril e Areia Branca. Agradecemos ao grupo Limiar <a href="#">@glimiar</a> e demais envolvidos nesta ação	Divulgação de doações	Janeiro	2022

Com base no quadro acima, e nos critérios de classificação das postagens, foi possível constatar que, de 2022 a 2024, a Biblioteca Comunitária Sete de Abril realizou postagens sobre os seguintes tipos de ações desenvolvidas na biblioteca.

Postagens sobre Divulgação de doações	12
Postagens sobre Evento em parceria com apoiadores externos e a comunidade	23
Postagens sobre ações de Mediação de leitura	14

Fonte: Rede social *Instagram*, perfil da Biblioteca Comunitária Sete de Abril

**ANEXO C – CAPA DO LIVRO “SOTEROPROLEITURAS:  
ENTRELAÇOS E VIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS”**



## ANEXO D – TEXTO DA APRESENTAÇÃO “O NOSSO TEMPO É AGORA”, DE ANA PAULA CARNEIRO

### *Odudwa cria a terra*

Olorum olhando para o aioká, percebeu que ali poderia ter um firmamento, chamou então seu nobre filho Oxalá, e lhe deu o saco da criação, contendo cinco pombos, uma galinha, um camaleão e areia. Oxalá ficou muito envaidecido por ter recebido uma missão tão importante, e entendeu que não precisaria pedir licença e ofertar presentes para Exu, o senhor dos caminhos. Assim que Oxalá se pôs na estrada, eis que ele encontra Exu que imediatamente lhe perguntou: Exu - vai se adiantar pela estrada até a ponta do aioká? E os meus presentes onde depositou? Oxalá - Presente? Como posso eu, em missão tão importante perder meu tempo com presentes? Exu - Então não conseguirá fazer nada do que pretende.

Oxalá ignorou aquele conselho, pois estava muito ocupado em sua missão. E continuou o seu caminho, mas de repente, uma sede enorme o acometeu, e ele foi ficando cada vez mais fadigado e sedento. Foi então que avistou uma grande palmeira e sem pensar dirigiu-se até ela e enfiou em seu caule o opaxoro, o seu cajado, dela escorreu o delicioso vinho de palma, e ele bebeu, bebeu, até cair e dormir profundamente debaixo daquela gentil sombra.

Exu que acompanhava tudo, foi depressa contar a Olorum, que imediatamente convocou Oduduwa e mandou que ela pegasse o saco da criação que estava com Oxalá e criasse o mundo. Antes de partir, Oduduwa depositou no caminho por onde passaria, uma rica oferenda para Exu, que imediatamente lhe respondeu:

Exu - Siga em frente, você terá caminho, e cumprirá o seu desígnio, todas as suas oferendas foram aceitas.

### *Oxalá cria os homens*

Depois que Oduduwa criou a terra, Olorum, o ser supremo, deu uma tarefa muito importante para Oxalá, ele teria que criar os homens. Ele ficou feliz e muito agradecido, mas não sabia o que fazer, como iria criar os seres humanos, então ele percebeu que sozinho não conseguia nada.

Foi aí que ele convocou os outros orixás, para que eles lhe trouxessem a matéria-prima da qual o homem seria feito. Xangô trouxe o fogo, mas não serviu. Iansã trouxe os ventos, mas também não serviu, Iemanjá trouxe as águas salgadas, e Oxum, as águas doces, e todos os orixás tentaram contribuir com folhas, pedras e outros elementos. Estavam todos já desolados quando

a orixá Iku, que tudo observava, teve uma ideia, pegou um punhado de barro e misturando com água criou vários bonecos. Olorum ao ver aquelas figuras humanas feitas a partir do barro achou bom, soprou em suas narinas, dando-lhes vida. Iku então ficou muito feliz e vaidosa, pois ela tinha ofertado o elemento certo para fazer os seres humanos.

Os outros orixás começaram a se afastar tristes, pois nenhum dos elementos trazidos por eles tinham servido para criar os homens.

Iansã então foi conversar com Oxalá e lhe disse:

Iansã – Irmão, nós trabalhamos com afinco, trouxemos tudo que há de valoroso, e nosso trabalho foi todo em vão. Nada serviu. Será que todo amor colocado por nós não poderia ser de alguma forma recompensado?

Oxalá do alto de sua sabedoria concordou com eles dois. Separou os homens em grupos e colocou dentro de cada cabeça os elementos trazidos pelos orixás, dando ao homem assim a sua origem divina. Os orixás ficaram felizes e orgulhosos vendo os seus filhos e estendeu sobre eles a sua proteção.

Estavam o orum e o ayê ligados como um só lugar. Os orixás moravam no Orum, mas os homens podiam ir até eles quando quisesse.

### *Exu*

Depois que Odudwa criou o mundo e Oxalá criou os homens, eles foram descansar, mas Exu começou a trocar tudo de lugar. Lugar de mulher não é em casa, cuidando de filho. Mulher tem que ser valente, ir pra caça, ir pra guerra. Lugar de homem não é no mato, nem na guerra. Homem tem que ficar em casa fazendo comida e cuidando de criança.

Sol, o dia não é seu lugar. Já pensou, que bonito, o sol brilhando na noite... Vá para a noite, sol. Lua, a noite não é o seu lugar. Imagine, que bonito, a lua branca no céu azul claro... Vá para o dia, lua.

Quando Obàátalá acordou, repôs o equilíbrio, mas Exú já tinha dado movimento ao mundo.

Ele representa as ações que rompem o destino, que desafiam o pré-determinado e o estado atual das coisas.

Exú fala todas as línguas, ele é o mensageiro dos Deuses. O princípio da transformação. Exú é o orixá que mata um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje! Laroíê!

### *Oxóssi*

Uma flecha no meio do fogo e o fogo se apagou. Uma flecha no meio do sol e o sol sumiu.

No reino de Ifé, terra do grande rei Olofin e de todos os Iorubas, os tambores rufavam alto para celebrar a fartura da colheita de inhame. Vinham pessoas de todas as tribos... até daquelas mais distantes que levam 30 luas e 30 alvoradas para alcançar. O rei Olofin mandava convidar a todos, fazia questão da presença de cada um ... e ninguém podia comer os novos inhames antes da grande festa.

Rei - É chegado o grande dia! Olorum nos agraciou com uma farta colheita e devemos festejar.

Bebam e comam a vontade!

Mas, enquanto estavam todos saboreando os inhames e bebendo o vinho de palma, apareceu um grande pássaro, enviado pelas feiticeiras que estavam enfurecidas, pois não foram convidadas. O pássaro voou de um lado e de outro e pousou no alto fazendo uma grande sombra escurecendo tudo ao redor, preso em suas garras estava uma linda cabaça.

Convidado 1 - Ah! Que esquisita surpresa!

Convidado 2 - Ih! Que estraga prazeres!

Convidado 3 - Oh! Bicho feio de dar dó.

Convidado 4 - Sinistro que nem o urubu.

Rei – Como nos livramos desse bicho?

Todos - Vamos chamar os melhores caçadores de Ifé!

De Idô, veio o caçador das vinte flechas que arma o arco e lança a primeira flecha, a segunda, a terceira, a vigésima flecha, porém nenhuma atinge o pássaro.

De Moré, veio, o caçador das quarenta flechas. Ele se prepara e lança a primeira, a segunda, as quarenta flechas e, mais uma vez, nenhuma atinge o pássaro.

De Ilarê, vem o caçador das cinquenta flechas. Ele se prepara, lança a primeira flecha, a segunda, as cinquenta flechas e não consegue acertar o bicho.

O rei, coitado, mais desolado e mais impaciente sem acreditar no que estava acontecendo.

Mas eis que de Iremã chega: o caçador de uma flecha só? Sim de uma flecha só. Quando ele diz isso, sua mãe se desespera e corre para consultar o babalaô – o adivinho do reino – para saber o que fazer para ajudar o seu único filho. O babalaô lhe disse que seu filho estava a um passo da morte ou da riqueza. Que ela fizesse uma oferenda e a morte então se transformaria em riqueza. Ensinou-lhe fazer uma oferenda que agradasse as feiticeiras. A mãe organizou tudo e foi se aproximando do pássaro com a oferenda dizendo três vezes:

- Que o grande pássaro aceite a minha oferenda!

O feitiço pronunciado pela mãe chegou ao grande pássaro. As feiticeiras aceitaram a oferenda. Foi no momento exato que o caçador atirava sua única flecha. A flecha ultrapassou a barreira

do feitiço e atingiu a cabaça que rodopiou, rodopiou, rodopiou e caiu no chão. Quebrou-se em infinitas partes e de dentro da cabaça saltaram as histórias do povo Yorubá. O pássaro então levantou vôo para longe da cidade.

Viva Oxóssi! Okê arô!

Okê! Okê arô!

*Nosso Tempo é Agora*

Somos o tempo repartido em mil pedaços no meu encontro contigo formamos um novo segundo e a nossa experiência nos propiciou uma bela história.

Ao sair daqui hoje leva contigo histórias dos Deuses de uma terra distante. E que as benção dos teus Deuses te alcancem com muita saúde e alegria

Mas não esqueça que a sua história é muito preciosa,

por que em ti habita a divindade, e não importa o seu credo, a sua cor, a sua raça, o seu gênero, ou de onde venhas, guarda em teu coração a memória desse tempo em que estivemos juntos.

Por que aqui nos encontramos? Os fios do tempo nos entrelaçaram.

E esse tempo não é substituível.

Por que o nosso tempo é agora!